

3º LIVRO DA SÉRIE

BRUXOS E BRUXAS O FOGO



BEST-SELLER #1 DO *THE NEW YORK TIMES*

JAMES PATTERSON
e Jill Dembowski





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Sumário

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[Whit](#)

[LIVRO UM](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[LIVRO DOIS](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[Capítulo 68](#)

[Capítulo 69](#)

[Capítulo 70](#)

[Capítulo 71](#)

[Capítulo 72](#)

[Capítulo 73](#)

[Capítulo 74](#)

[Capítulo 75](#)

[Capítulo 76](#)

[Capítulo 77](#)

[Capítulo 78](#)

[Capítulo 79](#)

[Capítulo 80](#)

[Capítulo 81](#)

[Capítulo 82](#)

[Capítulo 83](#)

[Capítulo 84](#)

[Capítulo 85](#)

[EPÍLOGO](#)

[Capítulo 86](#)

[Capítulo 87](#)

[Capítulo 88](#)

[Notas](#)

3º LIVRO DA SÉRIE

BRUXOS E BRUXAS

O FOGO

JAMES PATTERSON

e Jill Dembowski

Tradução:
Ana Paula Corradini



Esta edição foi publicada sob acordo com Little, Brown and Company,
New York, New York, USA.

Título original: The Fire

Copyright © 2011 by James Patterson

Copyright © 2014 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2014

Produção editorial:

Equipe Novo Conceito

Capa original: David Caplan | Sean Freeman

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Patterson, James

O fogo / James Patterson e Jill Dembowskí ; tradução Ana Paula Corradini. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: The fire

ISBN 978-85-8163-397-8

1. Ficção de fantasia 2. Ficção norte-americana

I. Dembowskí, Jill. II. Título.

13-13848 | CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de fantasia : Literatura norte-americana 813.5



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

*Para Jack, que me fez percorrer essa estrada longa, mágica
e cheia de curvas. Um dia você será rei, e um rei muito bom.*

— J.P.

*Para Bobbie Dembowski, que me ensinou a magia das palavras,
e Mark Dembowski, que torce mais alto que qualquer louco por futebol. ILYIHYNDYTBPIWW!*

— J.D.

Seja bem-vindo ao seu pior pesadelo, ou talvez a um pesadelo tão terrível que você nem consiga imaginá-lo. Um mundo em que tudo mudou. Não há mais livros, nem filmes, nem música, nem liberdade de expressão. Qualquer pessoa com menos de 18 anos não merece confiança. Você e sua família podem ser presos a qualquer momento. Sua vida é dispensável; até mesmo indesejável.

Que mundo é esse? Onde algo assim pode ter acontecido? Não interessa. O problema aqui é outro.

A verdade é que ACONTECEU. E continua acontecendo agora mesmo. Se você não parar, prestar atenção e tomar cuidado, pode acontecer no seu mundo também.

Whit

Você quer um conto de fadas, né? Bom, acho que não vai rolar.

Tudo bem, aqui temos aventura, é verdade. E temos magia, assassinato e intriga. E também temos o cara mais malvado e cruel que qualquer monstro ou louco que habitava os pesadelos mais terríveis da sua infância.

Mas não temos heróis. Não posso ser o herói de vocês, não mais; não depois de tudo o que aconteceu.

Foi assim.

Havia um grande orador, inteligente e carismático. Multidões vinham de toda a Superfície, hipnotizadas por suas promessas. Era chamado de O Único Que É O Único por uma razão: ele era o escolhido, aquele que mudaria o mundo. E, só depois de ele arrancar tudo de todo mundo, as pessoas perceberam o que tinham escolhido.

Primeiro vimos nossos livros sendo queimados, as espirais cinzas de fumaça sufocando nossos protestos. E então nossa arte e nossa música desapareceram, e o que restou de nossa liberdade não demoraria para sumir. Bandeiras vermelhas foram estendidas do topo dos prédios mais altos, e as cinzas choveram junto com as bombas. Prisões ficaram superlotadas de crianças e jovens, que, quando foram libertados, não eram mais jovens, mas guerreiros de olhos vermelhos, treinados em regime de tortura.

Foi pelo bem geral, O Único disse. “A Nova Ordem”, assim ele a chamou.

As Profecias falam de duas pessoas que vão alterar o curso dessa história. Uma menina e um menino, uma bruxa e um bruxo. Minha irmã e eu, Wisty e Whit Allgood. E ficamos tão surpresos quanto qualquer outra pessoa. Foi assustador.

Tentamos ser seus heróis, tentamos cumprir nosso destino. Com os poderes que tínhamos acabado de descobrir, oferecemos esperança. Entramos para o movimento da Resistência e nos infiltramos nas prisões. Protestamos contra a Nova Ordem e defendemos a paz.

Mas, depois do último bombardeio, minha irmã e todos que estavam lutando pela liberdade se espalharam como sementes ao vento; a Resistência inteira se dissipou. Até nossos pais desapareceram em uma nuvem de fumaça. Os gritos deles ainda ecoam em meus ouvidos.

Fiquei sozinho. Pensei que não tivesse mais nada a oferecer. Mas daí veio a peste. Era a minha última chance de tentar fazer a diferença. Entrei em casas tomadas por doenças e que cheiravam a morte. Levei crianças sangrando para clínicas e abrigos. E, em uma dessas clínicas, encontrei minha irmã trabalhando como enfermeira, ajudando aos outros como eu os tinha ajudado; esperando, como eu, por um futuro melhor.

Mas Wisty ficou doente.

Agora, os olhos do Único Que É O Único, brilhantes e cruéis, me olham tirando uma da minha cara do alto de *outdoors*. Eu, que tinha pensado que poderia lutar contra ele. E que poderia vencê-lo. Acho que estava errado. Sabe, sem nós dois juntos, Wisty e eu, não há história, nem futuro, nem esperança.

E ela está morrendo.

Bem, aqui estamos nós. É o fim. Isto aqui não é um conto de fadas, e não rola um “felizes para

sempre”. Nosso mundo não acaba quando você fecha o livro. Nosso mundo é real. Real demais. Nele se ouvem crianças gritando na escuridão e coturnos de soldados marchando como trovões pelas ruas. Tem cheiro de esgoto e doença e derrota. E pesa tanto quanto o corpo da minha irmã se contorcendo em meus braços.

E tem gosto de sangue.

LIVRO UM

**FERIADO
SANGRENTO**

Capítulo 1

Whit

Meus pulmões estão estourando. Se ela morrer, morro também.

Estamos passando a toda a velocidade pelas ruas estreitas, frias e úmidas da capital, correndo para salvar nossas vidas da polícia da Nova Ordem e de seus lobos treinados. Minhas panturrilhas queimam, meus ombros doem e minha mente está anestesiada depois de tudo o que aconteceu.

Não há mais liberdade. Então, não há para onde fugir.

Passo cambaleando por esse mundo estranho e horroroso que herdamos, por uma multidão de gente doente que treme por causa de muito mais que frio. Um homem cai aos meus pés, e sou obrigado a dar um empurrão em uma mulher segurando um bebê e berrando: “O Único já fez seu julgamento! Ele julgou você!”.

E mais: tem o sangue. Mães coçam suas feridas abertas e crianças tosse em lenços manchados de vermelho. Metade dos pobres da cidade está morrendo da Peste do Sangue.

E minha irmã é um deles.

Wisty está mais pálida que o normal. Seu corpo fraquinho está ajeitado nas minhas costas, e seus braços finos estão em volta do meu pescoço. Ela está sofrendo, mal consegue respirar. Está sussurrando alguma coisa sobre nossos pais, e sinto como se estivesse arrancando meu coração do peito.

A rua está cheia de cidadãos com os olhos vidrados correndo para o trabalho. Um cara de terno me dá um empurrão com o ombro que me manda para a guia, e um velho, que parece me reconhecer, resmunga alguma coisa sobre “artes das trevas” e dá uma cuspidinha no meu rosto. Todo mundo já passou por uma lavagem cerebral ou foi torturado até se tornar “normal”. Ainda ouço os gritos das pessoas sendo abusadas enquanto os brutamontes passam por elas um quarteirão atrás de nós.

Eles estão cada vez mais perto.

Vejo os lobos esticando suas correntes, a espuma se formando nos dentes arreganhados enquanto puxam nossos perseguidores à frente. Com falhas no pelo e a carne apodrecendo, são os cães de guarda de Satã da vida real. Algo me diz que, se ou quando a polícia da Nova Ordem nos pegar, esses animais não vão se preocupar em poupar forças.

Tem que haver alguma porta aberta ou uma loja onde possamos entrar de fininho, mas só vejo as faixas e bandeiras vermelhas e imponentes de propaganda política que recobrem todos os prédios. Estamos literalmente cercados pela Nova Ordem.

Eles estão bem atrás de nós. O policial à frente é um dos simpatizantes mais empolgados da causa, e parece um furão. Sob um chapéu oficial que traz a insígnia da N.O., seu rosto está vermelho como um pimentão. Ele berra meu nome e empunha um cassete de metal, que, pelo jeito, vai fazer um bom trabalho ao detonar minhas canelas.

Ou meu crânio.

Não. Não é assim que eu vou. Nós temos o poder. Pensei no pai e na mãe, nos rostos deles enquanto a fumaça se aproximava dos dois. Vamos nos vingar. Sinto uma onda de inspiração rebelde enquanto versos de um poema banido invadem minha cabeça junto com a marcha dos

coturnos dos soldados.

“Ergam-se como leões após o sono / Em número invencível.”^[1] Abaixo a cabeça, seguro Wisty com mais força e continuo correndo por entre as multidões atingidas pela peste. Não vou desistir.

“Libertem-se de suas correntes como se fossem orvalho.” Eu me livro daquele monte de pessoas e vejo uma abertura ao final da rua. “Que à noite lhe cobriu o rosto / Nós somos muitos; eles são poucos.” Nós éramos muitos, mesmo, quando a Resistência ainda colecionava vitórias. Vejo os rostos de todo mundo num *flash*: Janine, Emmet, Sasha, Jamilla. E Margô. Coitada da Margô! Nossos amigos já desapareceram há muito tempo.

Agora sou só eu.

Passo correndo pelo beco e chego a uma praça enorme. Uma multidão se junta, olha ao redor como se estivesse esperando alguma coisa. Então, uma dúzia de telões de alta definição de uns 15 metros de altura se acende, cercando todo mundo e transmitindo as últimas notícias da Nova Ordem. Com todos distraídos, é o momento perfeito para tentar encontrar uma saída dessa armadilha mortal. Mas, dessa vez, não consigo desgrudar os olhos da notícia.

É o *replay* da execução pública dos meus pais.

Minha cabeça gira enquanto meu pai e minha mãe olham para nós lá de cima, tentando demonstrar o máximo de coragem possível ao encarar aquela multidão que os odeia. E, enquanto vejo as pessoas que mais amei no mundo desaparecerem na fumaça pela segunda vez, ouço os resmungos histéricos e delirantes de Wisty.

— *Não!* — Ela se contorce no meu corpo, tentando esticar os braços para os dois exatamente como naquele dia. — Ajude nossos pais, Whit! — ela berra. — Temos que ajudar o pai e a mãe!

Ela acha que está assistindo à execução *de verdade* dos nossos pais de novo.

Antes que eu tente acalmar minha irmã, ela começa a tossir e eu sinto uma coisa quente e molhada escorrendo por meu pescoço e meus ombros. Seguro a ânsia de vômito, mas o pior dessa história é que essa coisa escorrendo pelas laterais do meu corpo está cheia de sangue.

Ela não tem muito tempo.

Whit

Preciso levar Wisty para um lugar seguro, tipo, agora. Parece que conseguimos nos livrar daqueles porcos malditos e de seus cassetes por alguns segundos preciosos, então, me viro para tentar encontrar outro beco... e quase bato com tudo no meu próprio rosto. Dou um passo cambaleando para trás, sentindo um arrepio na espinha.

E então os vejo.

Uma centena de pôsteres, ou milhares deles, vai saber, em cada poste e janela. Wisty e eu.

**WISTERIA ROSE ALLGOOD e
WHITFORD P. ALLGOOD.**

BRUXA E BRUXO.

CRIMINOSOS ALTAMENTE PERIGOSOS.

PROCURADOS VIVOS.

QUASE MORTOS: ACEITÁVEL.

Giro ao meu redor de novo, mal consigo respirar. Sinto olhares sobre mim vindos de todos os cantos. Uma velha sorri para nós com a boca banguela. Uns caras de terno passam trotando pelos degraus de mármore do prédio do Capitólio, apontando seus charutos em nossa direção. Tem uma menininha mais ao lado, os olhos cinza fixos em mim. Ela sabe.

Todos eles sabem.

Bem na hora, o esquadrão de soldados entra correndo na praça, virando a cabeça e nos procurando. E, como uma cena tirada de um filme de terror, os lobos zumbis começam a uivar.

Vejo daqui um prédio de pedra pequeno e meio destruído pelos bombardeios ao final de uma rua lateral; parece um bom esconderijo. Pelo menos é melhor que sentir as mandíbulas daqueles cães de rua meio mortos. Vou de fininho até lá, tento chamar o mínimo de atenção e entro pela porta lateral.

Uma pintura gigantesca do O Único Que É O Único me recebe, a cabeça careca e os olhos *Technicolor* me olhando lá de cima, e uma placa na parede com os escritos: “CONFESSE SEUS CRIMES À NOVA ORDEM E VOCÊ SERÁ POUPADO. O ÚNICO JÁ SABE DE TUDO”. Vejo cartuchos de bala no chão.

Putz, isso aqui pode ser... uma cilada.

Mas não tem ninguém aqui. Estamos seguros, por enquanto.

Meus ombros e os músculos da minha lombar estão quase gritando de dor, coloco minha irmã no chão. Ela é a própria imagem da morte. Eu a coloco sentada no meu colo.

— Por favor, Wisty — imploro, limpando o rosto dela com minha camisa. — Fique aqui

comigo.

Seu cabelo ruivo está molhado de suor, mas ela está batendo os dentes. Seguro sua mão úmida e gelada, sussurro as palavras de alguns de meus feitiços infalíveis de cura, e junto toda pontinha de esperança que ainda tenho nessa mistura.

Mas... nada funciona.

Será que meu poder secou? Sou um bruxo, mas não consigo nem salvar minha própria irmã. Ela é tudo na minha vida, minha melhor amiga. Não posso simplesmente ficar sentado aqui e ver Wisty ficar cada vez mais fraca, assistir a seus olhos incharem enquanto o sangue escorre para dentro deles, acompanhar enquanto ela fica consciente e apaga de novo, até seu mundo ficar na escuridão para sempre. Não posso continuar assistindo à morte das pessoas que mais amo na vida.

Já fiz isso.

Duas vezes.

Estremeço, pensando no pai e na mãe. “Se eles tivessem me ensinado um pouco mais sobre como dominar esse poder antes...”

Não consigo terminar o pensamento.

Não é apenas um problema com meus poderes, tenho certeza. Tem alguma coisa no ar, aqui na capital, como se O Único o tivesse envenenado, ou algo do tipo, e que está transformando os seguidores da Nova Ordem em pessoas vazias, que só sabem concordar, e como se os pobres dissidentes em potencial estivessem se transformando em vítimas da Peste do Sangue, se contorcendo e resmungando pelas ruas.

— Por que você teve que se oferecer para trabalhar como voluntária naquele campo maldito para vítimas da peste e ficar doente, Wisty? — sussurro para ela em meio a lágrimas de raiva. — Já vimos do que O Único é capaz, e, se ele quiser que cada pessoa com pensamento livre no gueto fique doente, não tem feitiço de cura nesse mundo que vá tornar você imune!

Eu *preciso* da minha irmã, a sabe-tudo irritante, a líder rebelde, a maior ameaça à Nova Ordem, a roqueira inesperada, a bruxa extraordinária... Não posso fazer isso sozinho. Não; não posso fazer isso sem *ela*. Ela era a única pessoa que eu tinha no mundo.

Minha respiração fica presa na garganta. Já estou pensando na Wisty usando o verbo no passado.

Sinto tudo em mim explodir de uma vez só. Dou um soco na pintura do Único, mas, como se fosse feita de metal, minha mão lateja de dor.

— Eu não faria isso se fosse você — diz uma voz vinda da porta. Eu me viro para ver um soldado jovem, que, pelo jeito, está usando o uniforme do pai, grande demais para ele, apontando uma arma para mim.

Quase dou risada. *Esse* é o imbecil que vai nos levar embora?

— É, eu meio que já sabia disso. Valeu — respondo, protegendo minha mão machucada. Olho para trás dele. Parece que ninguém seguiu esse cara até aqui.

— Em favor da Nova Ordem e em nome do Único Que É O Único — ele olha para cima e faz reverência para a pintura —, exijo que você renda seus poderes e me entregue A Única Que

Tem O Dom.

Ele está falando da Wisty. O Único quer o fogo dela. Dou alguns passos em direção à minha irmã, tentando protegê-la. A pontaria da arma me acompanha e aponta bem entre os meus olhos.

— Parado aí, bruxo! — a voz adolescente dele desafina. — Mais um passo e mando você daqui para a próxima dimensão. — É como se ele tivesse ensaiado essas falas brincando com seus soldadinhos de brinquedo.

— Na verdade, eu já fui para a próxima dimensão. — Tiro um sarro. — A Terra das Sombras não é tão ruim assim. — Mesmo com a mão machucada, eu poderia jogar esse cara no chão rapidinho, se chegasse um pouco mais perto.

Quando ele percebe que não estou nem aí, sua expressão azeda demonstra toda a sua insolência, e ele decide fazer ameaças mais sérias.

— Ou então posso matar *a menina* — ele diz, apontando a arma para Wisty. — Até me dariam uma medalha.

Não dariam, não. Ficariam loucos da vida se ele destruísse o potencial de tanto poder, e provavelmente o executariam na hora. Mas não digo nada; minha atenção está concentrada no dedo dele, que brinca sobre o gatilho.

— Então, tá. Não precisa exagerar — digo, erguendo as mãos. — Vamos nos acalmar. — Tento manter minha voz num tom normal.

Menino-soldado com lavagem cerebral. Quando a primeira morte ainda parece um jogo, quando ainda parece que a vítima vai se sentar e pedir para jogar de novo.

Mas Wisty não vai.

O silêncio fica suspenso entre nós enquanto o moleque debate com a consciência e o orgulho. Eu já sei qual vai vencer, qual sempre vence. Ele estreita os olhos para o alvo, seu dedo fica tenso. Começo a suar, pronto para me jogar à frente da minha irmã.

Mas, antes que eu consiga chegar até ela, os olhos dele tremem e ele se esborracha no chão.

Solto o ar bem devagar. “Mas o que acabou de acontecer? Será que meu poder finalmente acordou e foi com tudo para cima dele? Será que consegui mandar um espasmo bem no alvo?”

Não. Alguma coisa acertou o moleque na parte de trás da cabeça. Vejo um objeto rolando pelo chão ao lado dele, até parar. Um *globo de neve*?

Atrás dele está aquela menininha de olhos arregalados e rosto sujo que me observou na praça. Ela parece destemida e sua boca entorta para o lado de tanta irritação.

A expressão dela meio que me faz lembrar da Wisty quando estava muito brava comigo. A menina está do lado de fora da porta, fazendo um gesto e me chamando para ir para o beco.

— Você só vai ficar aí de boca aberta, ô menino bruxo? Tem muito mais de onde isso veio, se você quiser tirar uma soneca.

Capítulo 3

Whit

— Você tem duas opções — a justiceira mirim declara.

Olho para ela com cara de quem está no limite. Vai saber se ela está mesmo do nosso lado. Já usaram crianças para se aproximar de nós antes, e quase não há rebeldes na capital. Está rolando uma recompensa pela nossa captura; está na cara; talvez a intenção dela não seja nada boa.

Ela está imunda e é só pele e osso, mas tem uma expressão confiante estampada no rosto. O mais estranho mesmo é que ela está usando chifres de rena.

E então me ligo: o Feriado.

Em meio a todo esse pânico, nem me lembrei disso. Apesar de ser proibido sob pena de morte comemorar o Feriado, agora vejo sinais dele por toda parte ao olhar pela janela: fitas grampeadas nas bandeiras da Nova Ordem, velas tremulando nos batentes das janelas, esculturas de gelo que deixavam Wisty e nossa mãe loucas, mas essas aqui são homenagens para O Único.

— Você tem duas opções — a menina repete, sem paciência —, e a escolha será *sua*, somente sua.

Ela está com as mãos na cintura, os olhos brilhantes e redondos quase saltam do rostinho. Deve ter uns 7 ou 8 anos, mas seus olhos parecem muito mais velhos, como os dos elfos mirradinhos de uma série que eu e a Wisty adorávamos ler, *O Senhor das Pulseiras*, da época em que curtíamos literatura fantástica e nem sabíamos que tínhamos poderes mágicos *de verdade*.

— Você pode vir comigo ou deixar a menina ruiva morrer. Para mim, tanto faz — declara a pequena fonte de boa vontade, como se a morte fosse algo que ela conhecesse intimamente ou como se já tivesse perdido a paciência comigo. — Você tem que deixar a menina aí e se salvar. — Ela olha para Wisty e faz cara feia. — Eu faria isso.

Capítulo 4

Whit

— Pearl Marie Neederman — ela disse de má vontade, sem estender a mão para me cumprimentar. — Minha casa não fica longe.

Com a pulga atrás da orelha, sigo a menina. Passamos pela parte de trás do prédio e entramos abaixados num beco barrado por cordas e com uma placa que diz: “zona de quarentena”. Bom, carregar minha irmã quase morta nas costas de volta para a praça pública cheia de soldados também não me parece uma boa opção.

Pearl Marie é pequena, mas rápida como um relâmpago, mesmo carregando uma bolsa grande. Com Wisty nos braços, mal consigo seguir o ritmo da menininha, passando por baixo de cercas e ao redor de bondes com seus chifrinhos de rena balançando na cabeça.

Não tem mais ninguém na rua a não ser doentes da Peste do Sangue, e mais de um rosto desconfiado bate a porta ou fecha as cortinas quando passamos. Ficaria ofendido se não estivesse coberto pelo vômito da Wisty.

Depois de uns 500 metros, a polícia está na nossa cola de novo, batendo seus cassetetes com tudo em barracas de feira abandonadas na rua e berrando todo tipo de xingamento pelas nossas costas. Mas as vítimas da peste são sempre maltratadas por eles e querem vingança. Eu me viro e vejo uma galera doente caindo de pau em cima de alguns soldados, e os gritos dos homens se abafam enquanto são arrastados para dentro de um bueiro.

As pombas se assustam com os gritos cheios de medo que ecoam pelo beco, e logo não ouvimos mais os passos dos coturnos no asfalto. Muitos dos policiais estão voltando.

Ou já foram contaminados.

Esse labirinto cheio de curvas me deixa tonto. Wisty está ficando cada vez mais pesada. Mesmo com os policiais longe, Pearl continua seguindo em frente a toda a velocidade e, pelo jeito, correndo em círculos, como um cachorro que não desiste de perseguir um coelho.

Quando estou prestes a reclamar e deixar essa menina para lá, ela se vira para trás e diz:

— Aqui. — Ela aponta para o que parece uma pilha de entulho.

— Hum, me desculpe ser direto assim, Pearl Marie, mas pelo jeito os bombardeios da Nova Ordem chegaram aqui antes.

A menina suspira, como se eu a tivesse decepcionado completamente.

— Você não é um bruxo de verdade, né? É aqui, ó, seu bocó!

Sigo a menina e faço uma manobra para passar com a Wisty por uma entrada lateral estreita, que dá para um apartamento triste de um cômodo em um porão. Tenho de me agachar para passar pela porta. Quase não há luz ali, e cheira a naftalina e desinfetante.

Pearl Marie larga a bolsa no chão e fica andando à minha volta.

— Você pode largar a bruxa onde quiser — ela diz, como se minha irmã fosse um casaco ou um par de sapatos.

— Cadê... o resto do pessoal? — noto os trapos de cobertor e roupa de cama que cobrem o

chão. Está na cara que tem um monte de gente que mora ali há algum tempo.

Pearl cai numa risada meio triste.

— Ah, eles estão lá fora fazendo alguma coisa muito importante. Sabe como é: procurando por comida, coisas para salvar nossa família, e não brincando de abracadabra ou balançando a mão como se fosse sair um relâmpago do dedo.

Estreito os olhos. Tudo bem que não estou com meus poderes em dia no momento, mas quem é essa pirralha?

— Olhe, podemos ir embora agora mesmo...

— Não! Fiquem. — Sua expressão fica mais amigável. — O pessoal vai chegar daqui a pouco. E tenho uma coisa para mostrar para você, passei o dia recolhendo. Eles me deram a tarefa mais importante de todas — diz ela, e abre um sorriso.

Estou esperando ver comida ou cobertores ou dinheiro que ela poderia ter roubado de um imbecil da Nova Ordem para comprar remédio ou subornar soldados. Mas Pearl abriu a bolsa com tanto cuidado que, por um segundo, pensei que pudesse ser uma coisa importante de verdade, até mais importante que dinheiro, como um bebê ou um filhotinho de cachorro, sei lá. Mas são...

Enfeites para o feriado? E pior: enfeites *quebrados*.

Mas é claro. Agora o globo de neve faz sentido. E os chifrinhos de rena.

— Eles não são... lindos? — Pearl pergunta com um suspiro, maravilhada. Tenho de admitir que são bonitos mesmo, de vidro brilhante espatifado e luzes coloridas quebradas.

Estou perdendo a paciência. Os enfeites são legaizinhos e tal, mas parece que essa menina está tirando uma com a minha cara. Minha irmã está *morrendo*. Wisty se vira de um lado para o outro no chão, agarrando os cobertores com desespero, e Pearl continua com o olhar vidrado nas luzes quebradas, como se tivessem poderes secretos. Enfim, ela nota minha impaciência e coloca a bolsa no chão, com todo o cuidado, tira uns panos meio bolorentos e os molha num balde em posição estratégica para recolher a água das goteiras no teto.

Pearl coloca uma compressa na testa da minha irmã. Seguro a barra enquanto Wisty geme:

— Mãe, me deixa morrer. Por favor. Só me deixa morrer.

— Ah, mas você vai — Pearl Marie responde baixinho. — Você vai.

Capítulo 5

Whit

Estou quase xingando Pearl Marie por toda essa crueldade quando a porta se abre com tudo e eu fico tenso, na defensiva.

Mas esse pelotão não é da N.O. É uma família. Mal tenho tempo de piscar, Pearl Marie desaparece em um mar de abraços e alguém me segura pelo ombro e me vira para o outro lado.

Um homem grisalho e mais velho me olha de cima a baixo e faz que não com a cabeça.

— Mama May não vai gostar nada disso aqui — diz ele, com o rosto sério, mas percebo que seus olhos estão mais surpresos que zangados. Antes que eu pergunte quem é Mama May, ele vê Wisty no canto da sala, com a camisa coberta de sangue, e se arrepia.

— Aquela é sua garota? Não está muito bem, né?

— É minha irmã. — Faço que sim com a cabeça, sem saber se consigo dizer mais uma palavra sem cair no choro na frente desse cara. — Ela é corajosa.

Rola um momento longo de silêncio entre nós que reforça como Wisty está passando mal.

Tempo demais. Silêncio demais. Noto um grupo de mulheres do outro lado do cômodo, com o mesmo cabelo preto e escorrido da Pearl. Todas estão me olhando de lado e cochichando.

“Elas nos odeiam”, penso. “Só estão esperando Wisty morrer para voltarem a se sentir um pouco mais seguras.”

Estou quase começando a ficar com raiva desse homem, mas então ele segura minha mão bem forte e me olha intensamente.

— Me chamo Hewitt. Se precisar de alguma coisa, é só pedir. — Ele olha para as mulheres nos encarando e dá uma risadinha. — Não se preocupe com elas. São paranoicas. Mama May vai dar um jeito nisso.

Logo fico sabendo que Mama May é a mãe da Pearl Marie. No momento em que ela entra, o cômodo fica mais quente. Ela ocupa bastante espaço. Literalmente. Sua circunferência contrasta com o resto de sua família de pernas finas, mas ela tem uma presença forte. Sua risada alta e contagiante quase me faz acreditar que não estamos órfãos nesse mundo controlado por um psicopata com complexo de Deus. E eu quase acredito que estamos *em casa*.

Mas, quando Mama May lança um olhar para Wisty e eu, seu rosto fica pálido e ela faz uma cara tão brava que fica parecendo uma garoupa gigante e muito decepcionada.

— Pearl, querida, venha cá. Não sei se é uma boa ideia... — Mama May ergue uma sobrancelha na direção de Wisty. — Já perdemos tanta gente com a Peste do Sangue, e, como eles estão sendo procurados e tudo...

Pearl faz uma cara tão inocente que quase parece que colocou uma máscara; é a expressão que só uma filha caçula consegue fazer.

— Mama, por favor, deixe eles ficarem. Se fosse para pegarmos essa peste, já estaríamos todos doentes. E olha só para ela. Ela vai morrer logo, logo, mesmo.

Noto que ela nem toca no assunto de que somos “procurados”.

Pearl coloca a mão na cintura e olha para a mãe com olhos de cachorro-pidão. Ela deve conseguir o que quer, mesmo com Mama May, e, antes mesmo de dizer “É o Feriado. Temos que fazer o que é certo”, já sei que Mama vai ceder.

Meia hora depois, apesar de Mama May nos deixar ficar, a maior parte da família de Pearl ainda está nos encarando com uma hostilidade nervosa. Bom, na verdade, eles são como qualquer outra família que passou por tempos difíceis sob o regime da N.O.: têm rugas mais profundas no rosto por verem seus filhos sendo levados para prisões disciplinares; olheiras sob os olhos de noites e noites sem dormir, esperando pelos bombardeios; e, sem música, arte ou qualquer tipo de expressão no mundo, seus músculos não se lembram mais como é que se faz para sorrir. Mas há, também, um algo a mais. Eles estão morrendo de medo.

São os olhos deles. Aquele cinza prateado é hipnotizante e exige responsabilidade; não consigo desviar o olhar. É como se estivessem sendo assombrados. Chamo Pearl de lado e faço um gesto na direção do pessoal.

— O que está acontecendo? — pergunto. — Eles estão com medo de quê? Tá, eu sei que somos criminosos procurados, mas eles sabem que ninguém nem imagina que estamos aqui, né?

Ela me encara cheia de coragem.

— Como assim eles estão com medo de quê? Do que todo mundo na Superfície morre de medo? Não é porque vocês estão fugindo. É porque vocês já estiveram envolvidos com *ele*.

— Com O Único? Mas por que ele faria... — Só quero dizer que com certeza os Neederman não são tão importantes assim para a Nova Ordem. Afinal, eles não fazem parte da Resistência.

— Shhh! — ela sibila, com terror nos olhos. — Não dizemos *esse* nome nesta casa. — Ela pega meu braço e me arrasta para um canto, ainda mais longe dos outros, e pelo jeito o cochicho aumentou. — Nós somos quase os últimos que sobraram — Pearl diz, séria. Olho para ela sem entender, e ela aponta para as velas e imagens pelo cômodo, os sinais da devoção à sua religião. — Os únicos que ainda acreditam no Feriado e em tudo que essa data representa, os únicos que ainda têm fé — ela diz. — E tem espiões por todos os cantos.

— Mas deve existir mais gente que ainda... pratica... — tento seguir com a conversa, pensando nas decorações ilegais do Feriado na praça pública, sinais claros de que outras famílias religiosas ainda estão resistindo.

Ela faz que não com a cabeça.

— Agora todo mundo só acredita *nele*. No começo, nos reuníamos num salão. Pensávamos que fosse seguro, que respeitariam aquele lugar sagrado. Mas acabamos nos tornando um alvo gigante. Ele mandou uns caras de confiança fazerem o trabalho sujo.

Pearl parece hipnotizada, como se estivesse assistindo a tudo acontecer de novo, um filme que passava por seus olhos.

— Um desses caras aprendeu um pouco da magia do mal dele. Ele queria colocar as mãos sobre nossas cabeças. Umas crianças foram direto para ele, pensando que seriam abençoadas, como antigamente. Fiquei para trás, mas meu irmão não, não Zig. Ziggy era inteligente, mas tinha mais fé que qualquer um de nós. — Pearl abre um sorriso amarelo, se lembra de tudo, e, então, sua expressão fica mais sombria. — E o homem mau não parava de sorrir e colocou a mão sobre a testa de Ziggy. Ziggy estava sorrindo também. E... e então o rosto do Ziggy... começou a... — ela engole em seco, seus olhos perdem o foco. — *Derreter...* começou a

derreter. — Ela respira fundo. — E eu fiquei ali, gritando por causa do Ziggy, mas... alguém veio e me agarrou. E saímos correndo. Só me lembro disso.

Quase não consigo falar, de tão horrorizado. Pearl está olhando para a frente, sua boca parece uma linha fina.

— Mas agora você está aqui. Você está segura.

Ela dá uma risada fria e sarcástica.

— É. Segura...

Olho para os rostos assustados, os olhos arregalados, e finalmente me cai a ficha. Eu sou um dos caras do mal, por causa do poder que tenho. Minha magia, aos olhos deles, me torna *parecido com ele*, independentemente de como eu a use.

Hewitt se aproxima de nós e olha para o rosto cheio de raiva da Pearl. Ele ergue uma sobrancelha para mim, mas deixa para lá.

— Toma — ele me dá uma vela meia-boca, feita de algum tipo de gordura. — Acendemos essas velas toda noite. Para os mortos. Vamos começar daqui a pouquinho.

Quero perguntar mais coisas sobre Ziggy para Pearl e, principalmente, sobre o cara malvado que derrete rostos de crianças. Mas ela já está se levantando para se juntar à família em um grande círculo. E, com aquela expressão determinada, a boca tensa e amarrada num pequeno nó, está na cara que ela não vai dizer mais nada sobre o pobre Ziggy Neederman.

Wisty

É como se eu estivesse nadando, meu cabelo ruivo e comprido flutua ao meu redor. Estou nadando, meus óculos de natação estão embaçados e meu tanque de oxigênio acabou de se esvaziar. Meus pulmões queimam tanto que, por um segundo, acho que vou pegar fogo, e é a primeira vez que consigo *sentir* isso. A menina que consegue se incendiar. Mas que Dom mais legal, né? Só que não.

Tem um montão de gente ao meu redor, mas ninguém se parece com meu irmão. Cadê o Whit? Eu me lembro vagamente de ele me carregar por aí, mas o que aconteceu desde então? Será que ele está doente? Ou está sendo torturado em algum lugar pelos caras esqueléticos que me capturaram?

Duas crianças olham lá de cima para mim, cutucando meu braço com uma vareta. A mais alta, uma sardentinha exibida com um dente quebrado, está respondendo ao que a outra perguntou.

— Ela é a bruxa ruiva, bocó. Mas não é lá essas coisas pelo jeito, né?

Tento me concentrar mesmo com toda a dor que estou sentindo e reúno todas as minhas energias para mandar um olhar penetrante e mafioso para a fedelha. Para minha satisfação, elas saem de perto de mim, morrendo de medo.

— Ela vai nos transformar em ratos! — a sardenta grita.

Ah, minha reputação é famosa mesmo. Não sei por quê, me dá um grande alívio saber que ainda consigo meter medo nas crianças.

Exausta, caio no meu sono acolchoado mais uma vez.

Quando abro os olhos de novo, já está escuro e vejo velas espalhadas em tudo quanto é canto. Todo mundo que está na sala parece meio chocado, como se tivesse acabado de receber as piores notícias do mundo. Meu coração quase sai pela boca, mas daí vejo meu irmão. Ele está do outro lado da sala, ao lado de uma menininha meio encardida, e meu alívio é tanto que quase desmaio de novo. Queria conseguir chamar a atenção dele, mas não tenho forças para me mexer.

Um homem mais velho, com o rosto marcado e uma trança comprida caindo pelas costas, está liderando um tipo de vigília. Essas pessoas, seja lá quem forem, perderam alguém. Meu coração dói por eles; também conheço esse sentimento de perda.

Pode acreditar.

— Mas não vamos deixar que eles tirem tudo de nós. — O homem marcado pelo tempo olha no rosto de cada um, os olhos cheios de coragem. — Vamos cantar pela família. Vamos cantar pela esperança.

O grupo de sobreviventes sujos e magrelos dá as mãos, e quase não há espaço suficiente para todo mundo nessa sala minúscula. A sala brilha à luz das velas, e o vidro quebrado pendurado no teto resplandece.

De repente, começa a cantoria.

Eles começam a cantar baixinho, mas, à medida que outras vozes se juntam ao coro, o volume aumenta, como as vibrações de um sino ou daquele som meio fúnebre que sai quando você passa o dedo pela borda de um copo. Do tipo que você sente bem dentro de si.

É tão lindo que quase dá vontade de me virar para o outro lado.

Quando percebo o que estão cantando, é como se uma flecha atingisse meu peito. “Noite... feliz.” Mesmo enterrado em tanta dor e saudade, vejo o rosto expressivo do meu pai cantando a letra dessa música na véspera do Feriado, e ouço a voz doce da minha mãe cantarolando o refrão. Um soluço fica estacionado em minha garganta enquanto acompanho a melodia familiar com um sussurro e lágrimas escorrem por minhas bochechas.

Faço contato visual com Whit do outro lado da sala. Ele está olhando para mim como se seu coração estivesse partido, como se estivesse dizendo adeus. Para mim. Faço que não com a cabeça. *Não. Não.*

A luz das velas está ficando embaçada de novo. Estou me afogando em escuridão.

Noite... feliz.

Mas não estou pronta para partir.

Ainda não.

Capítulo 7

Whit

Acordo desorientado na escuridão fria e úmida, com o corpo doendo e sem conseguir enxergar minha irmã. Há figuras sombrias ao meu redor, mas não consigo ver quem são. Alguma coisa me atinge nas costelas, e eu fico de pé num pulo só, os músculos tensos, pronto para acabar com o que quer que seja aquilo. No milissegundo antes de eu me mover para atacar, ouço uma risada de hiena, aguda e tirando uma da minha cara.

— Oooh! — uma voz jovem e familiar me provoca. — Alguém está um pouco estressadinho logo cedo. Vamos, ô moleque bruxo, é hora de ir. — Consigo finalmente enxergar o cabelo de esfregão de Pearl Marie na escuridão, e o dia anterior me atinge como uma onda. Devo ter desmaiado em cima dessa pilha de panos sujos.

— Hora de ir? Para onde? Ainda está escuro lá fora! — resmungo. Afinal, sendo um fugitivo e depois de correr do ser mais poderoso do Universo, assistir de novo à execução de nossos pais, carregar minha irmã à beira da morte por um labirinto de vítimas da peste e lobos treinados, é como se eu tivesse passado por um moedor de carne, física e emocionalmente. Acho que eu conseguiria dormir até o *próximo* Feriado.

— Já passou da hora de reclamar. — Pearl Marie está agachada, fuçando entre os panos sujos. — Você está bom para trabalhar, né? — Aquela sargenta em miniatura começa a jogar uns lençóis na minha cabeça.

— Bom, estou, mas...

Um suéter devorado por traças voa pelo ar.

— Você precisa — um chapéu atinge a minha barriga — fazer a sua parte, como todo mundo. Encontre um disfarce aí. — Abaixo a cabeça quando um cobertor esfarrapado quase acerta o meu nariz. Pearl se levanta e coloca as mãos na cintura. — Todo mundo conhece a sua cara idiota.

— Mas e a Wisty? — protesto. — Não posso deixá-la...

— Sem problemas. — Pearl dá de ombros. — Mama May me disse para ficar perto de casa e de olho nela.

Fico mais tranquilo ao ouvir o nome de Mama May, me lembrando de como os Neederman estão se arriscando ao nos acolher, e como vão pagar caro se alguém um dia descobrir que estamos aqui. Eu devo isso a eles.

Mesmo sem vontade, começo a fuçar nos panos sujos e cheios de crostas. Um minuto depois, já estou vestindo um disfarce que é um tipo de toga feita com um cobertor embolorado, um cachecol desfiado cobrindo meu rosto como uma máscara, e um chapéu gigante.

— Ainda parece que sou eu?

— Muito músculo e pouco cérebro? Aham, com certeza dá para perceber que é você aí embaixo — Pearl faz cara feia.

Dou um suspiro frustrado. Antigamente era tão fácil. Eu conseguia morfar um pouco, me transformar num velho, num pássaro, em quase qualquer coisa que quisesse ser...

“Espera um pouco aí. Tem alguma coisa diferente.” Pearl está me olhando como se não conseguisse acreditar, e sinto as coisas mudando: o formato do meu nariz, o comprimento do meu cabelo... será que isso aqui são covinhas? Pearl me passa um pedaço de vidro do Fериado para que eu veja meu reflexo.

Estou chocado. Depois de dias sentindo meus poderes me abandonando, não acredito que finalmente funcionou! “Quem é o cara? O bruxo é o cara!”

Enquanto isso, Pearl já está se dobrando ao meio de tanto rir.

— Brandon Michael Hatfield? — ela dá uma roncada no meio da risada. — *Sério?*

— O quê? — respondo, sem poder acreditar. — Você o conhece?

— *Brandon. Michael. Hatfield!* — A voz de Pearl sobe uma oitava inteira. — Mas é claro que eu o conheço! — ela dá um gritinho. — Ele era o cara mais gato da antiga Terra Livre! O que eu não sabia é que você tinha a mente de uma pré-adolescente!

A maioria das celebridades tinha sumido do mapa graças ao regime da N.O., porque representavam ídolos além do Único. Mas que mal tem usar o rostinho bonito de uns *popstars* que já desapareceram faz tempo? Além disso, já fui o menino do pôster tempo demais, e também já aguentei humilhações públicas por tempo demais. Talvez não seja tão ruim ter um rosto de quem todo mundo *gosta*, só para variar um pouco. Não gostou? Então, me processa.

— Minha namorada curtia a música dele — explico, dando de ombros, fingindo que falar de Célia não me machuca bem lá no fundo. Pearl faz que sim com a cabeça, sem acreditar muito. — E olha só: é bem difícil arrumar uma nova identidade do nada, viu? Às vezes você precisa pegar uma *emprestada*, sabe? E esse Brendan-sei-lá-o-que parecia uma opção tão boa quanto qualquer outra.

— Brandon Michael Hatfield — ela me corrige, como se eu tivesse cometido um sacrilégio.

— Tá, entendi. — Viro os olhos. — Bom, pelo menos funciona, né?

Pearl faz que sim com a cabeça, ainda dando risadinhas, e então me empurra em direção à porta.

— É melhor você ir.

— Mas minha irmã... — vejo de relance o corpo frágil de Wisty do outro lado da sala, seu cabelo ruivo ensopado por causa da febre. Hoje ela está com uma aparência ainda pior.

— Pode deixar que tomo conta dela para você. Vou conversar com ela e secar o suor de sua testa. Pode confiar em mim. Vou cuidar dela. — Pearl me dá um tapinha consolador na mão e me olha com seus olhos prateados e enormes, toda “palavra de escoteiro”. Começo a abrir um sorriso de gratidão, mas então ela termina a frase: — Pelo menos até ela morrer.

Capítulo 8

Whit

Passo correndo pelas ruas, procurando loucamente por uma saída desse mundo triste e trágico. E parece loucura tentar chegar a um lugar por onde ainda perambulam os mortos. Ao Submundo. À Terra das Sombras. À *Célia*, o amor da minha vida, presa entre os Perdidos.

Não consigo tirar as palavras da Pearl, “até ela morrer”, da cabeça. Ah, se eu conseguisse encontrar Célia de novo, sei que ela me diria o que fazer. Ela foi brutalmente assassinada pela Nova Ordem, mas às vezes ainda vem me visitar. Como espírito. E ela já ajudou a mim e a Wisty tantas vezes antes.

Ela saberia o que dizer. Não é verdade?

Sei lá. Preciso ver Célia agora, e nada mais me importa. O perfume doce dela, seus braços reconfortantes, a voz dela sussurrando palavras de encorajamento para mim. Não posso ficar sozinho agora.

Como já tinha feito tantas vezes antes, ando em direção a uma parede de concreto no final de um beco e bato meu ombro nela com toda a força, esperando encontrar algum sinal de vulnerabilidade que não consigo ver, uma dobra no tecido dessa dimensão que dá passagem para a próxima. Já tínhamos usado esse atalho antes, na época em que parecia sempre haver um portal para a Terra das Sombras por perto. Mas a influência do Único está crescendo, e muitos portais desapareceram ou foram bloqueados.

Como esse.

Só encontro a dor e caio no chão, totalmente derrotado, querendo ver Célia, meus pais, e a galera que deu a vida pela Resistência. Eu já perdi quase tudo, e agora vou perder minha irmã, também.

As palavras ruminam no meu ouvido como um eco em uma concha: “Até ela morrer...”.

“Não. Ainda não.” Eu me arrasto do lixo da rua.

“Não vou deixar minha irmã morrer.”

Whit

Eu me levanto e sinto uma energia nova passando pelo meu corpo.

Estou pensando no pessoal que lutava pela Resistência, na Janine, na Margô e no Emmet — adolescentes que tinham perdido tudo, mas nunca deixaram ninguém na mão, inclusive nós dois. Eles já se foram há muito tempo, mas ainda posso sentir a determinação dele.

Também fico pensando no Byron, que a Wisty transformou em fuinha mais de uma vez. Por mais que as teorias dele fossem furadas, pelo jeito ele tinha razão a respeito de uma coisa: quando nossos poderes passaram através dele, se tornaram ainda mais fortes, mesmo ele não tendo magia própria nenhuma. Testamos aquilo em outros adolescentes também, e pareceu funcionar. Então será (nunca se sabe) que poderia funcionar agora?

Volto correndo para o edifício bombardeado dos Neederman, desço as escadas do porão dois degraus por vez, e então entro com tudo na pequena sala, procurando por Pearl.

Mas ela sumiu. O que foi que ela disse? “Vou cuidar dela. Pode confiar em mim.”

Não sei mais o que esse verbo significa.

Eu me agacho ao lado da Wisty. Ela ainda está com febre e quase inconsciente. Seu rosto está imundo.

— Não desista, Wisty. Agora eu tenho um plano. Aguarde firme. — Começo a limpar o rosto da minha irmã com um pano encardido, quando a porta se abre e uma menininha maltrapilha entra.

Pearl vê minha cara feia e dá de ombros.

— Fiquei com fome e achei que ela não fosse sentir minha falta — ela diz, animada demais para o meu gosto. — Mas agora não deve demorar muito. Ela tossiu uma melega preta não faz muito tempo.

Antes de pensar no que estou fazendo, jogo no chão os restos de comida que Pearl está carregando e empurro a menininha para o outro lado da sala, até a minha irmã.

— Ei! — ela protesta. — Não é culpa minha que ela esteja...

— Você não vai ficar de olho na Wisty até ela morrer. Você vai me ajudar a fazer minha irmã melhorar — digo a ela, com a voz tão dura quanto ferro. — E vai ser agora.

Whit

No chão de cimento do apartamento, no porão, Wisty revira nos lençóis encardidos e sua respiração volta em arfadas rápidas e imprevisíveis. O suor continua brotando na testa dela, e seus dentes batem por trás de seus lábios brancos e secos.

Isso *tem* que dar certo.

Pearl se senta ao meu lado, fingindo estar de saco cheio, mas estou segurando uma das mãos dela e uma da Wisty com determinação enlouquecida. Wisty tosse violentamente, e gotas de sangue aparecem nos cantos de sua boca.

Passo a língua pelos lábios e tento engolir meu pânico. Tenho que fazer isso rápido; estou perdendo minha irmã.

Solto a mão de Pearl e começo a folhear meu diário em busca de um feitiço, mas ela pega o livro com os dedinhos ágeis de quem é treinada para roubar.

— *Poemas?* — a menina parece assustada de verdade.

— Me dê isso aqui. Agora — digo em um tom normal. Estou me esforçando ao máximo para não gritar com ela.

— Tá bom — ela diz, e joga o diário na minha cabeça. — Vou ali para o cantinho, tá, me afogar no meu próprio vômito.

— É *isso* que está acontecendo com a minha irmã neste exato momento, graças à sua falta de cooperação. — Solto um suspiro, frustrado.

Eu me inclino sobre Wisty para afastar seu cabelo ruivo como fogo de suas bochechas pálidas.

— Olhe aqui, Wisty, você ainda tem muito o que viver, muito mesmo — digo baixinho. — Você ainda tem muita música para cantar, muito fogo para queimar e muito o que me xingar quando quero dar um conselho para você. E esse é o melhor conselho que seu irmão mais velho aqui pode lhe dar na vida... — Engulo em seco, quase chorando, mas me forço a dizer essa última parte mesmo assim, porque preciso que minha irmã me ouça. — Você não tem permissão para morrer, tá? Definitivamente, não.

Wisty não se mexe e sua respiração continua rasa, mas a expressão de Pearl fica mais leve e ela me olha com uma cara de dó, como se fosse começar a chorar de verdade a qualquer momento.

— Tenho uma coisa para dizer. — Meio sem jeito, Pearl pousa a mão sobre o ombro de Wisty. Fico encarando a menina, não sei o que seu ato quer dizer, e ela me lança um olhar irritado. — Feche os olhos, Whit. Isso aqui é tipo uma reza. — Eu a obedeco e a ouço se sentar ao meu lado.

Espero que ela faça alguma observação engraçadinha, mas, quando ela fala, sua voz soa triste e sincera.

— Whit parece gostar muito de você — Pearl começa. — Eu também tinha um irmão de quem gostava muito. E ele sempre ficava de olho em mim. — Ela não fala nada por um momento. — Agora, ele já não está mais entre nós e... — A voz dela treme, sinto meu coração

batendo na garganta. — E foi a pior coisa que aconteceu comigo, então eu sei como ele se sente.

Pearl faz uma pausa, como se estivesse decidindo se deve continuar ou não.

— Então... vê se acorda logo. Amém.

Abro os olhos, mas o rosto pálido de Wisty ainda está imóvel.

Pearl aperta minha mão com força, como se a ideia tivesse sido dela desde o começo.

— Beleza, bruxo — ela diz gentilmente —, *agora* é a hora de você fazer aquele lance com o poema.

Abro meu diário, e as palavras de Murry Robinson se desdobram na página à minha frente:

Por mais que a Morte não deixe em vão

Aqueles que deve levar consigo,

Jamais quebraria meu coração,

E carregar-te-ia como castigo.

Fecho meus olhos com força, e um arrepio passa pelo meu corpo quando imagino a figura embaçada e esquelética da Morte apontando um dedo pontiagudo para Wisty e, então, partindo, derrotada.

A Morte tem a cara do Único.

Sinto a raiva se acumular em mim até que me vejo tremendo de ódio, dor e frustração que vêm de perder tudo aquilo que se ama no mundo. Repito o poema sem parar, minha voz cheia de força, segura, e ouço Pearl cantarolando os versos ao meu lado também, suas palavras cheias de lágrimas por Ziggy e por outros que a Morte insistiu em carregar.

A energia passa, através de nós, para o corpo frágil de Wisty, e a única lâmpada da sala pisca e explode. Meus dedos queimam com a faísca de um poder novo e puro, um poder que cura.

Quando o fluxo de energia baixa um pouco, olho para Wisty. Seguro a respiração, esperando ver os efeitos do meu poder, a cor voltando para suas bochechas, o sorriso meio de lado que conheço tão bem, sua própria magia emanando de seu corpo mais uma vez. Funcionou. Eu *senti*.

Mas ela não está se mexendo. Não dá para saber direito se está respirando.

Meu coração acelera. É como... é como se ela já estivesse morta. Pearl está me encarando com os olhos arregalados e nervosos. E se isso que acabei de fazer na verdade matou a Wisty em vez de salvá-la?

Bem quando estou pronto para perder as esperanças e desistir de vez, as pálpebras de minha irmã se abrem.

Sei lá o que eu estava esperando; lucidez, talvez? A magia não deixou Wisty novinha em folha, nem 100% bem, mas mesmo assim alguma coisa mudou. Os olhos dela estão atordoados e febris, queimando ao olhar nos meus.

E não estão mais manchados de vermelho ao redor.

— Wisty! — grito, apertando minha irmã forte demais, sem conseguir interromper esse abraço.

— Oi, Whit — ela diz, com a voz embargada. — Eu estou... bem.

Lágrimas escorrem pelas bochechas dela, e quase choro de tanto alívio. Ao fazer esse pequeno esforço, Wisty desmaia de novo, mesmo assim um fluxo de pura alegria passa pelo meu corpo. Não sei como, mas tenho certeza de que ela vai sobreviver.

Tenho o poder da cura. É assim que se sente quando se é invencível.

Wisty

Está frio. Tão, tão frio.

Estou enrolada em cobertores, mas me sinto como um pedaço de carne pendurado em um caminhão frigorífico: congelada até o osso. O ar tem gosto de velho e reciclado, e não consigo levantar a cabeça para ver a sala melhor.

Minha visão ainda está um pouco embaçada, mas percebo uma silhueta ao meu lado. Sinto um arrepio, a adrenalina sobe com tudo até minha cabeça e meu corpo dá o alerta: Estranho. Sala escura e claustrofóbica. Tantas pessoas querem que eu morra. Cadê meu irmão?

Aperto os olhos para tentar focar a visão.

“É só uma criança, que alívio.” Os olhos dela estão grudados em mim, e ela abre um sorrisinho naquele rosto sujo; tem uma beleza estranha e, por um segundo, penso que pode ser um anjo.

De repente, vejo o brilho da faca que está em suas mãos.

Tento me afastar dela, mas meu corpo não me obedece. Eu me sinto paralisada. Tento gritar por socorro, mas só sai um gemido rouco de minha boca, que parece mais um gargarejo. A criança ergue uma sobancelha para mim, surpresa.

“Estou drogada”, penso. “Ela me drogou e agora vai me abrir com aquela faca.”

Ela vem em minha direção. Sem saber o que fazer, agarro as cobertas em pânico e com tanta força que os nós de meus dedos ficam brancos. Um choramingo escapa pelos meus lábios.

— Relaaaaxa — a menina diz, e seus olhos redondos e cinzentos, a centímetros de meu rosto, são quase hipnóticos. Ainda estou com medo, mas me acalmo na hora em que ela se senta de pernas cruzadas no chão, ao meu lado, e começa a talhar uns pedaços de madeira, a ponta da faca refletindo a luz tímida de uma única vela. Tento diminuir a velocidade do sangue que vai até o meu cérebro, e, um minuto depois, ela olha para mim de novo.

— Ah, até que enfim você acordou! O pessoal estava apostando que você morreria antes de o dia nascer, sabe? — ela diz, como se fosse algo supernatural de se dizer.

Fico encarando a menininha mórbida, não sei o que pensar dela.

— Quando Whit trouxe você para cá, ele disse que não sabia quanto tempo você duraria. Mas, graças à *minha* ajuda, você conseguiu.

— Como...? — Eu dou uma tossida, e então começo de novo. — Como você conhece meu irmão? — Minhas cordas vocais estão roucas pela falta de uso, e minha voz sai mais como um guincho que uma ameaça, que era minha intenção.

A menina olhuda não está se sentindo ameaçada. Ela fica resmungando por uma eternidade, enumerando tudo o que sabe sobre meu irmão e eu, diz que nossos rostos estão colados em todas as paredes da capital, mas não consigo me concentrar naquela tagarelice.

Meu coração fica apertado quando ela chega à parte sobre nossos pais, que estão mortos de verdade, mas estou muito anestesiada pelo frio para processar as informações e descrições animadas que a menina faz dos enfeites mortais do Feriado, da cura pela poesia e do sangue

pelas ruas.

Minha cabeça começa a girar. Eu me sinto acabada, como se todo o sangue, a energia, o poder... e a *magia* tivessem sido sugados de meu corpo. “Minhas mãos estão azuis”, só consigo pensar nisso. Se eu pudesse me esquentar um pouco e usar minha magia, daria um jeito em tudo.

— Venha aqui um minutinho — eu coaxo, interrompendo o discurso da menina.

Devo soar muito maluca, porque a menina me olha como se não fosse se aproximar de mim por nada neste mundo.

— Ah, vai! Quer que eu tussa um pouco de sangue em você? Venha aqui e me ajude a sentar.

Ela se aproxima com toda a relutância do mundo e cobre as pontas dos dedos com panos sujos para não tocar em mim. Não estou nem aí. Se vou morrer mesmo, talvez consiga me aquecer um pouco primeiro.

Aponto para a lareira e noto o olhar cético de minha acompanhante. Sinto uma pontinha de raiva, aquele calorzinho familiar. É o bastante. Um fogo animal começa a queimar na lareira, e chamas de 1 metro aquecem instantaneamente a sala úmida.

— Ai, sim! — solto um gritinho de vitória. Não estou totalmente recuperada, mas minha magia está voltando.

A menina fica impressionada.

— Uau! — ela diz, tão boquiaberta que fico mais orgulhosa do que deveria por causa de um foguinho de nada. — Você é uma bruxa mesmo.

— E uma bruxa assustadora, menininha — Abro um sorrisinho satisfeito, apesar de já estar caindo de novo nos panos sujos, exausta. — Sorte sua não ter usado aquela faca.

A menina sorri.

— É para talhar gravetos. Eu não ia cortar nem picar você. — Seus dedos dançam sobre o cabo da faca. — Afinal de contas, é o Feriado.

Whit

Sai hoje cedo com a aparência de Brandon Michael Hatfield de novo, ainda eufórico com o milagre da recuperação de Wisty e confiante o bastante para convencer os cidadãos ricos e devassos da capital da Nova Ordem a jogar esmolas para mim, pelo menos o suficiente para mostrar aos Neederman meu agradecimento. Mas, depois de três horas na esquina de um distrito empresarial, recebi umas moedinhas de nada e estou perdendo as esperanças.

De repente, me ligo que não tem muito trânsito faz um tempo. Esta manhã, porém, rebanhos de homens de negócios passaram por mim (aliás, nem perceberam minha presença, com aqueles olhos de paisagem). Agora, quase hora do almoço, quando minha esquina deveria estar cheia de gente, não tem quase ninguém.

Olho de relance ao meu redor e me dou conta de que, a não ser pelo homem da barraquinha de lanches, que está com a maior cara de tédio, sou a única pessoa no quarteirão. Um jornal passa voando pela rua, como nos filmes. A rua está tão quieta que daria para ouvir até um grilo cantando por aqui.

Fico de pé, um pouco nervoso. Estou no centro, no lugar mais frenético e comercial da capital. Será que eu estava tão ocupado sentindo pena de mim mesmo que nem percebi como as coisas ficaram estranhas por aqui?

De repente, ouço uma risada lá do outro lado da rua e, de canto de olho, vejo dois homens bem vestidos e animados entrando numa rua lateral. Curioso, vou atrás deles a passos lentos e deixo meu cartaz de papelão no chão.

Ao dobrar a esquina e entrar no beco, me sinto totalmente despreparado para encarar o que acabei encontrando.

O cheiro me pega primeiro.

Aquele *cheiro*. Um fedor de dar ânsia, de carne queimando e pelo chamuscado, fica no ar com a fumaça preta.

Tusso, meus olhos se enchem de água. É quase insuportável.

De início, não entendo de onde o cheiro está vindo. Apenas vejo um grupo de cidadãos da Nova Ordem — a maioria deles pessoas de negócios impecavelmente vestidas, com roupas sociais bem cortadas e saltos altíssimos — gritando com toda a alegria do mundo e, pelo jeito, fazendo uma festinha na hora do almoço.

E então vejo aquilo, a coisa que todo mundo está rodeando. No centro, pendurado em um poste, está o que parece ser um grande pedaço de carne, ainda queimando. À primeira vista, não consigo identificar aquela forma carnuda e empretecida. Minha mente não consegue fazer a ligação entre um ser humano vivo e *aquilo*.

De repente, vejo um tufo de cabelo ainda agarrado ao crânio. Minha cabeça começa a girar.

Não é uma festinha; eles estavam queimando uma bruxa.

Minha garganta fica seca, paraliso de tanto terror. Tinha ouvido alguns boatos, mas nunca imaginei que pessoas como essas existissem de verdade. O que quero dizer é que os homens e as

mulheres que formam o grupo à minha frente, a galera do “lincha!”, parecem tão normais. Seguidoras da N.O., sim. Mais ricas que a maioria, com certeza. Porém, ainda se parecem com as pessoas que você vê todos os dias na capital, que têm família, trabalham e que ainda têm um fio de compaixão, com certeza.

Até você ver o vazio nos olhos delas.

Quem vai saber quem era a coitada dessa mulher ou se tinha mesmo algum tipo de magia? A Nova Ordem, com suas faixas em vermelho vivo que cobrem a Superfície, se alimenta do desejo de sangue.

Essas pessoas são as filhas dela.

Consigo, enfim, enfocar a realidade e meu coração começa a bater forte. Dou um passo trôpego à frente, espumando de ódio, decidido.

— Parem! — berro, o que foi incrivelmente inútil. O que mais eu poderia dizer?

Cheguei tarde demais, claro.

Então, um medo profundo e gelado envolve meu coração e me tira o fôlego. Os gritos que ouço agora não pertencem à mulher; são gritos de guerra de uma multidão que ficou louca da vida. Eles estão se virando. Aquelas pessoas delirantes estão de costas para os restos queimados da pobre alma amarrada ao poste.

E estão olhando para *mim*.

Whit

O tempo para, e cada músculo de meu corpo fica tenso quando centenas deles vêm para cima de mim como um cardume de piranhas sedentas de sangue, prontas para me comer até restarem apenas os ossos.

— Você não é o... Brandon Michael Hatfield? — uma mulher pergunta, com surpresa na voz.

Solto a respiração e faço que sim com a cabeça. Tinha me esquecido do feitiço.

Meu alívio dura só um segundo, pois o próximo som que ouço é um assobio. De canto de olho, vejo um furgão estacionar e, assim que registro o que as palavras pintadas na lateral — ESQUADRAO DE SANEAMENTO DA N.O. — querem dizer de verdade (esse *saneamento* está mais para *desaparecimento*... é um dos malditos Esquadrões da Morte do Único), um cassete atinge minha têmpora direita.

Minha visão volta bem a tempo de eu ver um coturno com ponta de aço atingir meu abdome. Perco o ar e sinto como se fosse vomitar um rim.

Ou meus dois intestinos, o grosso e o delgado.

A multidão passa por mim enquanto um homem de bigode preto e engordurado, e lábios bem finos, que pelo jeito deve ser o líder, me pega pelo cabelo. Seus olhos frios ficam a centímetros de meu rosto.

— Por ordem do Único — ele cospe, lendo um papel que parece oficial —, toda a escória deve ser eliminada dessas ruas em Ordem, incluindo praticantes das artes das trevas ou expressivas, todas proibidas, os indivíduos previamente conhecidos como *celebridades*, e todos os outros que representem ameaça à integridade da Nova Ordem. — Ele faz cara feia, estudando meu rosto de Brandon Michael Hatfield, que, aparentemente, é tão ofensivo quanto minha verdadeira identidade. — E isso inclui *você*, seu verme.

Consigo dar uma boa catarrada nele para me vingar, mas vou me arrepender de ter feito isso nos próximos cinco segundos.

Os outros caras do Esquadrão da Morte se aproximam e é aí que a festa começa de verdade.

Um deles prende meus braços em minhas costas enquanto os outros dois se revezam e transformam minha cara em massa de pizza, e o sangue escorre do meu nariz como molho de tomate. Tudo acontece rápido demais e não consigo registrar a dor de cada golpe, mas, quando caio de lado, *definitivamente*, sinto que meu ombro, já capenga, está deslocado. Uma dor aguda me atravessa como um machado.

Poderia até tentar mandar um feitiço para cima deles, ou talvez tentar impedi-los, mas algo me diz que minha vida pode ficar muito, muito pior se descobrirem quem eu sou de verdade. Tento me concentrar em algo além dessa chuva de murros, mas só consigo ver a multidão assassina além do círculo de soldados ao meu redor.

Uma mulher com estola de pele de marta e batom berrante grita para os caras “Acabem logo com ele!”, e a imagem da bruxa queimada fica piscando em minha memória.

Mas ainda não estou pronto para ser “finalizado”. Mesmo se Célia estiver esperando por mim

na Terra das Sombras.

Célia. Pensar nela é como levar outro chute no estômago, porém imaginar seu sorriso tão doce e o calor de seu corpo, e me lembrar exatamente de *quem* a roubou de mim para sempre, é o bastante para que alguns feitiços de vingança brotem em minha mente.

Não tenho outra escolha a não ser apelar para a magia, o que é bem, vamos dizer, *estressante*, se eu considerar que ultimamente esse lance não tem funcionado muito bem comigo.

Cé, acho que vou encontrar você mais cedo do que imaginava.

Whit

Eu me resumo a pouco mais que uma poça de sangue no chão a essas alturas, mas lanço cada grama de magia que ainda tenho contra esses brutamontes. Resmungo cantos, maldições e poemas, e me concentro ao máximo em tudo de negativo que posso encontrar.

E é, tipo, meio... assustador.

Sinto essa energia sombria se juntando dentro de mim, crescendo e se tornando uma força que precisa sair do meu corpo e encontrar um alvo. Termino o feitiço com um poema que sempre me pareceu particularmente macabro.

Não mais um olho brilhante — não mais uma voz sonora ou um passo ágil;

Agora o olho, a voz, as mãos, os passos de um escravo,

Hálito de bêbado, rosto carcomido, carne venérea,

Pulmões apodrecidos, estômago azedo e canceroso,

Juntas reumáticas, tripas entupidas de ódio... [\[2\]](#)

Antes que termine de pronunciar as palavras de Wallace Shipton, os leões de chácara da Nova Ordem se dobram ao meio, vomitando o almoço sobre seus coturnos brilhosos, e sangue começa a escorregar dos lábios dos cidadãos, manchando suas roupas chiques.

— A Peste do Sangue! — resmungo por entre meus lábios inchados. — Estão todos contaminados!

Quando a ficha cai, cidadãos e soldados, igualmente em pânico, se viram uns contra os outros rapidamente, com uma brutalidade assustadora. Saio mancando e me afasto da confusão assim que a pancadaria começa, soldados e executivos caindo uns sobre os outros como cachorros, todos tentando atingir a jugular do oponente.

Paro por um segundo na esquina; ainda dá para ouvir os gritos que vêm do beco. A culpa por ter provocado ainda mais violência me devora; aposto que não é bem isso que as Profecias tinham em mente. Chego a pensar em voltar para lá e curar todo mundo.

E então me lembro daquela mulher sem forma, queimada e amarrada ao poste, e meu coração endurece de novo, agora com uma compreensão nova e muito mais amarga desse mundo em que vivemos. Quero mais é que eles se destruam.

Permito que meu disfarce desapareça enquanto ando pelas ruas. E, mesmo assim, não me sinto eu mesmo.

Wisty

Não tem luz e lá fora a ocupação dos soldados da Nova Ordem continua a atacar o povo. Dentro do cafofo dos Neederman, porém, à luz de velas, o espírito do Feriado nos aquece a alma... e faz muito tempo que Whit e eu sentimos algo vagamente parecido com um calor espiritual.

Mama May abre aquele sorriso para nós e bate num balde para avisar que a comida está pronta. Um burburinho animado se espalha pela sala.

— Vamos, vamos! Todo mundo se achegue — Mama May nos chama, toda empolgada. — Teremos uma comemoração muito especial do Dia do Banquete esta noite. Vamos comer uma coisa que faz quase um mês que não comemos: carne.

O grupo comemora e os membros famintos da família Neederman formam um círculo no chão, olhando para cima, na expectativa.

Mama May mostra dois pombos, não muito bem depenados e mirradinhos como pardais. Parece até que outra família já fez outro banquete com eles. Arregalo os olhos para Whit.

— Que delícia, Mama! — Pearl diz com autoridade, e todo mundo concorda baixinho, educadamente.

Mama May beija o cocuruto de Pearl e começa a cortar os pássaros. Eu sei que deveria estar agradecida e sei também que deveria honrar a tradição deles, mas vejo a tristeza e a fome naqueles olhos grandes e cinzentos, naqueles rostos magros e cansados, e simplesmente...

“Não. Aguento.”

Começo a dizer alguma coisa, mas Whit coloca a mão em meu braço e faz que não com a cabeça. Ele está meio esquisito e de mau humor desde que voltou da rua. Ele estava mancando e sangrando, e não quis me contar o porquê. Na verdade, ele mal trocou uma palavra com o pessoal esta noite. Estou quase falando para ele que ele está acabando com o espírito do Feriado, mas de repente... ele faz uma coisa maravilhosa.

Com uma virada do pulso do meu irmão, ganhamos pãozinhos bem fofos e encharcados de manteiga, e purê de batata cheio de creme de leite. Um peru gigantesco domina o centro do círculo, e o creme de milho se espalha sobre os pratos cheios de vagens.

E as tortas. Maçã, abóbora, noz-pecã. Eu comeria só torta pelo resto da vida.

As crianças falam todas ao mesmo tempo, e os adultos parecem chocados demais para acreditar. Olho para Whit toda animada, mas ele não está sorrindo. Ele está de olho em Pearl, que ainda tenta cortar aquele pombo duro e seco em seu prato, com aquele bico que ela sempre faz.

Ninguém se mexe para tocar em nada antes da autorização de Mama May, e dá para ver que Whit está tão nervoso quanto eu.

O rosto redondo de Mama brilha, a luz das velas dança em seus olhos e seu sorriso largo me acalma.

— Nem sei dizer o quanto isso significa para nossa família. Já perdemos tanta coisa... — Ela olha para as crianças de rostos magros e respira fundo. — Só quero que vocês saibam que esse é

o melhor Dia do Banquete que já tivemos.

Penso nos Feriados de antigamente, tinha comida que eu nem experimentava e ganhei presentes de que nem me lembro mais. Procurava sempre uma desculpa para deixar a família de lado e ir fazer outra coisa. Aperto a mão de meu irmão.

— É o melhor que já tivemos, também — sussurro.

Capítulo 16

Wisty

Depois do jantar, Whit fica insistindo para irmos embora e deixarmos os Neederman para trás.

Meu queixo cai.

— *Agora?* Você está de brincadeira. É Dia do Banquete!

Ele morde o lábio.

— Wist, faz um tempo que você não sai de casa, não sabe como as coisas estão lá fora. Está cada vez mais perigoso.

Tem algo diferente na voz dele, não sei o que é. Ele não me olha nos olhos e começa a juntar nossas coisas.

— Bom, então deve estar cheio de guardas da N.O. perto daqui, né? Além do mais, ainda não estou recuperada da peste. — Tento parecer fraquinha. Usar minha experiência de quase morte é um pouco manipulador, mas é a real.

“Será que não podemos aproveitar esse restinho de tradição por mais um tempinho?”, meus olhos imploram para ele.

Whit dá uma bufada e se afasta. Sei que consegui pelo menos esse tempinho.

Mais tarde, enquanto os Neederman trocam presentes de Feriado, quase desejo que já tivéssemos saído dali para não nos intrometermos nesse momento tão íntimo da família. Whit e eu tentamos dar espaço a eles, recolhendo os pratos e arrumando a sala, mas é difícil não ficar encarando aqueles presentes feitos à mão com tanto carinho... bugigangas de metal que desenterraram enquanto procuravam comida; pedras polidas bem lisinhas; baquetas entalhadas a mão... Meu coração fica pequenininho com essa lembrança inesperada do presente que minha mãe um dia me deu.

Bem naquele momento, Pearl Marie vem correndo até nós, superempolgada. Ela está segurando um saco de lixo amarrado com barbante para cada um de nós. Pego o meu, erguendo a sobancelha para Whit.

— O que vocês estão esperando? A queda da Nova Ordem? Abram logo! — Pearl dá um gritinho.

No fundo de cada saco de lixo gigante, há um único fio de plástico prateado, desses de enfeitar a casa no Feriado. Não sei muito bem o que fazer com ele, mas os olhos de Pearl brilham, na expectativa, e o rosto de Whit se ilumina. Eu não tinha visto meu irmão sorrir assim desde... bom, desde antes de sermos sequestrados.

— Valeu, menina. Isso significa muito para mim. — Pelo jeito que Whit está agindo, está na cara que esse fio brilhante é muito precioso para Pearl, e que deve ter sido muito difícil dá-lo para alguém.

— É, bom, é que eu achei que vocês precisassem de um pouco de brilho nessa cara feia — Pearl diz com a expressão séria.

— Venha aqui, espertinha! — Whit grita, pegando a menina e a jogando no ar. Pearl dá um grito que mais parece uma risada de hiena e, por um momento, sinto como se fôssemos todos

uma família.

Família. De repente, fico com tanta saudade dos meus pais que quase sinto a presença deles na sala comigo. Não faz muito tempo que estávamos todos juntos, mas parece que faz uma eternidade que ouvi a voz deles pela última vez.

Vozes que O Único silenciou para sempre.

Antes de eu virar o rosto, Mama May vê as lágrimas quentes e salgadas que correm por minhas bochechas. Seus braços fortes me envolvem num abraço acolhedor.

— Eu sei como é, querida. Está tudo mudando, e essa é a época mais difícil do ano. Tantas tradições perdidas, tantas pessoas mortas. Era uma época em que todo mundo se reunia e amava o próximo. Dá para acreditar que não conseguimos nem encontrar um lugar para ler as lendas do Feriado juntos? É uma verdadeira desgraça, é isso o que é.

Ela passa os dedos pelos meus cabelos enquanto fala, sem perceber, como já a vi fazer com seus filhos. Normalmente odeio que mexam no meu cabelo, mas sinto uma paz inacreditável em ter as mãos fortes dela na minha cabeça. Eu me sinto segura.

— Mas e o salão? Era lá que minha família sempre ouvia as leituras — digo, passando a mão pela trança que ela conseguiu fazer com meus fios embaraçados.

— Piorou bastante ultimamente — Hewitt explica, se aproximando com Whit. Ele traz um prato cheio de torta para cada um de nós. — Estão pegando de jeito qualquer um que acredite em outro poder além do *dele*. Depois que todas aquelas pessoas foram executadas na praça, mês passado, o salão está deserto.

Mama May faz que não com a cabeça e deixa sua torta de lado, intocada.

— Além disso, não dá para encontrar mais ninguém que diga algo contra ele, e muito menos gente a fim de rezar por dias melhores. — Os olhos dela ficam rasos d'água.

Pearl se agarra ao vestido simples da mãe.

— Não chore, Mama. Olhe o que Deus mandou para nós... só doença e morte. O Único é o único ser que tem o controle desse mundo.

Mama May quase engasga ao ouvir o nome proibido, mas Pearl continua.

— Vai saber. Talvez O Único *seja* Deus.

Capítulo 17

— Ela não é mesmo especial? — O Único Que É O Único diz ao homem que está atrás dele, com os olhos ainda grudados na pequena tela. — Enquanto os outros apodrecem por causa da peste como ratos no esgoto, o Dom prevalece.

O jovem protegido do Único suspira e anda para o outro lado da sala; seus coturnos de soldado polidos ecoam pelo chão de metal. Ele é mais alto que baixo, não passa dos 17 anos, e sua postura ereta e seus lábios finos e azedos são sinal de que teve uma educação muito rigorosa e em casa de gente muito rica. Seu sorriso deslumbrante e convincente e seus dentes brancos e retos fazem dele um pôster vivo da Nova Ordem limpa e otimista. Com cabelo louro quase branco escovado para trás, olhos de um azul pálido e quase transparente, e maçãs do rosto bem pronunciadas, ele parece ser feito de vidro: transparente e sem cor. Lindo, mas durão. Frio. O nome dele é Pearce.

Pearce observa fileiras e mais fileiras de telões de vigilância que se acendem na torre de controle, mostrando cada esquina da capital. Com um toque da ponta dos dedos, O Único pode incinerar qualquer um dos jovens que aparece nas telas. E é isso que ele faz muitas vezes, por esporte, em tardes de puro tédio.

Mas agora a atenção do Único está focada em um monitor diferente, um que mostra uma cena do outro lado da capital.

Pearce olha por cima do ombro do Único para o grupo de indivíduos sujos, que distribuem velas em um cômodo minúsculo, frio e úmido. A menina está lá, a *escolhida* tão preciosa do Único, de pé entre eles.

Viva.

Pearce acompanha o olhar do Único para o fogo que queima no canto da sala.

— Não é nem uma faísca — o soldado diz, cheio de desdém.

— Ah, mas o poder que uma única faísca tem! — O Único sorri, encantado. — Você não achou tão fácil assim, se me lembro bem — ele observa.

Quando Pearce permanece em silêncio, cheio de raiva, O Único pigarreia.

— Mas tenho que confessar que estou ficando impaciente — ele diz com a voz leve, como se estivesse fazendo um comentário sobre o tempo ou sobre o número de mortes entre os civis. — Será que não fui claro o bastante quando disse que queria que ela fosse capturada?

— O esquadrão e os vira-latas estão indo em busca deles — Pearce responde, indiferente.

O Único aperta os lábios.

— Ah... Então você contratou idiotas completos para fazerem um trabalho que eu pedi *especificamente* para você fazer?

Pearce passa os dedos pelos cabelos, frustrado. O problema é que se aproximar de Wisty Allgood provocava um mix de emoções dentro dele; bem ele, que não está acostumado a sentir emoção alguma.

— Mas não podemos simplesmente matar essa menina? — Pearce sugere. As palavras saem de sua boca antes que ele possa engoli-las. O Único ergue uma sobrancelha, e Pearce vê que pisou na bola. — Seria mais fácil e mais rápido — ele tenta explicar. — Sem a existência do

Dom, não há ameaça alguma. Teremos todo o poder do mundo.

O Único se levanta e encara Pearce como se estivesse vendo o menino pela primeira vez. Seu rosto se transforma em uma careta azeda. E então, sem uma única palavra, O Único dá um tapa com tudo no rosto de Pearce. O tapa faz com que o menino cambaleie para trás e deixa um talho na maçã do rosto alta e esculpida dele, onde o anel pontudo do Único, que tem a insígnia da Nova Ordem, pegou.

Sangue pinga no chão em pontos de exclamação vívidos e brilhantes, mas Pearce não grita nem chora; ele mantém sua mandíbula travada, desafiadora. Afinal, em sua vida tão curta, já enfrentou coisa muito pior.

— Acho que você desenvolveu algum tipo de gagueira, menino. Você quis dizer que *eu* vou ter todo o poder do mundo, não é? — O Único diz com calma. — E não vejo uma grande ameaça, na verdade. Para mim, é mais como um joguinho interessante de que estamos participando.

E, então, O Único dá as costas para Pearce, como quem diz “se manda”, e volta a olhar para a tela. Pearce sente uma fúria familiar esquentar suas orelhas e bochechas, e essa fúria desce para as pontas dos dedos.

Só há uma pessoa no mundo que ele odeia mais que a bruxa.

O jovem soldado estende a mão para O Único. Se ele for forte o bastante, se ele tiver essa habilidade, não terá oportunidade melhor na vida. Mais um centímetro ou dois e ele consegue tocar naquela cabeça careca e lisa, e vai ficar assistindo à pele descascar do crânio e o corpo cair no chão.

Sua mão treme, ele hesita.

O Único se vira para ele, ao mesmo tempo em que Pearce é puxado para cima com tudo, como se estivesse sendo enforcado por algo invisível.

— Apressadinho você, não é? — O Único dá uma risada maluca. — Já está pulando para o “Game Over”?

Pearce balança as pernas, levitando a centímetros do chão, e seu rosto fica cada vez mais vermelho e inchado.

— Você não faria isso — ele se esforça para dizer.

Os olhos *Technicolor* do Único dançam com pura maldade enquanto ele ergue Pearce com seu laço invisível.

— Como você sabe muito bem, querido menino, eu faria quase tudo para educar aqueles que ainda não compreendem completamente minha autoridade.

Pearce olha para além do Único e quase consegue ver as montanhas de cumes brancos a distância, rindo de sua cara. O domínio do Rei Mago. Ele jamais deveria ter saído de lá.

Quando está prestes a perder a consciência, Pearce cai no chão, de repente, como um saco de batatas.

— Agora — O Único diz baixinho, se aproximando dele. — Traga. A. Menina. Para. Mim. — Seus olhos faiscantes brilham, ameaçadores. — Por favor.

Pearce recupera a respiração aos poucos e se levanta do chão com esforço. Ao ganhar sua

compostura de volta, ele bate continência, se vira rapidamente e dá passos com toda a confiança que lhe restou em direção à porta.

— E, Pearce? — O Único diz quando o jovem está quase saindo da sala. Pearce para debaixo do batente da porta com os nervos à flor da pele. — Lembre-se de quem fez de você o que você é. Se quiser voltar para as montanhas, posso tirar cada molécula de poder que dei a você.

O corpo de Pearce fica rígido, mas ele não se vira. Ele toca a bochecha e vê que ainda está molhada de sangue. Mordendo a língua para não gritar, ele se endireita, limpa a mão na maçaneta e sai em busca de Wisty Allgood.

Whit

Sou um fugitivo procurado, um criminoso da mais alta ordem, e meu rosto estampa cada muro e poste da capital. Bom, levando em consideração como as coisas pioraram, acordar às cinco da manhã, passar por uma cidade cheia de soldados, usar uma boa porção da minha M para morfar meu braço em um machado sem ninguém perceber, e cortar uma árvore do meio do Parque da Superfície em um Feriado banido é provavelmente uma das coisas mais arriscadas e idiotas que eu poderia ter feito.

E nem é uma árvore maneira. Ela está meio pelada atrás e meio torta para a esquerda, mas ver a expressão no rosto de minha irmã enquanto ela e Pearl enfeitam a árvore com aquele fio prateado faz a viagem valer a pena.

Pearl ainda não me falou nada, mas os olhos dela estão brilhando de emoção.

Ela olha para Wisty e aponta com o queixo em direção à lareira.

— Que fogo bom que você fez. Já está queimando há quase dois dias.

Wisty abre um sorriso, pois, vindo de Pearl, é um elogio e tanto. Quero participar desse momento também, mas, quando ouço a palavra “fogo”, só consigo pensar naquele corpo queimado. Fico enjoado.

Minha irmã percebe minha expressão e fica confusa. Por mais que eu queira contar para ela o que testemunhei naquele beco, só quero esquecer tudo e levá-la para bem longe da capital.

Por outro lado, Wisty quer aproveitar e prolongar esse Feriado o máximo possível.

Ela pisca para mim e para Pearl, e, em um segundo, os enfeites quebrados nos galhos da árvore, meio pobrinhos, se transformam em um arco-íris de luzinhas piscantes, e as cores brilham no cômodo escuro.

Solto um assobio de admiração e os outros Neederman se aproximam, as crianças boquiabertas.

Sorrio para Pearl, mas seu rosto minúsculo é uma máscara.

Mama May tosse.

— Pearl Marie, querida, cadê sua educação? O que você diz?

Os grandes olhos cinza de Pearl estão solenes.

— É muito, muito bonito mesmo. É lindo. — Ela lança um olhar acusatório para nós dois. — Mas, se vocês são mesmo quem dizem ser, se vieram aqui para nos salvar, não dá para fazer *mais* do que isso?

— Pearl — Mama interrompe, a raiva invadindo sua voz. — Sinto muito, Wisty, é que ela está nervosa. Com a morte do Ziggy e tudo...

— É, Mama, eles deram mais uns enfeites brilhantes para nós. Mas eu trabalhei muito para conseguir aqueles pedaços de vidro quebrado. E *ela*, será que trabalhou para conseguir o que nessa vida? — Wisty fica olhando para o chão, coloco um braço sobre seus ombros. — O Dia do Banquete também foi maravilhoso. Mas vamos ficar com fome de novo amanhã, e no dia

seguinte, e no outro. Será que eles conseguem manter essa família inteira aquecida à noite? Aquecida e segura? — Pearl pergunta. — *Todas* as noites?

Ninguém diz nada; toda forma de som fica do lado de fora do cômodo. Os olhos de Pearl Marie queimam ao nos olharem, como se a culpa fosse nossa.

Bem nessa hora ouvimos uma explosão de madeira se partindo, e a porta cai para o lado de dentro. Um número gigantesco de recrutas do Esquadrão da Morte invade o espaço, seus coturnos pretos cobrem tudo como ratos, com as armas apontadas para o meio de nossas testas.

E não é que eu estava ficando acomodado demais? *Isso* sim é a cara da minha vida.

Olho ao redor, procurando por uma arma ou uma saída para essa situação, mas há muitos soldados, muitas armas e muitos lobos arreganhando os dentes, rosnando, com aquele pelo sarnento que fede a carne podre e sede de sangue nos olhos.

Há um momento de silêncio; ninguém se mexe. É como se o Esquadrão da Morte não esperasse que fosse ser tão fácil assim. Somos bichos presos em uma armadilha, encarando nosso fim. Para onde podemos ir? Minha mente processa tudo com a rapidez das batidas em meu pulso e sinto minha irmã ao meu lado, tensa, pronta para sair correndo quando eu der a deixa.

Pearl fica paralisada por causa dos lobos, seu corpinho treme.

— Fique com Mama May — sussurro. — Não olhe para trás. *Vá!*

— Sob ordem direta do Único Que É O Único — um recruta gordinho lê em um papel oficial —, os membros desta família devem ser presos pelos atos desprezíveis de acolher fugitivos de alto risco e praticar leituras e atos proibidos relacionados com aquilo que era previamente conhecido como o Feriado, puníveis com execução na Praça da Ordem.

Os Neederman parecem resignados. Eles sabiam que esse dia chegaria.

— Bela árvore — um dos soldados diz, tirando uma folha. — Madeira boa, o pinho. Vai ser ótima para construir as plataformas de enforcamento.

Eles pulam para cima de nós e o caos começa. Os Neederman desaparecem, e no lugar deles aparece um grupo frenético de ratos. Alguns soldados pisam com força no chão e um cara, que pelo jeito tem fobia, grita de medo.

Wisty pisca para mim e, num instante, lembro de que, quando o assunto é fazer alguma coisa morfar, roedores são a especialidade dela.

No meio desse pandemônio, conseguimos passar pelos soldados e subir a escada podre até os apartamentos destruídos do andar de cima, com aqueles lobos do inferno tentando morder nossos calcanhares. Subimos a escada em caracol a toda a velocidade, e ficamos cada vez mais tontos. Ainda não sei o que vamos fazer quando chegarmos ao topo da escada, pois ela simplesmente... acaba. O andar de cima foi bombardeado e a única coisa que fica entre nós e as mandíbulas arreganhadas e sangrentas dos lobos é uma janela quebrada.

Um dos homens ri quando seu lobo o puxa pela corrente.

— Fim da linha. Para onde vocês vão agora?

— Chegou a hora do feitiço da águia — digo para Wisty.

Nesse momento, deveríamos morfar em belas criaturas aladas, num processo praticamente

indolor, levantando voo e sobrevoando essa cidade coberta por faixas vermelhas, e nossos perseguidores se tornariam nada mais que manchinhas pretas na paisagem lá embaixo.

Mas ainda estamos na mesma. Humanos.

Wisty suspira, frustrada.

— Meu poder está diminuindo ou algo do tipo. Parece que funciona para outras pessoas, mas não para nós.

Sem feitiço e sem escolha, pego Wisty e, juntos, pulamos pela janela do quarto andar, caímos, caímos...

E então caímos no chão — PLOFT!

Wisty

Whit e eu nos levantamos, tossindo, tentando respirar de novo; um pouco machucados, mas vitoriosos.

Olho de relance e quase não acredito na pilha enorme de lixo que amaciou nossa queda. Uma velha faz que sim com a cabeça para mim enquanto anda pela rua destruída, tentando parecer insuspeita. Um pequeno sinal de apoio e unidade. Não somos os únicos lutando contra esse sistema tão injusto. Os soldados se inclinam para olhar através da janela, gritando xingamentos, mas não vão nos alcançar.

Então, por que eles estão sorrindo? Aperto os olhos para ver se tem mais alguma coisa na janela. Tem uma coisa pequena e cheia de raiva se debatendo no meio deles.

Eles pegaram Pearl Marie.

Ela tenta se livrar deles, seu rostinho mostra toda a determinação do mundo, mas os homens riem e seguram os braços dela com força.

— Acho que vocês esqueceram o bichinho de estimação! — um deles berra para nós. — Podemos jogar essa coisinha aí para vocês — ele segura Pearl, que está gritando, pendurada para fora da janela —, mas acho que vamos ficar com ela por enquanto. Sabe, só por garantia.

— Você não transformou Pearl Marie? — Whit está bravo comigo.

— Pensei que tivesse transformado todo mundo — respondo, irritada. — Não sei como não funcionou com ela!

— Ela deve ter fugido antes. — Whit suspira. — Ela estava morrendo de medo dos lobos. *Falei* para ela ir com Mama May e sair correndo de lá. Vamos ter que ir atrás dela depois de recuperarmos nossas energias e formarmos a Resistência de novo.

Ele se vira. Olho para cima para ver o rosto de Pearl em pânico, tentando se soltar daqueles brutamontes.

— Não podemos *largar* Pearl aqui! — Nem consigo acreditar no que acabei de ouvir. Na época da Resistência, jamais deixaríamos alguém para trás.

— Que escolha temos? — Whit pergunta, a voz embargada de emoção. — Você sabe que aquela menina é importante para mim, Wist. Mas aqui não é seguro para você... para *nós*. Acabei de conseguir ter você de volta e não estou pronto para perdê-la de novo.

Whit olha para cima, bem para os olhos de Pearl Marie.

— Vamos voltar para buscar você! — ele berra. — Prometemos. E sempre cumprimos nossas promessas.

Vejo Pearl fazer que sim com a cabeça, cheia de coragem, enquanto os guardas a levam embora e saem correndo escada abaixo, eu acho, atrás de nós.

Arrependida, saio correndo pelo beco de paralelepípedos com meu irmão e os ratos se esquivam de nós. Depois de corrermos pelo que parece uma eternidade, me viro para Whit, ainda louca da vida, e digo para ele:

— O que você disse não é verdade.

Ele olha para mim, confuso.

— O que não é verdade? Não falei nada.

— Aquelas coisas que você disse para Pearl Marie quando saímos correndo como covardes e a largamos à mercê daqueles brutamontes — respondo, amarga. — Você disse que sempre cumprimos nossas promessas. Para quem já fizemos promessas, Whit? Para Célia. Para a galera da Resistência. Para a mãe e o pai.

O rosto de Whit fica vermelho, mas ele não diz nada.

— Ah, que bela ajuda fomos para todos eles, irmão! Não deveríamos fazer promessas para ninguém, nem para uma única alma sequer, especialmente para aquela menininha, que já está ferrada.

Wisty

— Preciso... Parar. Vou... vomitar... — estou sem fôlego.

Vou diminuindo o passo devagar até parar ao lado de uma lanchonete de *fast food* fechada, e meu irmão, que está lá na frente, volta correndo em minha direção. É quase noite e ainda não conseguimos sair da capital. A peste me deixou mais fraco do que eu gostaria de admitir.

Tem uma placa enorme de néon piscando o logotipo do Únicoburger: “O ÚNICO VEIO PARA FICAR. CONSUMA COM ALEGRIA”. Estou dobrada ao meio, mas me viro para dar uma cusparada na direção da placa.

Vejo a preocupação nos olhos de Whit.

— Você está bem, mana? Tudo bem pararmos agora à noite. Você está com uma carinha de acabada!

Faço que não com a cabeça.

— Vou ficar bem. Só preciso recuperar o fôlego. Seria legal se conseguíssemos voar ou algo do tipo.

— Sua M ainda está funcionando? — Whit faz uma careta para mim.

Viro os olhos.

— Eu sei, tá? Foi imbecil gastar toda aquela energia num foguinho fraco e naquelas luzinhas do Feriado depois de ter ficado tão doente. Agora meu poder está fraco e blá-blá-blá...

— Não, não foi isso que eu quis dizer. Não acho que a peste esteja atrapalhando sua magia. Isso está rolando comigo também, e eu tive problemas para fazer uns feitiços antes, quando você ainda estava inconsciente. É o... ar... ou alguma coisa que está bloqueando tudo.

— Hum... — respondo, me sentando na sarjeta ao lado de um carro preto incrivelmente caro, com os bancos cheios de papel do Únicoburger. — Então estamos no meio da capital, que está cheia de soldados do Esquadrão da Morte, O Único Que É O Único colocou um preço em nossas cabeças e *nenhum de nós* dois pode contar com a magia para nos tirar dessa roubada? Mas você não acabou de fazer aparecer um banquete de Feriado inteirinho e, tipo, cortou uma árvore com seu *braço*?

Faço o gesto de alguém cortando madeira e, sem querer, bato no carro preto. O alarme dispara, a sirene reclamona invade o ar quieto da noite. Minha adrenalina vai a mil. Saímos correndo e nos escondemos atrás da caçamba de lixo do Únicoburger. Não tem alma viva por perto para responder, e logo a sirene repetitiva desliga.

Whit lança um olhar irritado para mim, sai de trás da caçamba e continua a conversa de onde paramos.

— Eu me senti forte no porão dos Neederman, e não fiquei longe demais de lá porque quanto mais nos afastamos daquela energia positiva... é como se virassem uma chavinha e eu fico tão poderoso quanto um pernilongo.

— Parece que nossa única chance é pegar nosso poder de outras pessoas.

— Como assim? — Whit olha para mim como se eu tivesse acabado de ler sua mente, e não se sente confortável com isso. A luz piscante da placa do Únicoburger dá um brilho meio macabro ao rosto dele.

— Força em números, certo? — toco o braço de Whit, pensando em voz alta. — A única coisa que pode vencer um Único são dois, três, quatro. Você disse que vamos voltar para buscar Pearl quando formarmos a Resistência de novo. Por mim, deveríamos tentar encontrar Janine, Emmet, Sasha, Jamilla e mais um monte de gente que acharmos para nos ajudar.

Whit faz que não com a cabeça, como se estivesse prestes a dar uma notícia muito ruim.

— Estão todos na lista de pessoas desaparecidas. Hewitt me mostrou uma cópia que ele arrumou sei lá como.

— E daí? — desafio meu irmão. Minha voz sai mais brava do que eu gostaria.

— Bom, isso quer dizer que não existe mais Resistência. — Ele esfrega a testa como sempre faz quando fica nervoso, e me olha nos olhos, medindo as palavras. — Quer dizer que talvez estejam todos mortos, Wisty. Que só sobramos nós dois.

Meu irmão está tentando controlar suas emoções, manter a expressão forte. Para qualquer outra pessoa, ele pareceria calmo, resignado. Mas sou irmã dele, e consigo ouvir aquela tremida de leve em sua voz, vejo os músculos tremendo um pouquinho ao redor de sua boca. Whit está pensando neles.

Sei que ele está pensando em Janine e na maneira como ela assumiu o controle da Resistência com compaixão e competência, depois que Margô foi assassinada, mandando cada vez mais equipes de resgate para buscar a galera nas prisões, mesmo depois de os bombardeios começarem. Ou talvez ele esteja pensando no jeito como ela olhava para ele, na encarada cheia de adoração que ele fingia nunca perceber, mas que todo mundo via logo de cara. Ele foi o único que conseguiu quebrar aquela casca grossa. Talvez a Nova Ordem tenha quebrado a menina de vez.

Como eu, Whit deve estar pensando em Sasha, com seu cabelo encaracolado e escuro, seu espírito teimoso e voluntarioso, com mais desejo de luta revolucionária que qualquer outra pessoa. Ou em Emmet, único e calmo, um gigante bonzinho que meu irmão sabia que sempre cuidaria de mim quando ele não estivesse por perto, e que disse que eu estava linda até quando raspei a cabeça para me disfarçar.

Cruzo os braços e dou alguns passos, pensando nos amigos que perdi e sentindo a bolha de tristeza inchar e se alojar em minha garganta.

Então, me viro. Devemos muito mais que isso a eles. Mais do que simplesmente deixá-los partir desse jeito.

— O Único controla aquela lista, certo? — pergunto. Whit faz que sim com a cabeça. Fico ansiosa, falo mais rápido e ando para lá e para cá no estacionamento, apesar de estar cansada de correr o dia todo. — Bom, só porque *ele* não sabe onde eles estão, isso não quer dizer que não estejam vivos.

Whit enrug a testa e considera essa possibilidade. Seu rosto fica perdido entre a esperança e a derrota.

— Mas, se O Único não consegue encontrar esse pessoal, como é que vamos saber onde eles

estão? Eles podem estar em qualquer lugar.

Fico pensando.

— A última vez que vimos Emmet e Janine foi naquele cano de vapor subterrâneo logo depois que a Garfunkel's explodiu, antes de todo mundo se separar, né? — Whit dá de ombros, mas posso ver a dúvida em seus olhos. — Podemos começar procurando lá. Talvez tenham transformado aquele lugar num novo QG da Resistência.

Não é muito provável, mas é possível, certo?

— Beleza, Capitã Wisteria. Se você diz que vamos encontrá-los, acho que vamos mesmo. — Whit me dá um soquinho de brincadeira, mas sei que está tentando disfarçar a importância da missão. — *Vive la Résistance!* — ele dá uma volta olímpica no estacionamento, pronto para entrar agora mesmo no cano de vapor.

— Mas tem uma coisa, Whit! — grito para ele.

— O quê?

— Ainda não estou pronta para passar a noite inteira correndo daqueles idiotas da Nova Ordem. Acho que vou aceitar sua proposta de encontrar um lugar para dormirmos.

Whit bate na lateral da caçamba de lixo. O fedor nojento de carne apodrecendo se espalha, é de dar ânsia de vômito. “Ah, não. Não vou mesmo...”

— Você tem uma ideia melhor? — meu irmão sabe-tudo pergunta.

Ele apoia as mãos e joga as pernas para dentro da caçamba de um jeito tão gracioso que sou obrigada a admirá-lo. Whit sempre foi atlético, mas, nas semanas em que ficamos separados, deve ter treinado sem parar. Ele ficou, como Célia diria, totalmente bombado.

Pulo atrás dele. Por mais que não queira descansar minha cabeça no lixo dos cidadãos da Nova Ordem, a verdade é que isso combina bem com a nossa situação. É, tipo, poético.

E também estamos protegidos, porque fica fora do caminho da galera. E, como meu irmão já descobriu, está cheio de comida. Bom, se é que se pode chamar de “comida” uns 250 gramas de carne frita que consiste em partes de corpos de centenas de animais diferentes, agora descartadas num saco amassado e no fundo de uma caçamba de lixo.

Whit vê minha expressão e dá de ombros.

— Estou morrendo de fome — ele diz, dando uma mordidona num Big Único. Três sílabas: *No. Jen. To.*

Meu estômago reclama alto e Whit sorri, passando o saco de papel para mim.

— Feliz Feriado — diz meu irmão, de boca cheia. Sem muita vontade, olho para dentro do saco e só tem um bonequinho de plástico do Único, sua careca brilhando à luz fraca da caçamba de lixo.

Meu sangue ferve e faço O Único derreter em minha mão.

— Uau! — Whit diz. — E não é que você ainda tem a manha?

Faço que não com a cabeça.

— Manha nenhuma. Isto aqui é ódio puro.

Whit

— Whit, querido? Você está me ouvindo?

Eu acordo, ou acho que acordo, com o som da voz mais doce que já ouvi.

O rosto dela, lindo e perfeito, está a alguns centímetros do meu. Juro que, se meu coração parasse de bater nesse minuto, eu morreria feliz. Os cachos escuros emolduram o rosto dela, e ela está olhando em meus olhos daquela maneira calma e tranquila que sempre me pegou de jeito. Seguro a respiração e sinto seu perfume.

Se isso aqui é um sonho, não quero acordar nunca mais.

— Cé, é você? Quero tanto ficar com você. — Ir atrás da imagem de Célia já me colocou em apuros antes, e Wisty me alertou de que deve ser O Único tentando me manipular. Mesmo assim, tenho de dar crédito a ele, pois ele sabe o que está fazendo. Célia é a única pessoa para quem não consigo dizer não. Eu sairia correndo direto para uma matilha de lobos zumbis se ela me pedisse.

Célia dá uma olhada na caçamba.

— Que lugar legal que você achou, gatinho. Um pouco mais chique que a Terra das Sombras, mas tenho que dizer que cheira pior que um bando inteiro de Perdidos. — Ela torce o nariz de nojo.

Abro um sorriso. “Essa é a minha namorada.”

Estendo a mão para tocar no rosto dela, sua pele lisa e macia, e ela vira a bochecha e finge que está beijando minha mão, mas não passa de ar. Meu coração dói. Ela nunca pareceu mais real, e momentos assim não duram muito.

— Ah! Quase esqueci! — Célia coloca a mão no bolso. — Trouxe um presente de Feriado para você — ela diz e sorri daquele jeito só dela, tímido, que traz à tona uma onda tão potente de lembranças que quase não aguento: a primeira vez que ela colocou a mão sobre a minha, seus dedos magrinhos tão quentes; a expressão dela quando marquei o *touchdown* que fez ganharmos o jogo; a primeira vez que ela me apresentou como seu namorado; a primeira vez que a vi, como fantasma, depois que ela desapareceu.

Ela coloca o objeto em minha mão e consigo senti-lo de verdade. É uma caneta tinteiro, fina, brilhante, perfeita como Célia. Nunca usei uma dessas, estou ansioso para experimentá-la.

— Célia... mas que linda — digo, estudando a caneta em minha mão.

Ela sorri, satisfeita.

— Não é tão *vintage* quanto parece. De verdade. Você pode usar essa caneta para escrever em qualquer lugar, em qualquer superfície, e ela registra suas palavras onde você quiser. Você pode escrever sua história, não importa para onde O Único forçar você a fugir.

— Vou escrever sua história também, prometo.

Mas, de repente, o olhar de Célia fica distante, como se estivesse lendo algo em uma carta.

— Whit? Tenho mais uma coisa para você. Uma mensagem. De seus pais.

Meu coração quase sai pela boca. Se nossos pais ainda conseguem entrar em contato conosco por meio da Célia, se ainda podemos nos comunicar, é como se não tivessem morrido de verdade.

— Meus pais? Você viu meus pais?

— Seu pai disse para se lembrar de que você e Wisty precisam compartilhar seus Dons se quiserem chegar a algum lugar. E sua mãe disse para vocês terem coragem, e não terem medo de perder as coisas — Célia abre um sorriso triste. — Mas você e eu sabemos que você não sabe deixar as coisas para trás, né, querido?

O ar ao redor dela está frio, muito mais frio do que deveria.

Ela está indo embora. Ela está sempre indo embora.

Acordo de supetão e bato a cabeça na lateral da caçamba. Minha mão, que ainda tenta alcançar Célia, está do lado de fora, congelando com o ar da noite.

Uma falta de esperança me invade. Amo tanto aquela menina, mas para quê amar tanto alguém que já morreu?

Estou segurando algo em minha outra mão, como se minha vida dependesse daquilo.

A caneta.

Devo ter criado a caneta por causa do sonho. Pelo jeito, ainda tenho um pouco de M.

Whit

— Whit, espere aí! — Wisty reclama.

Estamos nas fronteiras da Cidade do Progresso. Corro à frente de minha irmã pelas ruas onde as casas da classe média, confiscadas pela Nova Ordem, disputam espaço com prédios abandonados e destruídos. Sei que nem eu nem Wisty passamos a melhor noite do mundo no Vômitoburger, mas, às vezes, quando uma ideia chega até nós, temos de acreditar nela.

Há poucos soldados armados por aqui, e ouço os uivos dos lobos a distância. Eles foram treinados para seguir nosso cheiro. Multidões à espreita em todo beco, só esperando para nos transformar em cinzas. Temos que continuar nosso caminho, e, agora que tenho um destino em mente, quero chegar a ele o mais rápido possível.

Wisty corre para me alcançar.

— Achei que tivéssemos concordado em ir para o cano de vapor. Você está indo para o lado errado.

— Eu sei, mas pensei em fazer uma parada estratégica primeiro. — Wisty para e cruza os braços. — Uma visitinha à clínica onde você foi voluntária para cuidar daquelas crianças, por exemplo?

Wisty não fala nada. Ela deve estar pensando em seus machucados que ainda estão sarando, e nas alucinações horríveis induzidas pela febre que ela aguentou até *quase morrer* há alguns dias.

Não a culpo. Mas é que não consigo tirar da minha cabeça a “mensagem de nossos pais” trazida pela Célia, mesmo que tenha sido um sonho.

— Olhe, não fique assim. Quando usei minha M para curar você, senti um alívio tão grande por ter você de volta. E senti outra coisa, também. Senti que estava fazendo o que era *certo*, como se curar os outros fosse a missão de minha magia.

— Hum... — ela se apoia em uma corrente enferrujada e verifica a bolha em seu calcanhar. Ela olha para cima, sobranceiras erguidas, impaciente.

— E então eu tive esse sonho maluco e... estou começando a ter essa sensação de que deveríamos fazer mais. Se posso ajudar umas crianças doentes a ficarem bem e crescerem para lutar contra O Único, não me parece uma ideia tão doida assim.

Espero que Wisty proteste pelo menos um pouco, mas ela faz que sim com a cabeça, pensativa.

— É, depois do que a Pearl disse sobre cumprir a Profecia, também tenho pensado no que podemos fazer para ajudar. Quero achar o pessoal da Resistência, quem sabe? Mas aquela área do cano de vapor deve ser tóxica ou bem vigiada, ou as duas coisas. Quem sabe? Talvez alguém na clínica tenha ouvido falar de nossos amigos.

— Beleza — digo, aliviado. — Então, vamos, lerdinha! — falo isso e saio correndo.

—Whit? — Wisty me chama.

— Oi?

— É para o outro lado.

Whit

À medida que nos aproximamos do centro, sinto meu poder crescendo dentro de mim. Ver todas aquelas pessoas reunidas em um só lugar, precisando de ajuda, parece abrir de novo os canais da magia que a influência do Único fechou. Olho para minha irmã e nem preciso perguntar.

— Estou sentindo isso também — ela diz. — Acho que vou ter energia até para morfar. Pode ser mais seguro.

Disfarçados como funcionários de meia-idade do hospital, vamos à clínica — que fica num estacionamento antigo, dos tempos antes de a Nova Ordem restringir o uso de veículos apenas para os oficiais. Wisty está de permanente louro e bronzeamento artificial, e eu pareço um comediante que foi famoso um dia, Mark Dark, encurvado para a frente e todo desarrumado. Faço uma anotação mental para não parar de malhar quando chegar aos 40 anos. Essa barriga não tem *nada* a ver comigo.

Lá dentro é muito pior que eu esperava, e, pelo jeito, bem pior que na época em que Wisty esteve aqui. Para começar, só tem crianças.

Crianças gemendo, sangrando, morrendo. Crianças em berços sujos ou esparramadas em colchões no chão coberto por décadas de óleo de carro.

Wisty fica de queixo caído e cobre a boca com a mão. Já vimos muita coisa desde que esse regime brutal tomou conta de tudo, mas isso... isso é demais.

— É o último “programa de limpeza” do Único Que É O Único — uma enfermeira diz atrás de nós. Seu rosto está marcado pela preocupação e, pelo jeito, ela não dorme há semanas. — Ou pelo menos é o boato que ouvimos. A Nova Ordem quer expandir seu quartel-general moderno para a cidade antiga, e as crianças e jovens desse distrito são difíceis de converter. Então, se essa limpeza também pode ajudar a acabar com alguns milhares de rebeldes, melhor ainda.

Quero dar um soco em alguém. Na verdade, não quero bater em qualquer pessoa. Apenas em uma Única pessoa. Quero virar aquela careca do avesso.

— Vamos começar logo — Wisty diz, amargurada, e eu sei que ela só está tentando ser forte. Ela ainda sabe onde está na clínica e vai para a ala onde ficam as crianças menores, onde o chão é meio torto.

Uma enfermeira novinha chamada Lenora, que Wisty reconhece, nos cumprimenta com um aceno de cabeça enquanto pegamos as bandagens. Nós a ajudamos a levar algumas crianças, que estão delirando, do chão para os berços vazios. Elas parecem filhotes de passarinhos em minhas mãos, seus corações batem rápido.

— Nunca temos leitos suficientes — Lenora reclama, limpando o suor da testa sardenta. — Tentamos não colocar os mais doentes no chão, mas parece que a peste está passando por uma mutação. — Ela desenrola os curativos úmidos de um bebê e usa gaze limpa para cobrir as feridas, tentando acalmar a criança, que chora. — Antes, alguns até tinham chance de sobreviver; os mais valentes conseguiam sair dessa. Agora, a peste leva quase todos eles, e rápido. Essas crianças não estão bem, mas aquelas ali estão na pior fase da doença. Se vocês tiverem estômago para isso, precisamos de alguém para ir lá segurar a mão delas. Essas crianças só querem uma mãe.

Vamos andando para o canto que ela apontou. É mais escuro e quieto. As crianças não falam nem choram nessa parte do estacionamento; só escutamos o som da respiração rasa e difícil. Wisty aperta os lábios e seu rosto fica pálido. Eu sei que ela daria a mão para todas aquelas crianças na hora da morte, mas espero que consigamos fazer algo melhor que isso para elas.

O primeiro paciente que visitamos é um menininho de pele amarelada e cheio de feridas da peste no rosto. Seus olhos grandes e castanhos ainda estão lúcidos e bem vermelhos quando ele percebe nossa presença. Ele não diz nada quando coloco a mão em seus ombros; simplesmente chupa o dedo e aperta os olhos para tentar esquecer a dor.

Não quero pensar no que aconteceu com a mãe dele.

Faço que sim com a cabeça para minha irmã, e ela coloca a mão sobre a minha. Por um momento, nada acontece, e meu peito fica cheio de preocupação; então sinto um baque de energia e nossos poderes começam a passar para esse menino. Ficamos assistindo, maravilhados, à respiração dele ficar mais compassada e ao sangue desaparecer de seus olhos.

— Não acredito que está dando certo. — Wisty fica boquiaberta.

Dou de ombros, meio envergonhado, mas o menino sorri para mim e eu me sinto... como Deus.

Wisty e eu montamos um tipo de linha de montagem para a cura e, embora não possamos salvar todo mundo, porque algumas crianças já estão doentes demais, em pouco tempo colocamos metade da clínica a caminho da recuperação.

Cada processo de cura me deixa acabado, sinto minha energia indo embora, mas, quando coloco as mãos sobre os ombros frágeis dessas crianças e a M flui para elas, é simplesmente incrível. As pontas de meus dedos ficam quentes, meu coração também, e sinto uma onda de... não sei explicar. Luz, energia, calor. *Amor*.

Estou ficando viciado nisso. Sério.

Wisty e eu estamos prestes a focar nossa energia em uma menina de 8 anos totalmente debilitada, mas minha irmã olha para mim como se tivesse acabado de sair de um transe.

— Wisty! — digo, irritado. Temos de continuar se quisermos salvar todo mundo. Mas paro ao ver o rosto dela. Parece que ela viu um fantasma.

— Aquela ali não é... — Wisty aperta os olhos, andando rapidamente pelo espaço mal-iluminado. Ela acena para mim lá do outro lado, onde vejo um número alarmante de berços vazios esperando para serem limpos. Minha irmã está perto de uma menina magra e de pele escura, que aparenta ter uns 17 anos.

— Whit, acho que é *Jamilla*.

Wisty

— Não pode ser — meu irmão sussurra.

O que ele está tentando dizer é óbvio. A Jamilla que conhecíamos, nossa velha amiga da Resistência e xamã da época da Garfunkel's, era animada, vibrante e com certeza pesava mais de 90 quilos. Essa pobre vítima da peste perdeu toda a esperança e está tão acabada por causa da doença que acho que nem seus ossos conseguem suportar seu corpo.

Olho para o rosto da menina doente, suas bochechas fundas e a pele manchada. Reconheço seu cabelo cacheado como mola. E seus olhos, apesar de bem vermelhos, ainda têm a profundidade do olhar de que me lembro.

Ela não passa de um fantasma da pessoa que já foi um dia, mas é Jamilla, é, sim.

— Jamilla — sussurro. Os olhos dela se viram em nossa direção, mas sem nos focar.

— Ainda estamos morfados — Whit me lembra. — Está na cara que ela não está nos reconhecendo.

Eu me inclino sobre ela.

— Jamilla, você consegue me ouvir? Somos nós... Whit e Wisty.

— Vocês! — ela responde com a voz rouca, cheia de medo nos olhos. — São *vocês*!

Whit me olha meio preocupado.

— É, somos nós — digo, tentando passar confiança em minha voz. — Não vamos machucar você. Estamos aqui para ajudá-la. — Ela choraminga, quero confortar minha amiga. Ela está assustada, bem assustada.

Com medo *de nós*.

Mas a mente atormentada de Jamilla não consegue se focar por muito tempo. Os olhos dela se viram para trás e ela começa a delirar de novo, resmungando sobre “a peste dos pobres” e nomes que eu reconheço: Sasha. Janine. Emmet.

Quero perguntar se ela tem notícias de Emmet, porque nós dois éramos bem próximos, mas o clima da clínica muda e fico apreensiva. Minutos atrás, as crianças que curamos estavam deitadas, em paz, começando a se recuperar numa boa. Agora, muitas delas saíram de seus leitos com o maior esforço e estão fazendo uma rodinha, cochichando. Os olhos delas mostram terror puro, como se a própria morte estivesse vindo com sua foice para levar todo mundo embora.

— É o Pearce, com certeza. — Um menino mais saudável diz em tom grave ao voltar do primeiro andar. Os sussurros são substituídos por um silêncio repentino, quando todo mundo entende o que isso quer dizer. Menos nós dois.

— Do que eles estão falando? — Whit pergunta, se esforçando para escutar os cochichos.

— Não. Não, ele não, não.... — Jamilla choraminga. Ela começa a respirar cada vez mais rápido, até hiperventilar. — Saiam daqui! — ela berra. Não sei se ela está falando conosco ou com eles.

Whit coloca um pano úmido na testa dela e tenta acalmá-la enquanto olho ao nosso redor para

ver o que está fazendo aquelas crianças entrarem em pânico: dois soldados da Nova Ordem estão rodeando os berços como se fossem duas hienas prontas para atacar um filhote ferido.

Whit e eu ainda estamos disfarçados, mas minha respiração acelera. Sinto um arrepio com a maneira como todos estão reagindo à presença desses dois. Eles não são como os outros brutamontes que vemos nas ruas, andando com o peito estufado. O lance deles é mais corporativo.

Os soldados parecem fazer um tipo de inspeção de rotina, e andam pela sala de prancheta na mão. Uma mulher, a enfermeira que nos recebeu, os segue de perto, dobrando a manga da camisa, nervosa. Ninguém mais se mexe, o ar está pesado e exala medo.

Um deles não deve ser mais velho que meu irmão, mas tem um ar diferente, de autoridade. Ele é alto, com o cabelo quase branco de tão louro, feições angulosas; me sinto atraída por ele. Ele seria bem gato se não parecesse tão desalmado.

Ele abre um sorriso largo, quase exagerado, e se aproxima de nós, observando a multidão de crianças à beira da morte. Quando os olhos azuis e penetrantes dele se encontram com os meus, é como se água gelada invadissem minhas veias.

Olho de relance para Whit. Esse disfarce não vai durar para sempre e, com certeza, não quero estar nessa sala cheia de soldados, que mais parece um circuito de obstáculos, quando retornar ao meu velho e ruivo eu.

Começo a pegar algumas coisas para levar enquanto Whit sussurra umas palavras de cura para Jamilla. Porém, arrancar a peste de tantas crianças deixou meu irmão bem acabado, e dá para ver que a M dele está fraca.

Os soldados estão escolhendo os leitos que devem ser levados para um caminhão militar.

— Não! — a enfermeira protesta enquanto eles começam a levar embora uma menininha fraca, mas que já começou a se recuperar. Ela chora e lágrimas enchem os olhos da enfermeira. — Vocês não têm coração? Essas pessoas estão doentes; *estão morrendo*. Vocês não podem simplesmente levá-las embora para usá-las como ratos de laboratório em seus “testes”!

— O Único Que É O Único exige submissão. — O soldado de prancheta na mão ergue uma sobrancelha, e seu rosto jovem se acende com crueldade. — Ou você prefere ir no lugar dela?

A enfermeira dá um passo para trás, horrorizada, e o soldado dá uma risada aguda e assustadora; me lembro das hienas de novo.

— Achei que não.

Jamilla geme de dor.

— Whit — peço —, você não pode *fazer* alguma coisa? Estamos perdendo a Jamilla. — Whit pousa as mãos com todo o cuidado sobre os ombros dela e se concentra.

— Não adianta — ele suspira fundo um minuto depois. — Ela está doente demais.

— Jamilla! — imploro à menina que está morrendo. Nenhuma reação. — Você sabe que consegue aguentar mais um pouco. Vai sair daqui e reencontrar todo mundo que ama. Emmet, Janine...

Os olhos dela se abrem com tudo e se concentram nos meus com uma intensidade assustadora. Ela segura meu braço com toda a força que ainda resta em seu corpo frágil.

— Janine... — ela diz com a voz rouca. — Janine está... perdida...

— Como assim *perdida*? — Whit pergunta na lata.

— Whit, não. Deixe a menina em paz...

— Perdida tipo *morta*? — ele quase chora.

— Perdida... — Jamilla sussurra, e então ela solta meu braço e seus olhos se fecham lentamente. Não dá para acreditar que isso esteja acontecendo. Mais uma tragédia.

Whit sacode os ombros dela, sinto um arrepio.

— Mas como assim? Cadê a Janine? Jamilla...

Minhas mãos começam a ficar mais jovens, mais pálidas, e sei que logo, logo meu cabelo cor de fogo vai cair sobre meus ombros. Agora não. Por favor, agora não.

— Whit, temos que ir.

Sinto o sorriso frio e calmo do soldado louro sobre mim. Parece que está me paquerando, e me surge um desejo enorme por ele, e, depois, fico com vergonha. Mas, antes que eu consiga entender esses sentimentos estranhos, Whit me pega pelo braço e saímos correndo, correndo, correndo. De novo.

Wisty

— Janine — meu irmão diz, bufando, enquanto corremos perto do porto cinza e gelado. — O que Jamilla disse. Perdida. Eu não posso deixar Janine na mão... — ele sai correndo ainda mais rápido. — Tenho que... encontrar essa menina.

Apesar de ser arriscado, estamos finalmente a caminho do cano de vapor para ver se encontramos algumas pistas do que aconteceu com Janine e a galera da Resistência. Passamos correndo por uma zona de guerra inativa, onde ficava nosso antigo quartel-general na Garfunkel's, e passamos pelos buracos e crateras dos bombardeios que vão marcar as ruas para todo o sempre. Estamos quase no bueiro que leva ao lugar em que vimos nossos amigos pela última vez.

Mas, quando vejo a expressão cheia de raiva e frustração no rosto de Whit, e ele diminui o passo até parar, meu estômago dá um nó e só consigo pensar no pior.

A realidade é muito pior que isso.

O horror em sua forma mais pura me faz parar de repente quando vejo uma multidão berrando, cutucando e tirando uma da cara de duas adolescentes amarradas a postes de madeira. Tem uma pilha de gravetos aos pés das duas.

Elas estão prestes a ser queimadas vivas.

— Por favor, nós não... — a menina com o cabelo mais comprido implora, tentando engolir os soluços entre as palavras. — Juro, não somos bruxas de verdade.

Quando ela pronuncia essa palavra, a multidão vai à loucura, partindo para cima delas com gritos e xingamentos. A menina chora de desespero.

A outra menina deve ser uns dois ou três anos mais nova. Seu rostinho está imóvel, sem esperança, morto, como se não conseguisse entender o que está acontecendo.

Meu estômago vira do avesso. Eu também não consigo acreditar naquilo.

Pelo jeito, as duas são irmãs. Seus olhos amendoados e escuros e os narizes finos são como um reflexo no espelho. Com suas roupas meio doidas e ecléticas, agora rasgadas, elas se destacam em meio aos ternos vermelhos e impecáveis de seus torturadores, e isso deve ter ajudado a serem tomadas como alvo.

— De novo, não... — Meu irmão sussurra ao meu lado, me levando para longe daquela cena.

— Você... você já viu algo do tipo antes? — pergunto, e a raiva e a incredulidade invadem minha voz. Minha acusação é clara: como é que ele não me contou uma coisa tão séria assim?

— Eu sei — Whit responde. O rosto dele está cheio de dor e arrependimento. — Era por isso que eu estava tão nervoso lá na casa dos Neederman. E por isso que tivemos que nos mandar rapidinho... mesmo com a Pearl... — ele perde a linha de raciocínio, e eu me lembro da menininha nas mãos dos soldados. — Eu estava com medo, Wist. *De verdade*. Só queria salvar você de uma coisa dessas.

— Me *salvar*? — levanto a voz. — Como se não me contar nada...

— Da última vez eu não pude fazer nada mesmo! — Whit diz, sem paciência. — Cheguei

tarde demais. — Ele solta um suspiro profundo e olha para o chão. — Deixe para lá, tá? Essas meninas não têm muito tempo. O que vamos fazer?

Ele tem razão. Não podemos ficar assistindo àquilo de camarote. Olho para a multidão. Não é tanta gente assim, embora seja gente louca. Poderíamos encarar essa galera fácil, fácil.

— E se mostrássemos para eles uma bruxa *de verdade* queimando? — sugiro, erguendo uma sobrancelha.

Whit faz que sim com a cabeça e ergue uma sobrancelha também.

— Gosto do seu estilo, mana.

Então, saio correndo como uma louca, pela primeira vez em semanas ou meses... a toda a velocidade em direção à multidão, que nem suspeita o que vai acontecer, girando meus braços e gritando a plenos pulmões. É claro que há chamadas saindo de minha cabeça, como um halo macabro de fúria.

A multidão vem toda de uma vez para cima de mim, com sangue nos olhos. Mas, à medida que me aproximo, o grupo começa a se dispersar, os olhos arregalados de terror, convencidos de que o Dia do Juízo Final chegou e que essa aparição vai fazê-los pagar por todos os crimes que cometeram. Era mais ou menos isso que eu queria.

No fundo, são todos uns covardes, cada um deles. Querem queimar todo adolescente criativo que estiver dando sopa por aí, qualquer um que seja um pouco diferente e, portanto, vulnerável. Uma bruxa de verdade é demais para eles, claro.

Enquanto me jogo para cima da galera enlouquecida, meu fogo incendiando tudo, Whit vai correndo até as meninas e tenta soltar suas amarras. Em dois minutos, elas estão livres e o lugar está limpo daqueles fanáticos assassinos.

Quando aquela situação chega ao fim, as irmãs se agarram uma à outra, mudas e ainda tontas com o choque. Elas tremem muito.

Whit passa os dedos pelas feridas abertas das meninas, feitas pelas cordas apertadas, e cura a pele delas. As duas se encolhem com o toque dele.

— Tudo bem. Vocês estão bem — sussurro, fazendo carinho nos ombros delas. — Acabou. Estamos aqui para ajudar. Vocês conseguem dizer seus nomes?

— Meu nome é Dana, e essa é Lisa — a menina mais velha responde. — Não sei o que aconteceu. Só estávamos dando uma volta. Eu estava com esse grampo no cabelo... daí uma mulher arrancou o grampo da minha cabeça e, de repente, aquelas pessoas estavam ao nosso redor, nos empurrando, arranhando nossa pele com o grampo, dizendo que nosso sangue era venenoso...

Dá para ver que ela é a extrovertida, mas sua voz começou a tremer e está na cara que está tentando ser forte.

— O negócio é que nós nem somos bruxas. — Ela soluça. — Não como você. — Ela fica meio sem graça. — Quer dizer...

— Tudo bem! — sorrio. — Eu gosto de ser bruxa.

— Eu só gosto de cozinhar umas coisas diferentes, e a Lisa toca guitarra havaiana. Sei que é ilegal, mas... — lágrimas escorrem por seu rosto — ... nunca pensamos que alguém fosse querer

nos matar por causa disso.

Lisa, a mais nova, tem os olhos enormes e horrorizados, ocultos por uma franja pesada e que continuam se virando para a pilha de lenha atrás de nós. Ela aperta a mão de Dana, confortando a irmã, mas seu rosto continua tenso, como se estivesse pronta para sair correndo. Como se soubesse para onde correr, onde haveria um lugar seguro.

— Vocês podem vir conosco — ofereço. — Estamos tentando encontrar nossos amigos e montar a Resistência de novo.

Vejo Lisa fazendo cara de “por favor”. Ela olha para Dana e a pergunta paira entre as duas. Mas Dana faz que não com a cabeça.

— Não — ela suspira. — Precisamos mesmo ir para casa.

Faço que sim com a cabeça, e a ideia de ir para casa me parece doce e, ao mesmo tempo, triste. Nossa casa não existe há muito tempo.

As irmãs desaparecem nas ruas cinzentas de nossa cidade destruída, se abraçando e ainda tremendo depois da experiência terrível por que passaram.

Estalo os dedos e fico olhando enquanto elas se transformam em esquilos, seguindo a passos rápidos e nada suspeitos ao longo da cerca do parque. O efeito vai passar em algumas horas, mas pelo menos elas podem chegar em casa sem maiores problemas, isto é, se conseguirem evitar o pessoal faminto que vive nos becos e está sempre em busca de comida.

— Boa viagem — sussurro.

Wisty

Seguimos em outro sentido pela rua, mas parece que a notícia de nosso salvamento já se espalhou. Tem outro grupo de pessoas vindo em nossa direção, e dá para ver, daqui, que são da N.O. Agora não estamos mais com nossos disfarces de meia-idade; estamos completamente expostos.

— Lá vamos nós — Whit diz ao meu lado.

Quando se aproximam, vejo que um deles é o soldado louro da clínica. E ele não está sozinho. Dessa vez, trouxe umas duas dúzias de camaradas, todos gigantes. Não é só gente de ossos grandes, não: esses caras têm uns dois metros de altura e estão usando camisetas da N.O. justinhas, para enfatizar seus músculos enormes.

Meus olhos se viram para a margem do porto. Poderíamos pular a cerca, cair na água e fugir. Acho que são uns dez passos até lá e pode crer que sou mais rápida que qualquer um desses armários.

Whit me vê olhando para a água e faz que não com a cabeça. Ele está lendo meus pensamentos e também vou ler os dele. Ele está me dizendo “Vamos encarar essa, Wisty”.

— Ah, mas olha só o que temos aqui — o soldado louro diz com uma voz baixa, aveludada e ameaçadora. Ele abre um sorriso perolado e paternalista de um jeito bem sinistro.

Acho que estamos prestes a descobrir por que aquelas crianças tinham tanto medo dele. Ele deve ser da minha idade, mas já tem aquele olhar frio e calculista de um homem movido pela ganância.

— Então, esses são os famosos Wisteria e Whitford Allgood, a bruxa e o bruxo perigosíssimos — o soldado diz, tirando uma da nossa cara. — Fiquei sabendo que vocês acabaram com um belo churrasco. É uma grande honra conhecê-los, apesar de todas as... confusões... que vocês vêm aprontando. — Os olhos dele brilham e todos sorriem de canto de boca, como se ele tivesse contado uma piada interna.

Falar é sempre a minha primeira forma de defesa, e minha boca grande entra em ação antes mesmo de eu saber o que estou dizendo para o Lourinho.

— Pena que não podemos dizer o mesmo sobre você e seus capangas gigantes... — disparo tudo de uma vez.

A frase não sai com a convicção que eu queria porque, na verdade, esse cara me dá arrepios. Tem algo nele que me cheira a... psicopatia. Imprevisibilidade. Como se ele fosse capaz de beijar ou fazer picadinho de você e, em ambas as ações, sentir o mesmo tipo de emoção.

O soldado ri. Fico arrepiada.

— Bem que me disseram que você era engraçada. Ela não é engraçada, gente? — Os gigantes se mexem ao nosso redor e prendem nossos braços atrás de nós, sem cerimônia. — E esse cabelo ruivo tão lindo quanto uma chama? — o líder diz, se aproximando de mim. Ele faz um carinho no meu cabelo, no meu rosto, e me encolho. Minhas bochechas esquentam com uma mistura de vergonha e vaidade. Whit está tenso ao meu lado.

— Bom, de qualquer maneira, O Único Que É O Único ficará muito satisfeito em saber que

vocês vão visitá-lo — o soldado esquisito continua. — Na verdade, estou gostando da ideia de fazer a entrega pessoalmente. E não vou cobrar taxa. Podem acreditar. — Ele sorri de novo.

— Acho que dessa vez você vai ter que quebrar sua promessa — Whit responde, tenso. — Minha irmã e eu não vamos para lugar nenhum com você, amigo.

— Pearce — o soldado diz e estende a mão pálida e com as unhas bem-cuidadas. — Meu nome é Pearce.

Whit

Pearce dá uma risadinha e recolhe a mão.

— Ah, mas que pena! Acho que sua mão está ocupada.

Tento me livrar dos capangas desse imbecil, que estão nos segurando. Já estou bem machucado, e outro problema não vai me ajudar. A faixa estreita de asfalto onde estamos de pé, ao longo da água, é a única área que não foi demolida da antiga fortaleza da Resistência, e é impossível olhar para as crateras na terra ferida e não me lembrar de nossos amigos. Se ainda estiverem vivos — e, nesse caso, é “se” mesmo —, com certeza não têm muito tempo pela frente.

E agora somos obrigados a encarar esse cara egomaniaco.

— Descansar, meninos — ele diz, e os capangas soltam nossos braços na hora. Pearce parece uma criança ao lado desses armários de dois metros de altura, mas está na cara que eles têm medo dele. Fico com a nítida impressão de que ele não deve ser subestimado.

— Então, esse é o famoso curandeiro, o atleta incomparável, o poeta sensível. — Pearce se aproxima e estuda meu rosto como se estivesse observando atentamente um espécime científico megainteressante. Como ele sabe disso tudo sobre mim? Acho que tem mais poder do que eu pensava.

Fico de pé, arrumo a coluna e minha altura e meus músculos são uma ameaça implícita. Se esse tal de Pearce acha que vou ficar com medinho, está muito enganado.

— É uma pena não termos tempo para você dar um showzinho para nós, Wisteria — ele diz, se virando para minha irmã. A maneira como ele diz isso, sugerindo coisas que são muito mais desconfortáveis para um irmão mais velho imaginar que apenas um show pirotécnico, me faz cerrar os punhos. Dou um passo e fico na frente de Wisty, e Pearce dá uma risadinha para mim. — Os dinacometentes são tão raros hoje em dia — ele provoca, como quem não quer nada.

— E tão difíceis de pegar — um dos gigantes resmunga atrás dele.

Pearce gira a cabeça rapidamente e encara o bocudo. Pelo jeito é um assunto delicado.

— Já não discutimos isso, Fafner? — ele pergunta ao gigante, veneno escorre de suas palavras. Está na cara que ele está acostumado a ter tudo resolvido do seu jeito. — Que você ficaria em silêncio enquanto eu interagisse com os Allgoods?

O cara abaixa a cabeça e diz, humildemente:

— Sim, senhor.

Um círculo se abre ao redor dele enquanto seus colegas se afastam, condenando o delinquente.

— Venha aqui — Pearce diz, num tom quase impossível de se ouvir.

Fafner está tremendo, se acovardando, e Wisty me olha de relance, sem saber o que esperar.

— Mas eu não queria...

— Eu disse para você *vir aqui!* — Pearce explode. Ele enrola sua capa preta ao redor do corpo, enquanto o vento sopra em seu cabelo louro. Até meus braços estão arrepiados.

Fafner vai andando em direção a Pearce, relutante, como um cachorro com o rabo entre as pernas. Quando se aproxima o bastante, Pearce levanta a mão e toca a cabeça do gigante, como se estivesse abençoando o coitado ou algo do tipo.

E então a coisa mais insana acontece: a pele do rosto do gigante simplesmente... *cai*. Tudo o que sobra é um crânio pelado no topo daquele corpo enorme, e, quando Pearce tira a mão, o corpo cai com tudo.

O crânio rola pelo chão até chegar à nossa frente.

Enquanto Wisty e eu ficamos ali de olhos arregalados, quase saltando das órbitas, e de queixo caído, sem acreditar naquilo, outros brutamontes arrastam o corpo em direção ao meio-fio, e Pearce limpa a mão num lenço tranquilamente.

— Onde estávamos mesmo? — ele pergunta, se virando para nós e sorrindo, como se nada tivesse acontecido. — Ah, é, vocês estavam prestes a me acompanhar numa visita ao Único.

Estou com medo. Estou horrorizado. Estou totalmente chocado com a falta de constrangimento desse cara, e um pouco surpreso com os poderes dele. Mas estou com ódio também. Lívido. Esse não foi o mundo que nos prometeram quando éramos crianças, e ninguém vai fazer esse cara pagar por isso se eu não tomar uma atitude, agora mesmo.

— Ah, então você não dá conta de nós dois sozinho? — tiro uma da cara dele. Eu sei como os egos funcionam; você só precisa pegar o cara nos pontos certos. — Provavelmente você não é nada sem aquele truquezinho ridículo. Aposto que acabo com você no mano a mano.

Geralmente não baixo o nível desse jeito, juro, mas não sei o que fazer, e hoje ele não vai me levar daqui sem briga. Hoje eu deixei Célia me escapar por entre os dedos de novo. Hoje eu vi minha amiga morrer. Hoje descobri que Janine — a Janine de olhar sério, calma, cheia de compaixão, de quem eu gosto mais do que gostaria de admitir — provavelmente morreu. Estou pronto para acabar com alguém, e se tem alguém que merece isso é esse tal de Pearce.

— Ah, fala sério, Whitford! Sempre temos que apelar para a violência? — Pearce levanta uma sobancelha irônica e conspiradora, como se estivesse lendo os meus pensamentos.

Estalo os dedos como resposta, e ele começa a rir. Uma risada profunda e que dá um desconforto incrível vindo daquele rosto tão sério e tão cruel. O restante de nós fica ali de pé, meio sem jeito, sem saber o que é tão engraçado, mas Pearce continua cascando o bico. O cara é perturbado mesmo.

— *Mano a mano* — ele ri. — E que tal *poder a poder*? — E, então, daquela boca enorme sai uma ventania que mais parece um furacão.

Quando dou por mim de novo, estou no chão, tossindo, confuso e sem ar. Ele me derrubou com o vento, como folhas de uma árvore.

Enquanto tento recuperar o fôlego, o rosto de Pearce fica sério de novo.

— Sua M não funciona mais tão bem na cidade, não é, Menino de Ouro? — ele diz com aquela boca mole. — Infelizmente para você, a minha funciona.

Wisty

— Whit! — Berro, lutando contra os três capangas que estão prendendo meus braços nas minhas costas.

Meu irmão levanta a mão, faz um sinal para eu me acalmar, como se tivesse essa situação, que mais parece um pesadelo, totalmente sob controle. Ele está de joelhos, e o sangue que escorre de seu nariz está fazendo uns desenhos horrorosos no asfalto.

Whit não pode esperar que eu fique ali plantada e assista ao Pearce experimentar o truque da cara derretida nele também, né? Depois de ter visto meus pais morrerem e minha amiga Margô e mais um monte de gente inocente, como é que não vou fazer *nada* enquanto meu irmão encara esse sociopata sozinho?

Pearce dá uma risadinha para mim com o olhar de uma pessoa que adora torturar bichinhos, e perco a paciência. Agora que o *glamour* acabou, minha M está voltando. Meus dedos começam a formigar, meu rosto fica quente, meu sangue ferve e então...

Eu... simplesmente... explodo.

Os caras que estavam me segurando soltam meus braços, se encolhem como se tivessem sido picados por alguma coisa, e de repente vejo chamas de quase um metro saindo do meu corpo, brancas de tão quentes, rugindo.

Começo a me mover em direção a Pearce e minha parede de fogo se aproxima dele, mas ele nem se mexe.

Na verdade, ele não está nem um pouco assustado.

Infelizmente, antes que eu consiga incendiar qualquer um, pelo menos uns dez capangas gigantes caem em cima de mim.

Esse churrasco da Nova Ordem não deu muito certo.

Whit

— Bravo. Bra-vo!

Pearce aplaude devagar, tirando o maior sarro da nossa cara. Ele lambe os beiços e se aproxima de Wisty com aquele sorriso de predador no rosto.

— Preciso dizer, Wisteria — o sarcasmo se intensifica, e ele quase encosta os lábios na orelha dela —, que, se eu não a odiasse tanto, estaria apaixonado por você.

Wisty faz cara feia e eu parto para cima dele, mas os gigantes me pegam no pulo.

— Se você *encostar* nela, eu vou...

Os olhos gelados de Pearce brilham de empolgação.

— Você vai... o quê? Escrever um poema sobre isso?

— Com certeza. Vai se chamar “Ode a uma cara quebrada”. — Apelo, tentando não parecer tão preocupado.

— Ah, sim. “Mano a mano” — Pearce diz com toda a ironia do mundo, fazendo aspas com os dedos no ar, e então faz uma pausa. — E então, Whitford, ainda está a fim de uma briguinha até a morte?

— Hummm... — desconverso. A brisa traz o cheiro da maresia, mas só consigo pensar no crânio pelado daquele capanga gigante, e fico enjoado.

Wisty lança um olhar de medo e desaprovação para mim. Esse lance de briga não tem nada a ver comigo, mas estou me sentindo coagido aqui. E, apesar de ter vergonha de admitir, tem uma parte minúscula, sombria e doente de mim que fica imaginando se eu conseguiria dar uma lição nesse cara.

Faço que sim com a cabeça para ele, nervoso.

— Whit! — Wisty protesta, e tento mandar um olhar para ela do tipo “O que você quer que eu faça?”. Olho para a paisagem desanimadora ao redor, os prédios demolidos, as ruas abandonadas, as ondas se quebrando na areia, uma atrás da outra, como fazem há milhões de anos. Além dos doentes da peste, sem teto e agachados às portas dos prédios destruídos, não tem ninguém por perto. Nenhuma testemunha. Ninguém para me ouvir implorar por misericórdia.

Se eu conseguisse deixar esse cara inconsciente para ter tempo de sair correndo daqui...

— Ótimo. Rency...? — Pearce olha para trás.

O capanga mais enorme do grupo dá um passo à frente e faz que sim com a cabeça, estalando os nós dos dedos; engulo em seco.

“Não pode ser...”

— Espera aí, você está falando sério? Eu estava falando de *você* contra *mim*, Pearce. Que tipo de covarde manda um cara que tem o dobro do tamanho dele lutar em seu lugar?

— Ah, mas não tem nada a ver com coragem, Whit. É muito maior que isso. Estou interessado em ver o que você é capaz de fazer. É um teste, se você prefere assim. Quero ver se você é

capaz de *não morrer*.

Whit

O gigante e eu nos rodeamos, e minha mente se apressa para bolar um plano para *não morrer*.

Bom, vou falar a verdade: a coisa está feia para o meu lado.

Até que sou forte e já enfrentei uns caras gigantesco nos jogos de futebol americano (que às vezes chamávamos de *doidobol*, pois jogávamos uma versão mais insana do esporte), mas Rency parece uma escavadeira, e as veias saltadas nos braços dele são grossas como cordas. Até quando está agachado, mal chego à altura do peito dele.

Rency tem um brilho nos olhos. Ele olha para seus amigos, que caem todos na risada, e um nó se forma na boca do meu estômago.

O nó é substituído rapidamente por um soco poderoso do gigante, que me faz dobrar ao meio e perder o fôlego.

Então, um joelho explode no meu queixo, um punho que mais parece um taco de beisebol me faz girar, e um gosto metálico invade a minha boca. Vesgo, só consigo enxergar a expressão de angústia de minha irmã.

Pearce parece desapontado enquanto nos assiste de canto, como se estivesse prestes a perder uma aposta.

De repente, acontece uma coisa que não consigo explicar. Algo faz um “click” e um conhecimento, uma compreensão, um *poder* se desencadeia dentro de mim.

Deslizo para a frente como se estivesse seguindo uma espécie de coreografia secreta, mando um *jab* no queixo do Rency que mais parece um raio, um cruzado na lateral do corpo dele, e então saio do campo de alcance do capanga.

Jab, cruzado, gancho de esquerda, pivô, *jab* baixo, giro e PÁ! Parece que meu corpo está se mexendo sozinho, antecipando cada movimento do cara e aplicando técnicas avançadas de combate corpo a corpo de que nunca tinha ouvido falar. Enquanto meus punhos atingem o queixo dele, e então as têmporas, e depois o rim do cara, é como se eu estivesse assistindo a tudo de fora do meu corpo.

Eu me sinto furioso. Poderoso. *Invincível*.

E estou... fora de controle.

Meus braços são armas de aço, mortais e incríveis, e Rency não tem nem chance de tentar se defender. O rosto dele parece um bicho atropelado, e seu braço esquerdo está dependurado num ângulo estranho em relação ao corpo, mas não consigo parar.

Quando minha mão, que parece ser de madeira maciça, encontra a patela do joelho do gigante, fico aliviado ao ver Rency tombar no chão como uma pedra, seu rosto distorcido em uma máscara de dor.

Ele não está morto, mas a brincadeira acabou. Olho para meus punhos, incapaz de compreender o que acabou de acontecer.

Pearce entra na rodinha.

— *Loser!* — ele faz cara feia, pousando a mão sobre a cabeça quadrada de mamute do Rency, e o gigante se contorce. De repente, só vemos dois buracos enormes e vazios onde antes ficavam os olhos, nesse crânio que nos encara de boca aberta.

Meu estômago se revira. *Nunca* vou me acostumar com isso.

— Muito bem, bruxo — Pearce diz, e o tom jovial volta à sua voz. Fico tenso, entendendo que aquilo, na verdade, é uma ameaça. — Com certeza esse seu showzinho foi bem interessante. Infelizmente para você, sua irmã é o único Allgood de que O Único precisa. E, como ela é A Única Que Tem o Dom, isso faz de você... como é mesmo aquela palavra? *Descartável*.

Pearce salta como um gato e, antes que eu possa pensar em me defender, suas mãos assassinas já estão segurando minha cabeça e penetrando em minhas têmporas.

O mundo pega fogo e, então, se espatifa.

A vida se resume a apenas duas palavras, piscando em letras garrafais na minha consciência: *pare e dor*.

É... excruciante. Meus olhos se reviram, e se abrem de repente para captar cada novo impulso de agonia que percorre meu corpo. Eu vejo: um dos olhos azuis e gelados de Pearce, quase fechado; o topo de uma árvore, com seus galhos pelados como garras no céu sombrio; os dedos finos de Wisty cobrindo sua boca, como se estivesse segurando um grito; e uma luz tão branca e quente que me cega.

Meu cérebro se transforma em ovo frito e eu não consigo processar nada; meus nervos sofrem um curto-circuito em massa, gritando para que essa experiência chegue ao fim.

Mas ela continua. E não para. Não para.

“Por que ainda não acabou?”

Minha visão entra em foco de novo e por tempo suficiente para que eu consiga ver a expressão de choque no rosto de Pearce; depois, ele fica sério e sua expressão volta, cheia de determinação.

Ele se inclina para a frente e aperta minha cabeça com ainda mais força. Minha mandíbula está tão tensa que poderia moer aço. Agarro os dedos dele, tentando desgrudá-los do meu crânio a qualquer custo, e sinto minhas pernas se dobrarem e meus joelhos baterem com tudo no chão duro. Fico pensando vagamente se outras funções corporais já se entregaram também, mas é um pensamento que vai embora voando enquanto meu eu fica imerso em outra explosão de angústia e dor.

Consigo entender mais ou menos que aquele barulho horrível — um uivo agudo, brutal e animalesco que ecoa dos prédios e afoga o som das ondas no porto — deve estar saindo de mim.

“Mas como é que eu ainda estou vivo?”

Percebendo que há esperança, mesmo com a dor física, de alguma forma fico anestesiado e concentro todas as minhas forças em impedir essa energia de entrar em mim, empurrando a luz que me cega para longe, e me curando. Mas a dor insiste e lateja. É o fim, dá para sentir a vida escorrendo de mim, meus sistemas se desligando, quando...

Tudo para de repente. A dor. A morte. Tudo.

Pearce grita, segurando a própria cabeça como estava segurando a minha minutos antes,

cambaleia para trás e cai desmaiado no chão.

Naquele momento, a náusea toma conta de mim e passo um tempo vomitando, com pontos pretos dançando em frente aos meus olhos. Quando consigo enxergar direito de novo, limpo a boca e me sento, tentando enfocar a cena à minha volta.

Os gigantes estão se afastando de mim, com expressões chocadas e horrorizadas nos rostos, e minha irmã continua de queixo caído, em uma mistura de choque, preocupação e vitória. Lágrimas escorrem pelo rosto dela.

Estou sofrendo a maior enxaqueca da história das enxaquecas, mas ainda tenho massa cinzenta o bastante para compreender um simples fato: talvez pela primeira vez na vida, o “derrete cabeça” do Pearce não funcionou.

“Mas o que isso quer dizer?”, fico pensando, antes de desmaiar.

Wisty

— Whit? Você está vivo? Whit? — sacudo os ombros de meu irmão violentamente, tentando não ter um ataque histérico, aqui sozinha com um bando de gigantes assustados e dois bruxos desmaiados. “O Whit está bem”, tento repetir para mim mesma. Pelo menos parecia que ele estava bem, ou relativamente bem, antes de seus olhos se virarem para trás.

“Acorda, acorda, acorda”, peço, em silêncio. “Acorda antes do Pearce.”

Vejo o psicopata gatinho estatelado no chão de cascalho. As feições dele, sempre tão duras, parecem mais leves, quase gentis, nesse estado inconsciente.

Não sei se é resultado de ter implorado por telepatia, mas meu irmão mais velho totalmente ridículo, patético e incrível (tenho de admitir) finalmente se mexe, e seus olhos se abrem devagar. Não sei se devo dar um abraço ou um soco nele, mas ele não está registrando meu choque/admiração/alívio mesmo. Ele está preocupado com outra coisa.

— Aquela é...? — ele aperta os olhos, tentando enxergar alguém atrás de mim.

Eu me viro e vejo a Sra. Highsmith, a velha amiga de nossos pais, lindona com um chapéu espalhafatoso e um vestido impecável de seda vermelho-sangue.

Na última vez em que a vi, ela estava grudada no teto, sendo torturada pelo Único até seus olhos saltarem do rosto. Mesmo assim, não fico surpresa ao vê-la agora; ela é esse tipo de mulher.

— Suas crianças bobas! Aqui fora sem casaco! — ela dá bronca, aparentemente sem perceber que Whit está coberto de sangue, que tem um cara desmaiado no chão e que estamos cercados por um bando de leões de chácara confusos. Será que esse lance de bruxa-velha-e-meio-sem-noção é só teatro? Sei lá, acho que ela prefere que fiquemos em dúvida mesmo. — O que sua mãe diria? Que eu preciso tomar conta de vocês!

Bom, não que ela tenha cumprido essa promessa muito bem na nossa história triste, mas tenho de admitir que ela já nos salvou de algumas roubadas com uma M incrivelmente poderosa, e aposto que tem outros truques na manga. Sabe aqueles professores que você acha que são totalmente loucos e esquisitos, mas que, no final, são aqueles com quem você mais aprende? Então, espero que nossa história com ela acabe assim.

A Sra. H. olha de relance para Pearce, que está voltando a si.

— Tsc, tsc — ela reclama. — Eu sabia que esse aí não prestava desde o começo. Acho que ele vai acordar de mau humor, né?

Ela nos cumprimenta com um aperto de mão, se vira, de repente, e comanda:

— É melhor *correr*!

Saímos tropeçando atrás dela, mas, mesmo de salto alto, essa bruxa velha é muito mais rápida que nós.

Wisty

Minutos depois, estamos na cozinha nova da Sra. Highsmith, em seu novo apartamento, porque o antigo foi basicamente atingido por um tornado — um oferecimento do Único Que É O Único.

E onde fica a casa nova dela? Não sei, mas, ao olhar de relance pela janela, acho que ela está tentando se misturar com os imbecis da Nova Ordem, e está indo bem.

Como chegamos aqui? Também não sei a resposta exata para isso. Só sei que a Sra. H. saiu correndo na nossa frente, o mundo pareceu se dobrar, ou algo do tipo, as leis da Física foram reconfiguradas, fiquei com aquele enjoo que temos quando andamos de carro em uma estrada cheia de curvas e, quando dei por mim de novo, estava sentada em um banquinho e a Sra. H. estava me pedindo para passar a avelã-de-bruxa.

Minha sensação é a de que brinquei com uma tomada, o fusível do Whit me parece seriamente estourado, mas, quando olho de relance para a Sra. H., não tem um fio de cabelo fora do lugar na cabeça grisalha dela, seu vestido continua sem um amassadinho e ela ainda está andando toda pimpona com aqueles sapatos de salto altíssimo.

Típico.

A Sra. H. está mexendo uma mistura da coisa mais fedida que você imagina — tipo um casamento de enxofre com esgoto; imagina só como esse filho vai sair. Eu me afasto do caldeirão fedido e vou dar uma olhada no novo cafofo da bruxa com Whit.

O novo apartamento dela não faz nos sentirmos em casa como o anterior; acho que, para viver em meio à elite da N.O., é preciso sacrificar o próprio espaço e a personalidade. Ela tem um porteiro vestido de vermelho da cabeça aos pés e uma vista animal do prédio do Capitólio de sua janela no 15º andar.

Ela guardou algumas coisas do antigo apartamento, mas que não ajudam a tornar o lugar aconchegante. As paredes estão lotadas de arte proibida, e esculturas ficam sobre os batentes das portas, exatamente como eu me lembrava. Tem uns caminhos para andarmos no meio daquela bagunça toda, mas tantos instrumentos musicais cobrem o chão que alguém, com certeza, é capaz de tropeçar e quebrar a canela. Essa mulher não sabe jogar nada fora.

E livros. Pilhas e pilhas de livros, por toda a parte. Implorando por espaço em cima da escrivaninha, se espalhando por mesinhas de canto, empilhados no chão como montanhas prestes a desmoronar. Mesmo não sendo uma aluna nota 10, sempre amei ler, e, agora que quase todos os livros foram banidos, a vontade de ler ficou ainda mais forte. Sinto quase um carinho por esses catataus. O Único arrancou nosso poder de aprender, de crescer, de imaginar e de viajar com as palavras.

Por que não lutamos com mais força para preservar os livros, antes de ele levar tudo embora?

Pego um livro com todo o cuidado e limpo a poeira da capa com a mão.

— *O Livro do Cemitério* — diz a Sra. H. por cima de meu ombro. — Ótima escolha. Tem muita sabedoria nesse aí.

— Ah, é? Tipo o quê? — dou risada. — Como evitar a morte? Porque ando precisando desse tipo de conselho.

— Bom, sim, e o livro ensina que você não deve ter medo dos mortos — ela diz, olhando para meu irmão de um jeito sombrio. — Os mortos, como todos nós, também têm... limitações.

Ela diz isso com uma voz esquisita, que pelo jeito guarda para transmitir um Conhecimento Maior. Reviro os olhos. Minha mãe provavelmente me daria um tapa, pois ela disse que a Sra. Highsmith estava aqui para nos ajudar, e qualquer uma que consegue chamar O Único Que É O Único na chinha e ainda se vira bem (ou pelo menos não morre na hora) é uma bruxa muito forte. Mesmo assim, posso pelo menos dizer como estou cansada dessa palhaçada dos adultos, tipo “você não pode saber até ficar mais velha”? Pô, nós somos os caras da Profecia, aqueles que vão mudar tudo. Qualquer conhecimento mais avançado seria bem útil neste momento.

Ela se vira para mim.

— E, Wisteria, é bom você lembrar que inteligência, coragem e compaixão são as chaves para a sobrevivência. — Os olhos dela rodeiam a sala. — E música também.

Faço que sim com a cabeça. Pelo menos *isso* é algo com que me identifico.

Ao comando da Sra. H., começa a rolar o maior rock no apartamento, e ela começa a chacoalhar pra lá e pra cá, a batida toma conta de seu corpo. Ela mexe a mistura no caldeirão enquanto dança, e aquela meleca nojenta escorre pelas laterais.

— Eu me lembro de cada música que já ouvi na vida, de cada nota! — a Sra. H. berra por cima da música. E então faz careta. — Bom, de quase todas. É claro que há algumas exceções notáveis. Tipo, qualquer coisa das Garotas Apimentadas eu *prefiro* esquecer, vamos dizer assim.

Quando uma velha balada familiar invade o apartamento, entro na música também.

— YES! — grito. — Aumenta o volume! — Olho ao meu redor, mas não consigo entender de onde a música está vindo.

A Sra. H. lança um sorriso tímido para nós, dá uma batidinha nos ouvidos e o volume aumenta.

— Nunca se esqueçam, meus queridos, que a música vem de dentro.

Faço que não com a cabeça ao ouvir o velho provérbio, mas sou obrigada a sorrir. Ela é uma bruxa velha bem abusada, isso é verdade, mas tem razão. Ela sempre tem razão. De repente, me encho de uma sensação que já tive uma vez antes na vida, quando toquei no palco em frente a milhares de militantes da Resistência, no Festival Musical Stockwood, com o som de uma parede de amplificadores que criei com minha própria magia. Estremeço. Um dia eu chego lá de novo.

Talvez a Sra. Highsmith e eu tenhamos mais coisas em comum do que eu pensava.

Meu irmão pega a mão dela e a conduz pela cozinha como se estivessem num baile. Um minuto depois, ela se vira para mexer a sopa e Whit pega meu braço, rindo. Giramos e giramos ao som da música tão familiar, e terminamos a coreografia com ele quase me largando no chão e cascando o bico. Os olhos de Whit brilham.

— Era a música predileta de nosso pai — ele diz, sem fôlego.

— É... — suspiro, olhando para um dos violões da Sra. H. com aquela vontade. — Queria tanto que ele tivesse vivido para me ver detonando a Nova Ordem.

— Tivesse vivido? — a Sra. Highsmith ergue uma sobrancelha. — Ah, crianças, vocês não acreditaram mesmo que eles morreram, né?

Meus olhos se enchem de água na hora. Os capuzes. A multidão. A fumaça.

Aquela fumaça horrível.

— Como assim? — exijo saber. — Você está dizendo que eles... estão vivos?

— Bom, eles estão vivos por enquanto — a bruxa velha diz. — Por um fio. Vivos, mas com dificuldade para respirar. Mas ainda não extintos, se vocês preferem assim.

— Wisty, não acredite nela — Whit diz, com a mandíbula tensa. — Eu vi tudo com meus próprios olhos. Eu assisti aos dois sendo... *executados*.

A Sra. Highsmith dá sua risada musical, e Whit faz cara de quem vai estrangular a mulher a qualquer segundo.

— Mas, meus queridos — ela diz em tom leve, apontando para a superfície brilhante do caldeirão —, vejam vocês mesmos.

Meu irmão não se mexe, desacredita, mas não me contenho em pular com tudo para cima do caldeirão. Primeiro, não consigo ver nada através das lágrimas, mas, quando esfrego os olhos, vejo ali, na tampa, duas figuras curvadas com olhos fundos e rostos magros, de pé perto da água.

Mãe e pai.

Vivos!

Whit

Um gritinho escapa da boca de Wisty e vou correndo até ela.

Parece que meus pais estão à beira de um rio, esperando por algo com um montão de gente. Eles estão acabados, pálidos como papel.

— Mãe! — grito. — Pai! — Os rostos deles oscilam como uma imagem coberta de vapor.

Wisty olha para mim, desesperada.

— O que estão fazendo ali? Aqueles caras não parecem soldados da Nova Ordem...

— Pai, onde é esse rio? Fale onde vocês estão! — Ele não responde, e então me viro para a Sra. H. — Eles estão na capital? Você sabe como chegar lá?

— Como fazemos para encontrar vocês? — Wisty pergunta, segurando as laterais da tampa.

A Sra. Highsmith lança um olhar bondoso para Wisty e para mim.

— O rio fica na Terra das Sombras, é claro — ela diz, gentilmente. — E onde mais, meus queridos? Esse rio sempre esteve lá, é onde as pessoas passam para o outro lado.

Agarro o braço de Wisty, ignorando a conversa fiada etérea da Sra. H. por um instante.

— Conseguimos chegar até eles. É só encontrar um portal para a Terra das Sombras, e então podemos trazê-los de volta. Não me importo se for arriscado, nem quero saber se... Wist? — Ela não está me escutando. Sigo o olhar dela de volta aos meus pais e vejo o porquê.

Os olhos de minha mãe estão concentrados diretamente nos dela, e ela está fazendo que não com a cabeça, horrorizada.

— Fiquem longe daqui! — os lábios dela dizem naquele rosto esquelético. — Prometam que não virão para cá! — ela chora. — Vocês. Não. Podem. Vir.

Meu pai fica atrás dela e ergue uma das mãos no ar, como quem sinaliza “pare”. Está aparentando ter uns 100 anos, e, pelo jeito, esse gesto esgota suas energias de vez; contudo, os olhos dele estão vívidos ao encararem os meus.

— Eu proíbo vocês — ele diz, e, de repente, me sinto pequenininho, como se tivesse 4 anos de idade de novo, pedindo para dar uma voltinha na bicicleta do vizinho. Os olhos de meu pai brilham naquele rosto cinzento, e, justo quando estou prestes a dizer o nome dele, meus pais desaparecem.

— Não! — eu grito. — Esperem! — Mas a imagem sumiu completamente, e a tampa só reflete meu próprio rosto horrorizado.

A voz de Wisty sai como um sussurro:

— Eles estão vivos e não querem que façamos *nada*? — Dá para ver que ela está ficando maluca com essa história.

— Sra. Highsmith — eu me viro para a velha bruxa, com raiva por ela não ter nos guiado como tinha prometido —, a senhora acha que eu estou ligando para o que eles disseram sobre ficar longe? É claro que vamos para lá! A senhora vai nos ajudar a encontrar o portal ou vamos

encontrá-lo sozinhos?

A Sra. H. parece ter mais um milhão de segredos que nunca vai revelar.

— Vai chegar um momento em suas vidas, Whitford e Wisteria, em que vocês terão que tomar suas próprias decisões, seguir seus próprios caminhos, desobedecer as ordens de seus pais. — Ela olha para nós com uma expressão leve no rosto. — Que ótimo que vocês entenderam que essa hora chegou.

Wisty

— Agora, comam tudo, crianças. Eu tenho um plano.

A Sra. H. coloca duas tigelas fumegantes de mingau de aveia à nossa frente. Parece comida de gato, e cheira a isso mesmo, mas fazer o quê? Whit come uma colherada e empurra a tigela para longe enquanto tenta não fazer cara de ânsia. Acho que, dessa vez, passo. Não viemos aqui para comer mesmo.

— Ouçam com atenção, meus queridos. Se esse plano não for seguido à risca, pode muito bem resultar na morte de vocês.

Bom, pelo menos ela está sendo direta desta vez.

— Whitford, fiquei sabendo que você tem experiência em se aventurar pelas profundezas da Terra das Sombras.

Whit faz que sim com a cabeça, e a Sra. H. olha fixamente para ele.

— Olhe para a frente. Sua visão lhe servirá bem, meu jovem, na sua jornada a esse lugar terrível, repleto de almas famintas e atormentadas. O labirinto pode enganá-lo, mas você precisa navegar pelas profundezas da alma para encontrar seus pais. Siga os animais até o rio, e o amor encontrará você lá.

O quê?

Whit faz cara de quem não fala a língua da Sra. H., cheia de enigmas sobre fantasmas, mas, mesmo assim, faz que sim com a cabeça, com toda a cerimônia.

Eu, por outro lado, estou ficando bem irritada. Nossos pais estão lá no meio de um abismo na Terra das Sombras e, olhe só, me desculpe, mas não tenho tempo para aprender o significado da vida antes de encontrarmos os dois.

Mesmo assim, quando a Sra. H. se vira para mim, percebo que seguro a respiração.

— E você, Wisteria, tem a tarefa mais importante. Sinto dizer que sua jornada será árdua e seu trabalho, hercúleo, e que as chances estão todas contra você.

Ela faz uma pausa cheia de significado e me inclino para a frente.

— Faço qualquer coisa — digo. — Vambora! — Agora que sei que eles estão vivos, cada fibra de meu ser dói de saudade de meus pais.

A Sra. H. sorri para mim.

— E é você, você sozinha, quem vai ter que lidar com O Único Que É O Único. Agora.

Espere aí. *O quê?* Minha colher cai no chão. O Único, o todo-poderoso que vem nos perseguindo há meses?

— Você está de brincadeira? — Encaro a bruxa, horrorizada, meu queixo quase no chão ao lado da colher.

A Sra. H. faz que sim com a cabeça.

— Nossos pais estão à beira da morte — protesto, sem conseguir acreditar —, e, enquanto

Whit perambula atrás deles pela Terra das Sombras, e eu tenho experiência lá também, só para deixar claro, eu tenho que fazer o quê? Bater à porta do ser mais poderoso da Superfície e... *lidar com ele*? — a essa altura, já estou gritando.

A Sra. Highsmith me olha com reprovação silenciosa, e então pergunta algo totalmente nada a ver.

— Wisteria, você se lembra de alguma coisa, qualquer coisa mesmo, de sua aula de biologia? De física? De química? Não? Bom, era mesmo de esperar de alguém que só matava aula.

Sinto um arrepio ao ouvir aquelas palavras familiares. É praticamente a mesma coisa que O Único me disse na casa dele, um tempão atrás, quando eu tive que provar que era bruxa mesmo. A Sra. Highsmith ergue uma sobrancelha, e fico muda.

“Mas o que é que está rolando aqui?”

Encaro a mulher.

— Olhe aqui, se você quiser focar no passado, tudo bem. Mas já vimos O Único controlar a água, o ar e a terra. Vimos aquele cara esvaziar oceanos, provocar furacões e partir a terra em duas com uma viradinha do dedo mindinho. Como é que *qualquer* pessoa pode lutar contra ele?

A Sra. H. faz que sim com a cabeça, segura meu rosto entre as mãos e eu me sinto como se tivesse 5 anos de idade.

— Mas o que ele não tem é o seu fogo, Wisty, a sua energia, a sua *eletricidade*. Ele pode controlar a terra, mas não controla as pessoas que vivem aqui. Pelo menos não os pensamentos delas. Ainda não. Mas, se aquilo em que O Único acredita for verdade, que seus poderes se estendem aos impulsos elétricos do cérebro, ele vai *usar* você para controlar não só o governo da Superfície, mas também as mentes de toda a humanidade, em todas as dimensões.

Faço cara feia, sem saber o que achar disso. Whit está apertando os nós das mãos contra a testa, perdido em pensamentos.

— Você não entende as implicações de seu poder, querida? Se O Único Que É O Único conseguir o que quer, vai ser o fim da última migalha de liberdade que temos. Será o fim da Resistência, da criatividade e até da esperança. Será o fim de... *tudo*.

— Tá... — suspiro, com a sensação de que acabaram de colocar uma corrente bem pesada em meu pescoço. — Mas o que eu preciso *fazer* de verdade para acabar com O Único? Meu “dom” parece ser tão maior que eu; é uma coisa que não sei controlar direito, e não sei bem para que serve.

A Sra. H. pensa na resposta.

— Com certeza o Dom não deve ser usado para você *ser* Deus. Apenas para impedir que outros tentem se tornar Deus. — Faço que sim com a cabeça, esperando mais instruções, mas a Sra. H. faz um sinal negativo. — Não posso dizer a você exatamente como usar esses Dons incríveis que recebeu — ela diz, em tom grave. — Para crescer e entender a Profecia, primeiro você tem que aprender a controlá-los sozinha.

Suspiro, a gravidade da situação pesa no estômago.

Tenho que me infiltrar em um complexo fortemente armado e chamar para a briga o ser mais poderoso que o mundo já viu, e Whit tem que andar pela Terra das Sombras, onde as pessoas são

devoradas pelos Perdidos famintos ou ficam tão perdidas que suas mentes viram tipo um mingau de aveia. E tudo por causa de uma Profecia que alguém viu escrita numa parede. Por alguma razão, todo mundo acredita em nós: uma menina que matava aula e um cara que era bom em futebol americano.

Olho para Whit, a única pessoa com quem sempre posso contar, que tem estado ao meu lado durante cada perda terrível, cada dificuldade e cada vitória.

“Vamos fazer isso mesmo?”

Whit faz que sim com a cabeça, os olhos brilhantes de esperança. Aperto a mão dele para tentar controlar uma sensação de pânico.

“É claro que vamos.”

Afinal, além de nossas vidas, o que temos a perder?

LIVRO DOIS

**UM
BANQUETE
DE
ALMAS**

Whit

A terra das sombras é um labirinto de desespero.

É um nó cheio de curvas, um cobertor de neblina que enfraquece sua vontade, um fedor de almas perdidas que fazem qualquer coisa para sair do purgatório. A Terra das Sombras é o gosto de medo em sua boca, aquele que faz com que você siga em frente, cada vez mais adiante no labirinto e para mais longe de qualquer ligação com o tempo, com a sanidade ou com os vivos.

E a Terra das Sombras também é Célia, a menina que amei e perdi, uma alma linda, conhecida nesse purgatório como *Meia-Luz*, cuja vida foi tirada cedo demais e por quem eu faria qualquer coisa. A Terra das Sombras também são os meus pais, esperando por mim à beira de um rio, nas profundezas de seus segredos.

Então, com esse coquetel de emoções dentro do peito, estou a caminho desse lugar.

Tenho que chegar ao portal, o único que a Sra. H. tem certeza de que ainda está funcionando. Ele fica escondido em uma área da capital onde nunca estive antes. Ando a passos rápidos, e logo os prédios elegantes de pedra branca dão lugar a uma terra de ninguém de concreto, cheia de fábricas supervigiadas que vomitam uma fumaça branca e grossa no ar parado.

Viro em um beco estreito, e as sombras se mexem quando homens enrolados em trapos se afastam de mim na escuridão. Fico com a postura mais ereta, para impor meu tamanho.

Ando ao lado do muro de concreto, que tem arame farpado enrolado no topo a uns três metros e meio de altura. Uma placa vermelha presa à parede diz LOCAL DE TESTES — NÃO ENTRE. Dois soldados com cara de acabados estão de vigia, porém um deles parece mais interessado em enrolar um cigarro. Essas medidas de segurança são meio ridículas; afinal, com os boatos sobre o que rola nos laboratórios experimentais do Único, os curiosos passam longe.

Mas magos vingativos, não, pelo visto.

Apesar de esses caras terem pinta de vagabundos, vejo a plaquinha de honra de bronze, E.P.N.O., nos uniformes deles, o que quer dizer que fazem parte da Elite dos Portais da Nova Ordem (cuja existência a N.O. nega de pés juntos, é claro). Eles são Curvas, recrutados para se aventurarem pelo Submundo e voltarem para contar a história, pois O Único é oficialmente um Reto e Estreito que não consegue viajar de um mundo para o outro.

Lobos treinados rosnam aos pés dos soldados da E.P.N.O., com os dentes arreganhados e prontos para atacar.

Fico pensando no rosto pálido dos meus pais, na mão de meu pai nos proibindo e no medo nos olhos de minha mãe. Tinha alguma coisa acontecendo naquele rio que eles não queriam que vissemos. Mas nada, nem mesmo meu pai, nem O Único, nem uma matilha inteira de lobos, vai me impedir de entrar na Terra das Sombras.

É o último lugar do universo onde qualquer pessoa sã gostaria de estar, mas aquela terra assustadora, repleta de memórias roubadas e vidas curtas, guarda Célia, meus pais e tudo o que perdi.

A Terra das Sombras guarda o meu destino. Para o melhor ou para o pior.

Whit

Quando você é coagido, às vezes a única coisa a fazer é o que de mais imbecil passa por sua cabeça.

Por isso, vou andando, sem um disfarce para me ajudar, em direção aos capangas da Nova Ordem encostados no muro sujo. “Confiança é tudo”, meu pai dizia. “Você pode fazer quase qualquer coisa se acreditar que é capaz de fazê-lo.”

E não é verdade que isso dá certo — por um segundo? Não dou bandeira e parece que os guardas se esquecem de que deveriam estar vigiando o lugar. Olham para mim com cara de tédio. Por um minuto, acho que vou conseguir passar de fininho por eles, mas infelizmente os lobos estão mais ligados na situação.

Os cachorros da morte rosnam e começam a puxar suas correntes, as bocas espumando para mim, cheias de fome e ódio. Isso acorda os soldados, e eles se viram nos trinta para pegar suas armas e apontá-las para mim.

O mais novo tenta ser autoritário.

— Ninguém entra, ninguém sai, vacilão — ele diz, com a arma apontada para a minha testa.
— A entrada é estritamente proibida.

— O Único Que É O Único mandou eu vir aqui. — Ouço minha voz dizer isso a eles com calma, antes de saber o que estou falando. O soldado mais velho, careca, me olha, desconfiado, e resmunga alguma coisa para o seu camarada. Tento impedir minhas mãos de tremerem em frente aos cães do inferno, que provavelmente devem ter detectores de mentira embutidos. — Tenho uma carta oficial — continuo, inabalável.

Um dos guardas faz que sim com a cabeça e estende a mão, esperando que eu a entregue. Que beleza! Não tenho carta oficial porcaria nenhuma. Só tenho um pedaço de papel amassado com o mapinha que a Sra. Highsmith fez para o portal, mas tiro aquela coisa ridícula do bolso e a entrego para ele.

O soldado mais velho pega o papel, o desdobra e então late:

— Mas o que é isso? É só um pedaço de papel com nomes de ruas. Prenda...

Antes que o cara consiga dizer o resto da frase, saio correndo. Para *isso* eu treinei. Fui feito para *a missão*: salvar meus pais. Meus pés voam debaixo de mim e eu corro como nunca, chegando à porta pesada de madeira que guarda o portal.

Enquanto ouço os lobos tentando morder meus calcanhares, sinto os guardas já de dedo no gatilho, apontando suas armas para mim. Espero e rezo para ainda ser um Curva, para que meu corpo passe para a outra dimensão, para que eu passe direto por aquela porta tão sólida e para a Terra das Sombras, para os braços de Célia e de meus pais, e de todo mundo que está contando comigo para ser um herói pela última vez. Estou rezando para não me espatifar no carvalho e ser preso.

Porque, depois de tudo pelo que passei, depois de tudo pelo que meus pais passaram, isso seria um saco. Mesmo.

Estou voando, saltando, agitando os braços no ar para dar o impulso final, segurando a respiração, e a última coisa que sinto é um CREC gigante, como se minha cabeça estivesse explodindo.

Whit

Bom, isso foi... intenso.

Quando o assunto é portal, cada um é uma experiência diferente, mas nunca é superlegal. Algumas vezes, me senti em um lava-rápido para carros; outras, parecia que estávamos passando espremidos pelo canal de parto (nas palavras de Wisty), e houve um episódio memorável no qual eu tenho certeza de que fiquei parecido com um tomate jogado na parede quando passei para o outro lado.

Mas dessa vez foi muito diferente. E foi depois de bater a cabeça com força e pensar que tinha dado tudo errado que tive a sensação mais esquisita do mundo, como se minhas células estivessem se reposicionando ou algo do tipo.

Com certeza estou na Terra das Sombras, porque não consigo ver quase nada.

— Célia? Mãe? Pai?

Enquanto tropeço em meio à parede de neblina opaca, quase vomito com o cheiro de esgoto podre, não, de carne apodrecida, e meu coração palpita.

Os Perdidos.

Humanos nada angelicais presos no labirinto da Terra das Sombras há tanto tempo que até suas almas apodreceram e se tornaram uma massa de fedor e decomposição. Monstros atormentados pela perda e dementes de fome.

Fome de carne humana.

“Ah, meu Deus, não.”

Ouçoo os gritos dos homens sendo torturados, *devorados*. Soldados? Os guardas da E.P.N.O. pularam atrás de mim, através do portal, direto para as bocas canibais dos Perdidos. Sinto um arrepio, mas, apesar de os gritos terem parado, não sei para onde correr.

De repente, um monte de braços podres me agarra na neblina, uma carne pegajosa roça meus ombros, meu peito, minha garganta. Grito, mas o som é abafado entre os gemidos e o delírio dessas criaturas.

Empurro os Perdidos para longe e me solto, consumido pelo terror.

— Não tente lutar contra nós, seu idiota — uma voz feminina sussurra ao meu ouvido, cheia de más intenções. — Você não pode vencer. Não está vendo? Nós já estamos mortos.

Os outros não param de falar, e a Garota Perdida continua:

— Você não queria estar morto também? — Ela coloca uma de suas mãos pegajosas na minha bochecha, e eu me encolho. Ainda bem que não consigo ver o rosto apodrecido dela por causa da neblina. — E vai morrer.

Ela ri. Meu estômago revira quando começo a enxergar um resto de carne no rosto dela, que chacoalha violentamente, e seus olhos cavernosos dançam à minha frente.

— Logo. Logo, logo você também estará morto, forasteiro. Tão bonito e tão idiota.

Wisty

Meu rosto está limpo, meu cabelo está escovado, brilhante, e me segue com se fosse uma chama. Estou usando um vestido verde chique que estava dando bobeira no armário da Sra. Highsmith. Ando com aqueles sapatos apertados demais, e bato o salto no chão imaculado, como se não estivesse nem aí para as câmeras das mansões ao meu redor, as quais, tenho certeza, devem ter um lobo vira-lata raivoso atrás de cada portão, acompanhando cada movimento meu. Se não fosse pelo brilho em meu olho, qualquer um juraria que faço parte da Juventude da Nova Ordem.

Depois de semanas fugindo e coberta de sangue, sujeira e sabe-se lá mais o quê, fico com vontade de ir a um recital de luxo da N.O. Meu velho ini(a)migo Byron Swain uma vez me falou sobre essas “festinhas”, cujo ponto alto é a recitação elaborada de um dos sucessos do Único, com a elite da N.O. vestida nos trinquês, todos dando tapinhas uns nas costas dos outros. Mesmo sendo insuportável, é para lá que eu preferiria ir em vez de seguir até...

... meu confronto com O Único, talvez para salvar o destino do mundo, só que mais provavelmente para morrer.

Fico repetindo o conselho da Sra. Highsmith, “inteligência, coragem e compaixão” como um mantra, e me concentro tanto que quase passo por uma Tropa da Juventude que patrulha a área.

Vejo duas filas indianas de crianças com expressões vazias, marchando duras em uniformes imaculadamente brancos, decorados com uma barra vermelha. Os líderes são uns pirralhos, devem ser mais novos que eu, mas mostram aquele olhar frio dos soldados mais importantes, pós-lavagem cerebral. Nenhum deles pensaria duas vezes antes de arrancar minha cabeça.

Eles vêm trazendo crianças ainda mais novas, que seguem acorrentadas, cambaleando, soluçando.

Famílias e casais da Nova Ordem passeiam por perto, elegantes em suas roupas finas. Eles não olham para as crianças acorrentadas, nem parecem ouvir seus lamentos.

Mas *eu* vejo a expressão no rosto dessas crianças, a falta de esperança e toda dor. Eu *ouço* o lamento delas. Passo pela rua ladeada de bandeiras que me leva ao palácio e ao quartel-general do Único. Mesmo sem querer, me aproximo da tropa em vez de seguir em frente. Apesar de ser a última coisa no mundo que quero fazer, *não* posso deixar de ajudá-las.

Wisty

De repente, tenho a sensação sombria de que alguma coisa está muito errada enquanto ando em direção à tropa. Quase sinto mãos me apertando, me tirando o ar, e, mesmo com o tecido fino do vestido e a brisa geladinha, começo a suar.

Whit está em perigo. E é sério.

Mas como posso ajudar meu irmão agora? As entradas para a Terra das Sombras são poucas e muito raras hoje em dia; eu jamais conseguiria chegar ao portal da Sra. Highsmith a tempo. A Tropa da Juventude está parada, atenta. Eles me viram andando a passos lentos em sua direção.

“Só posso rezar para que ele saia desse apuro terrível, seja qual for”, penso, me lembrando do rosto acabado de Rency.

Estou nervosa, e o olhar frio da tropa, enquanto me aproximo, não está me ajudando. Que idiota vai andando até esses assassinos que passaram por lavagem cerebral sem usar um disfarce?

Euzinha!

Entro em pânico e tento transformar meu rosto rapidamente, mas a Juventude da Nova Ordem cai na risada enquanto me aproximo. Eles apontam para mim e riem, me imitando, e tenho a triste impressão de que talvez eu seja meio vesga. E que meu nariz é torto.

O menino à frente da fila toca um apito, exigindo ordem. Não consigo ver o rosto dele, mas a tropa fica atenta de imediato.

— Só estou brincando — digo, forçando uma risada fraca e consertando minhas feições rapidamente. Dou um tapinha no ombro do último cara da fila e ele se vira, ignorando a reprovação do cara do apito.

— Eu sou, ééé... vim me juntar à tropa. Quero ser um soldado da Nova Ordem um dia — falo sem pensar. — Quero mesmo é... destruir a liberdade e a imaginação...? — Outros jovens se viram e ficam de queixo caído ao ouvirem as palavras proibidas. Perfeito.

Um menino de cabelo bem preto estala os dedos na alça do meu vestido.

— É mesmo? — ele faz pouco caso. — Bom, você não está vestida muito de acordo com o protocolo, com essa sua roupinha aí.

Uma adolescente mais velha puxa meu cabelo recém-disfarçado com um tom sujo de louro. O cabelo dela está preso com tanta força que repuxa sua cara inteira.

— Ninguém contou para você? Todas as vagas para gente feia já foram preenchidas.

Encolho por dentro, mesmo sabendo da verdade: sou a única pessoa no mundo com poder suficiente para enfrentar O Único. Mas uma provocação benfeita ainda me deixa cheia de dúvidas.

— Meu sonho é honrar a N.O. — Insisto, tomando cuidado para minha voz não mostrar nenhum sinal de ironia. — De verdade.

Wisty

— Os verdadeiros seguidores da Juventude da Nova Ordem se juntaram ao movimento no começo da ascendência — a menina diz, enquanto um cara mais velho prende meus braços atrás das minhas costas.

— Eles viram a luz do Único Que É O Único. Seguiram o caminho da verdadeira justiça — outro menino diz como se fosse um robô, enquanto o primeiro coloca algemas em meus pulsos.

— Todos os outros são falsos. Fingem que querem participar. — Uma menina séria, com tranças, completa a explicação, enquanto me levam marchando até a frente da fila, para fazer companhia aos outros prisioneiros. — Esses aqui são Sob Risco. Eles apoiam a causa profana da Resistência. Precisam ser impedidos! — berra sua vozinha ardida.

O menino de cabelo preto a interrompe e sussurra ao meu ouvido:

— E é aí que *entramos*. Sob as ordens diretas de Sua Grandiosidade, nosso trabalho é fazer esses bárbaros... — ele estala os dedos, com um sorriso macabro —... desaparecerem.

Respiro fundo. É um Esquadrão de Extermínio Jovem, um E.E.J.! E eu pensando que isso não passava de um boato nojento.

O garoto me empurra para o meio das duas filas e me acotovela junto aos menores prisioneiros, uma menina e um menino que não devem ter mais de 5 anos, com rios de lágrimas escorrendo pelas bochechas sujas.

Ouçó as palavras da Sra. Highsmith em minha cabeça. “Confiante. Poderosa.”

— Não precisa ficar com medo de nada — sussurro para as crianças que tremem de pavor.

“Quer dizer... além de tortura e morte ou talvez de ser transformado num imbecil sem cérebro pelo resto de seus dias.”

— Me levem ao seu líder — digo, tirando um sarro da Juventude da Nova Ordem, que me olha torto.

— Ah, Ruiva, fala sério! — diz uma voz à frente, uma voz que sabe como eu odeio esse apelido. — Para uma menina que não vê a hora de entrar para a N.O., você bem que podia colocar mais *sentimento* nisso, né? — Conheço aquele sotaque anasalado, aquele tom reclamão.

O menino do apito se vira e seus olhos estudam meu rosto como se ele não me conhecesse, como se não estivesse tentando ganhar meu coração por um tempão, como se uma vez eu não o tivesse transformado em fuinha porque ele era um maldito de um traidor. É como se nunca tivéssemos nos conhecido.

Ele agarra meu braço com tudo e me leva, marchando.

— Seu desejo é uma ordem. Vamos até o nosso líder. Vestido bonito, viu?

O líder-com-apito da E.E.J. é ninguém mais, ninguém menos que Byron Swain!

Whit

Estou acorrentado, mas ainda consigo falar. Enquanto estiver vivo, não posso parar de tentar conseguir respostas.

— Estou procurando por Benjamin e Eliza Allgood. Tem uma menina por aqui chamada Célia? Se vocês me disserem onde fica o rio, o lugar onde as pessoas, é... atravessam, posso ajudá-los a sair daqui. Juro que os ajudo! — Tem desespero de verdade no meu tom de voz, mas os Perdidos estão ocupados demais no momento para responder às minhas perguntas.

Eles estão ocupados, fazendo a mesma coisa há horas, desde que chegamos ao acampamento deles, ou esconderijo, ou sei lá o que é esse lugar fedido e estranho: comendo animais da floresta.

Animais vivos.

Sinto a bile subindo pela garganta. Acho que nunca mais vou comer carne.

Eu me viro para não ver aquela cena grotesca, mas o cheiro metálico de sangue invade minhas narinas. A palavra “matadouro” me vem à mente, sombria e cheia de mau agouro. Ela conjura imagens de serras elétricas e shows de horror. De músculo sendo arrancado do osso e do desespero frenético dos bichos, esperando por sua vez.

E sinto que também estou esperando pela *minha*.

A neblina não é tão densa aqui, dá para enxergar a floresta à minha volta. Mas tento não olhar muito para ela. As árvores não são compostas de madeira e folhas, mas de ossos. As nuvens são vermelhas, ameaçadoras, e nossas sombras parecem ter vida própria; elas se arrastam pelo chão como cobras, ensaiam atos de violência, sobem pelas nossas costas dançando. Eu correria se pudesse, mas não há para onde ir. Todo lugar fora desse vale não passa de neblina, espessa e opaca.

Nunca tinha vindo tão longe na Terra das Sombras; não fazia a menor ideia de que tudo isso existia. Bom, pelo menos isso pode ser um sinal de que estou chegando lá. Onde há florestas e nuvens deve haver rios, certo? A Sra. Highsmith disse alguma coisa sobre seguir os animais. Será que ela estava falando dessas criaturas tristes e dilaceradas?

Estreito os olhos para conseguir enxergar através da neblina, em busca de algum sinal de água ao longe. Nada, só vejo mais Perdidos. Essas criaturas, que parecem zumbis, avançam pelo acampamento e seu fedor os acompanha. Eles estão trazendo umas coisas amarradas com cordas. Parecem...

“Crianças?”

Com mais gente por perto, aumento minhas chances de enganar esses comedores de cadáveres e fugir. Olho atentamente para o grupo, a princípio sem reconhecer ninguém — eles ainda estão longe. Também tem uns carinhos mais velhos, incluindo um moleque bem mais alto, que deve ter a minha idade, um menino com uma bandana amarrada na cabeça e alguns meninos menores. Tem um bicho com eles também, um cachorro que vem trotando e que é a cara da Feffer, nossa cadela Curva maluca, que, antes de ser domada, tentou devorar Wisty e eu.

“Espere aí, é a Feffer! Isso quer dizer que essa galera é da Resistência!”

Fico mais animado, meu coração bate forte.

Quero berrar para os meus aliados, mas não quero fazer escândalo perto dos Perdidos. Fico ali, quieto, esperando aquela turma chegar, impaciente como nunca.

E meus olhos encontram os de uma menina gatinha no final da fila. Ela deve ter uns 16 anos, tem o cabelo enrolado e rebelde, e está usando um coturno.

Eu reconheceria aquele andar decidido e que não leva desaforo para casa em qualquer lugar.

“Janine!”

Whit

— Whit! — Janine quase me esmaga com um abraço apertado e me deixa sem fôlego. Ela está amarrada com outros carinhas, e eles reclamam quando a corda também puxa suas mãos.

Meu coração foi parar na garganta. Enterro o rosto no cabelo escuro dela e a aperto com toda a força. Fico meio sem graça com os outros por perto, mas, quer saber? Não estou nem aí. “Graças a Deus ela está viva.” De alguma maneira, e mesmo estando nesse lugar horrível, capturado por criaturas desalmadas, fico feliz.

E surpreso ao descobrir que a única coisa que quero fazer é... beijar essa menina.

Janine nunca foi de fazer joguinho e me olha cheia de emoção, como se estivesse se oferecendo de corpo e alma.

— Achei que nunca mais fosse ver você, Whit! — Ela segura meus braços e meu coração bate mais rápido.

— Pensei que você tivesse morrido também — admito, quase sem fôlego, e acaricio sua bochecha.

Ainda amo Célia e não sei exatamente o que sinto por Janine, mas o que sei *com certeza* é que senti mais falta dela do que achava fisicamente possível, e não sabia disso até agora. O rosto sério e inteligente dela, sem maquiagem e mais lindo que o de qualquer estrela de cinema. Suas ideias brilhantes. Sua força. Nunca mais quero me separar dela.

— Jamilla disse... eu achei... — sussurro, ainda surpreso. — Como vocês vieram parar aqui?

— A Resistência tentou fugir para a Terra das Sombras — ela explica. — Whit, procuramos por vocês. Esperamos e procuramos mais um pouco. Não queria deixá-los para trás, mas a N.O. estava *por todos os cantos* da Superfície, e você e Wisty estavam em pôsteres espalhados nos muros e postes, então pensamos que estivessem escondidos e...

— Shhh... tudo bem. Também não sabíamos como encontrar vocês. Tudo ficou tão maluco... Emmet e Sasha estão aqui também? — pergunto, olhando ao redor em busca de rostos familiares. — Eles não conseguiram sair?

Os olhos dela se enchem de lágrimas, e ela as enxuga com raiva.

— Não sei. Nós nos separamos. Eu tinha tudo planejado! Tínhamos um plano para mandar todas as crianças através de outro portal, e Emmet foi na frente para vigiar o caminho...

Mais lágrimas escapam de seus olhos, e ela fica com as bochechas vermelhas de tanta frustração.

— Mas nos perdemos na neblina e não conseguimos fugir deles. — Ela aponta com a cabeça para os Perdidos. — Estou quebrando a cabeça para descobrir o que vão fazer conosco. Parecem cachorros mortos de fome seguindo um cheiro familiar até chegarem em casa. Eles estão nos arrastando com essas cordas há dias e acho... — Janine sente um arrepio, o que não é comum para ela, e arregala os olhos. — Acho que eles vão nos transformar em banquete.

Olho de relance para aquelas criaturas, que ainda estão fazendo a festa com os corpos de animais menores, e sinto um arrepio também.

— Não. — Faço que não com a cabeça. — Não pode ser... isso não pode acontecer, Janine. Não vou deixar...

Janine faz que não com a cabeça, triste.

— Chegamos longe demais. Não tem volta nem saída. — Os olhos verde-sálvia dela, que já foram tão brilhantes e cheios de vida, parecem resignados. — Sabe, estou cansada de lutar. Você pode... me dar um abraço, Whit?

Faço que sim com a cabeça e enrosco meus braços ao redor dela, meu queixo sobre sua bochecha, e o corpo quente dela contra o meu.

Podemos não ter muito tempo agora, mas, nesse momento, é isso o que interessa.

Wisty

Estão puxando meu cabelo, amarraram a corda apertada demais, e alguém insiste em me chutar na canela. Como resultado, caí duas vezes, meu joelho está sangrando e estou ficando cada vez mais irritada.

Uma galera treinada para torturar. Ah, como eu *odeio* a Nova Ordem.

A Tropa da Juventude, exceto Byron Swain, que sumiu, me deixando mais uma vez sem saber se está trabalhando para eles ou para nós, me arrasta pelo pátio cheio de soldados que praticam ataques, por três portas de metal bem pesadas (que me lembram meus dias de cadeia), até chegarmos ao escritório do líder, dentro do complexo da Nova Ordem.

— Achei essa aqui perambulando pelas ruas, General. — A menina insuportável com o rabo de cavalo repuxado reporta, em posição de sentido. — Ela quer se juntar à Tropa da Juventude. — Ela não consegue tirar o veneno da voz. — Achei que poderíamos... cuidar dela.

— Obrigado, Genevieve. — O general suspira em sua cadeira, olhando pela janela, claramente irritado com a interrupção. Ele é um cara grande, com cabelo preto penteado para trás, tem umas entradas na testa. — Por enquanto é só.

Genevieve fica desapontada por não ter sido reconhecida por sua conquista, mas faz que sim com a cabeça e, obedecendo às ordens, sai da sala.

A porta se tranca, ficamos sentados em silêncio por alguns minutos; o general, com o rosto virado para a janela. Observo o escritório, todo arrumadinho, cada objeto colocado no lugar certo de maneira obsessivo-compulsiva. Bonecas e ursinhos de pelúcia encardidos são expostos nas prateleiras como troféus de um taxidermista, e fico imaginando as mãozinhas das quais esses brinquedos foram arrancados.

Então, de repente, o líder gira em sua cadeira e me encara por um tempão — ele tem um olho de vidro, que não se mexe. Isso me irrita tanto!

Ele olha para o meu cabelo cheio de musse e para o meu joelho sangrando, e uma expressão de asco distorce seu rosto.

— O que você tem a dizer quanto a isso?

— Eu... — engulo em seco. O que você diz para um assassino fascista poderoso?

— Sem problemas — ele diz, andando a passos largos até a janela e abrindo-a. — Não precisamos conversar. Fico satisfeito em simplesmente me sentar aqui e ouvir os sons maravilhosos do treinamento da conduta Ordeira. Muito melhor que aquela música que nos distraía de maneira tão terrível antigamente, você não acha?

As janelas do escritório dele dão para o pátio de exercícios, de onde podemos ouvir a Juventude da Nova Ordem treinando, e para a área de detenção, de onde vêm gritos e soluços de dor para completar esse cenário horroroso.

Estou morrendo de medo desse homem e de sua total falta de compaixão. Morro de medo da capacidade que ele tem de torturar e do quanto ele gosta de ver os outros sofrendo. Morro de medo de qualquer um que não esteja nem aí quando um genocídio está prestes a começar.

Mas, agora, preciso ser um modelo da Juventude da Nova Ordem, que mal pode se conter de vontade de viver em uma era de morte e destruição. Do tipo que fica doidão ao presenciar terror puro.

— Senhor, houve um engano terrível — digo para as costas dele, minha voz fingida e cheia de convicção. — Quero... O que mais quis nessa vida foi servir à Nova Ordem com honra. Eu me dirigi à Tropa da Juventude porque me senti inspirada por sua convicção, mas eles me confundiram com aqueles simpatizantes desprezíveis da *Resistência*.

Ele se vira de novo e me encara com aquele olho falso, enrolando as pontinhas do bigode.

— Faço *qualquer coisa* para entrar para a N.O., senhor. Sou ótima, principalmente em torturar e obedecer às autoridades.

O general fica encostado à ponta de sua mesa e enfia metodicamente um lápis no olho de um ursinho de pelúcia.

— Guarde suas mentiras para alguém que esteja interessado — ele diz. — Sei muito bem quem é você, Wisteria Allgood, e você está prestes a ter algumas horas muito *interessantes*; as últimas de sua vida.

Engulo em seco, imaginando os atos terríveis que podem ser desempenhados por uma mente doente e alguns objetos pontiagudos, mas ainda não me conformo: como é que ele sabe?

Será que Byron me dedurou — *de novo*?

Wisty

— Se você sabe quem eu sou — tento manter a voz forte, não quero implorar —, também sabe como sou valiosa para O Único Que É O Único. Ele é seu chefe, né? Tipo, ele *manda* em você, né? — Eu me odeio por usar um homem que *desprezo* como escudo, mas estou perdida.

O general não fala nada. Ele pega um papel azul e começa a escrever alguma coisa com muita calma.

— Se você machucar um simples fio de cabelo meu — continuo —, vai enfraquecer meu Dom. Talvez até acabe com ele. Você não pode me machucar.

— Prisioneira nível cinco — ele lê, a caneta apoiada sobre o papel. — Traidora do povo. Marcada para confessar seus crimes contra a Nova Ordem. — Ele olha para mim, e seu olho de vidro me encara, decidido. Sinto um nó de pânico no peito. — A confissão deve ser obtida por *quaisquer meios necessários*.

Ele sabe quem eu sou e não está nem aí. Esse cara gosta de ouvir criancinhas gritando de medo. Imagine o que ele deve ter planejado para *mim*!

— Você não po-po-pode fazer isso — gaguejo. — Vai pagar caro por isso! Quando O Único descobrir o que você fez com meu Dom, ele vai...

O rosto do general é uma máscara, e o olho bom dele parece estar morrendo de tédio.

— E onde, se posso saber, está esse seu Dom agora, Srta. Allgood?

Começo a suar e minha garganta fica seca. Ele tem razão. Cadê as minhas chamadas? Por que não estou pegando fogo?

Por que sempre dá um curto-circuito na minha magia quando mais preciso dela?

Fico pensando no que a Sra. Highsmith disse sobre meu potencial para controlar impulsos elétricos no cérebro. Não acredito que isso seja possível, mas O Único acredita, e muito. Se eu conseguir sair desse escritório, vou ter de enfrentar o cara. Talvez valha a pena descobrir se tenho mesmo esse Dom que ele cobiça tanto.

Olho para o general debruçado sobre a mesa e imagino os pensamentos terríveis que passam por seu cérebro pervertido, além dos atos impronunciáveis. Depois, imagino esses pensamentos se dissipando, evoluindo...

Concentro cada miligrama de força que tenho nisso, como se minha mente fosse um raio laser apontado para um alfinete minúsculo. Então, sinto uma energia elétrica e quente passando por meu corpo inteiro, e, assim que tenho a impressão de que minha cabeça vai explodir, o general para de escrever e olha para mim.

— Sabe, Wisteria — ele diz seriamente, o rosto vazio e inocente como o de um bebê recém-nascido —, acho que você seria uma aquisição e tanto para a nossa Tropa da Juventude.

— Jura? — Fico de queixo caído, chocada, apesar de tê-lo imaginado dizendo exatamente essas palavras.

Ele toca em meu ombro e eu me encolho. Ainda não estou convencida de que esse cara

doente não esteja de brincadeira comigo.

— Por favor, considere essa possibilidade. Venha comigo. Olhe só para eles. — Ele aponta pela janela e eu vejo um grupo de jovens lá embaixo. Eles estão batendo num boneco com pedaços de pau com muita vontade, até que o enchimento sai do corpo do boneco. Tremo de aflição. — Você não consegue se ver junto a eles, no meio deles? — Ele abre um sorriso macabro. — *Guiando* todos eles?

— Bom, não sei, senhor — respondo, e resolvo me divertir um pouco. — Ainda não estou convencida de que a Tropa da Juventude seja o melhor lugar para meus talentos específicos.

— Por favor! — o latido dele me faz dar um pulo. O general está me segurando pelos braços, me sacudindo, à beira da loucura. E ele me sacode com tanta força que acho que minha cabeça vai cair do pescoço.

“Mude o foco, Wisty!”, tento me lembrar. De repente, percebo que, sem querer, posso levar esse poder que acabei de descobrir a um ponto que não consigo entender nem controlar.

— Você só precisa dizer o preço. Vou... vou pedir porções extras de chocolate! — ele berra, seus olhos enlouquecidos de desespero.

Fico com água na boca quando me lembro daquele chocolate divino e dos dias que passamos no Centro Admirável Mundo Novo, mas então me dou conta também de como aquele negócio era viciante, e de que a N.O. usava esse chocolate do mal para controlar o cérebro dos detentos. Para extrair toda a euforia e energia daquelas mentes tão jovens.

Aquele chocolate quase me levou para o lado negro da força.

— Isso não será necessário, General. Mas acho que vou me juntar à Tropa, de qualquer maneira. — Cedo e me desvencilho dos braços dele, enquanto ele faz que sim com a cabeça, o bigode balançando. — Mas só porque você disse *por favor*.

Capítulo 45

Wisty

Se tem uma coisa que a Tropa da Juventude ama é marchar.

Com meu uniforme branco e vermelho da Nova Ordem, novinho em folha, e meu cabelo preso em duas tranças bem firmes, treino sem parar, esticando as pernas para a frente e para cima, mantendo meus braços imóveis e os olhos, mortos.

— Agora — um moleque mais velho com cara de cavalo late para nós, depois de umas três horas —, vamos revisar as manobras para capturar jovens Resistentes. — Ele passa pela fila com uma caixa nas mãos, distribuindo equipamentos, mas ainda não consigo ver o que é.

— Lembrem-se — ele diz —, o inimigo vai se esquivar, desviar e até implorar. Para eliminar essa ameaça, coloquem o arame no pescoço e apertem o botão.

Sei lá do que ele está falando, mas então a porta de um dos prédios se abre e filhotinhos de cachorro vêm correndo, de língua de fora. Olho ao meu redor e nenhum de meus colegas da Tropa da Juventude abre nem um risquinho de sorriso. Parece que estão prestes a enfrentar um enxame de gafanhotos.

Fico meio nervosa, não sei o que isso quer dizer — e tem a história de a N.O. usar cachorros como armas mortais —, mas não resisto a cachorros e não consigo não me agachar para fazer carinho em um deles. O cachorrinho fica doido, lambe minhas mãos e meu rosto, e seu rabinho parece um motor de barco.

E então, zap! O cachorrinho cai no chão, tremendo.

“Mas que m...?”

Um de meus camaradas da N.O., uma menininha de maria-chiquinha sem os dentes da frente, está ao lado do cachorro com um tipo de arma paralisante, sorrindo como um duende macabro, e depois passa a arma para sua próxima vítima.

Olho ao redor e vejo os outros cachorros chorando enquanto aquelas crianças com lavagem cerebral paralisam todos eles. Sinto um calor familiar ficar mais forte em meu corpo, e minha raiva quase ferve. Mas agora *não* é hora de pegar fogo. Estou no meio de uma instalação fortemente armada da N.O. e, se tiver sorte, posso ter a oportunidade de ver O Único. Mas tentar não me deixar ser controlada pelo ódio está me fazendo soltar fumaça pelos ouvidos. Literalmente.

“Pare, Wisty. Calma. Só um minuto.”

Estalo os dedos, como se estivesse desligando essa explosão de energia, para impedir a erupção das chamas, e, de repente...

Todo mundo para de se mexer. Todo mundo, menos eu.

Os cachorrinhos ficam correndo ao nosso redor, felizes de novo, mas a Juventude cara-de-bunda da Nova Ordem se transformou em estátua, com suas armas paralisantes erguidas no ar e os rostos petrificados em uma expressão de alegria macabra.

“Tá. Eu não estava esperando por isso, mas vai funcionar.”

Essa é a oportunidade perfeita para procurar O Único pelo complexo. Na última vez em que vi

o cara, ele fez o mar ferver e se transformar em um tsunami do terror — eu e Whit surfamos no topo da onda gigante —, pouco antes de vaporizar meus pais.

Eu me sento, apoiada em uma das crianças paralisadas, quando finalmente me cai a ficha da estupidez que estou prestes a cometer. Não estou pronta para isso.

Só quero sair correndo desse lugar e continuar correndo até estar livre: correr para os braços de minha mãe, de volta para a minha infância, para um lugar onde a Nova Ordem nunca existiu e onde eu nunca fui bruxa, onde eu não era alguém de quem todo mundo estivesse dependendo.

Mas a vida não é assim, e nunca mais vai ser daquele jeito.

Então, ignoro cada sinal de perigo vindo do meu corpo, cada resposta que meus nervos estão mandando em alerta. Eu me levanto e ando em direção ao meu destino, de cabeça erguida. Vou encontrar o ser mais poderoso do universo e, apesar de parecer suicídio, vou lutar contra ele.

Porque sou a única pessoa que pode.

Espanto os cachorrinhos e atravesso o pátio. Não sei se meu feitiço-estátua afetou todo mundo ou só quem estava treinando, mas não vou me arriscar.

Vou de fininho até a ponta do prédio e meu olhar dobra a esquina.

Volto imediatamente, paralisada de medo, e me agacho.

Porque ali, do outro lado do pátio, a caminho de um prédio vermelho e imponente, eu o vejo.

O Único Que É O Único.

As nuvens se abrem diante dele e aquela careca brilha à luz do sol. Ele anda a passos largos e confiantes com um camarada da Nova Ordem e *irradia* poder — uma crueldade que faz minha determinação se esvaecer.

À medida que se aproximam, posso vê-lo mais vividamente, seu rosto sério e seus olhos hipnóticos *Technicolor*.

Fico literalmente sem ar ao ver quem está ao lado dele: ninguém menos que o fuinha, Byron Swain. Olho para o cascalho aos meus pés e fico com vontade de jogar uma dessas pedrinhas na cabecinha daquele roedor traidor.

Ou, talvez, um raio.

Whit

Os perdidos estão se preparando para o jantar.

O vale está cheio de atividade enquanto os mortos-vivos andam pra lá e pra cá na floresta, juntando ossos para a fogueira.

As Crianças Perdidas colocam uns gravetos no fogo; os Adultos Perdidos, uma pilha de crânios. Mas será que ossos queimam? Pelo jeito, sim. Uma mulher Perdida mais velha arreganha os dentes para nós e coloca uma lança comprida e afiada dos dois lados, sobre a pilha. Um espeto.

Agora só está faltando a carne.

Ou seja, *nós*.

Janine está com o pessoal da Resistência do outro lado da fogueira, as mãos amarradas com força a um pedaço da corda. Ela não para de chorar e não enxuga mais as lágrimas. O pessoal parece chocado e paralisado, e não é à toa.

Como você se prepara para ser comido vivo?

Eles me separaram dos outros e me amarraram com o dobro de corda, então acho que vou ser o primeiro a queimar.

Feffer está deitada aos meus pés, as perninhas amarradas e esticadas no ar. A cachorrinha uiva, um uivo cheio de desespero. Ela já sabia do plano dos Perdidos muito antes de nós.

Também ouvimos gritos vindos da floresta, e mais uma corrente de crianças é arrastada para o acampamento; algumas tentam se livrar das cordas com toda a força e exigem justiça. Suspiro, aliviado, ao ver que quem está gritando é Sasha, e Emmet vem bem atrás.

“Eles estão vivos...”

Mas não por muito tempo. Meu alívio é seguido imediatamente por um mal-estar que toma conta de mim. Esse vai ser o fim da Resistência *inteira*.

— Vocês não estão planejando nos comer, né? — digo a um Perdido que passa por mim e parece ter a minha idade. Apesar de Célia ter avisado, apesar dos preparativos para o banquete, não consigo acreditar nisso.

— Mas é claro — o Perdido diz, lambendo os beiços cascudos. — E por que não?

— Porque nós somos *gente*! — berro, quase histérico. — Porque essas pessoas têm emoções, e vidas também. Vocês não podem sair por aí *comendo* pessoas!

— Não? — Ele vira a cabeça para o lado, observando a fogueira e suas presas com a inocência de uma criança. Está na cara que os Perdidos não têm noção nenhuma de moral.

— Eu queria que você fosse o próximo — a Menina Perdida com os olhos baixos e assustadores diz, passando os dedos podres pelo meu braço. — Você tem cara de ser *gostoso*.

— Quer dizer que *não* sou o próximo?

— É claro que não — ela diz, como se fosse óbvio. — Você é o nosso salvador. Por que

comeríamos *você*?

Whit

— Você é o curandeiro, não é, Whit? — A Menina Perdida me encara com seus olhos ocos, e tremo quando ela toca meu rosto, o músculo se soltando do osso. — Você pode me curar? Dar um jeito em todos nós? Você pode nos libertar da Terra das Sombras?

“Coitados”, penso, apesar do nojo. Sei lá por que esses seres monstruosos e apodrecidos acham que posso fazer alguma coisa por eles.

Mas... e seu eu puder? E se foi para isso que eu vim parar aqui?

Uma coisa que a Sra. Highsmith me disse ecoa na minha mente: “Você não deve ter medo dos mortos”. Era isso que ela queria dizer?

A menina percebe minha hesitação e implora.

— Me ajude, Whit. Você tem que me libertar — ela geme, desesperada.

Os outros Perdidos, sentindo que a menina pode ganhar algo que também querem, vêm correndo, atropelando uns aos outros. Eles imploram para serem os primeiros a ser salvos, e tocam meu rosto e meus braços ainda amarrados. O fedor me rodeia; estou morrendo de ânsia e sem ter para onde fugir.

— Eu não sei como ajudar vocês! — grito, e o pânico fica evidente em minha voz.

Uma Mulher Perdida empurra os outros para o lado, o cabelo pegajoso pendurado na testa, seus olhos amarelos são assustadores. Ela agarra meus ombros e me sacode.

— Se você é o menino da Profecia, precisa me curar! — ela exige. — Isso não fazia parte do trato!

— Não acredite neles, Whit! — Sasha grita da multidão, e lembro que ele tem muito mais experiência com essas criaturas do que eu. — Por que você acha que eles estão aqui? Eles não merecem sua compaixão!

— Como assim *isso não fazia parte do trato*? — Eu me viro para a Mulher Perdida, ainda pensando como foi que ela e os outros chegaram aqui.

— Por ter estrangulado as crianças, eu deveria viver para sempre — ela responde, como se não falasse nada de mais. — Quero aquilo a que tenho direito.

— Crianças? Você *matou* as crianças? — sussurro, pensando em Célia.

— Eu só estava seguindo as ordens do Único — ela sorri, mostrando os dentes pretos e quebrados, pontiagudos. — Mas prometo que não vou fazer isso de novo.

— E você acha que vou simplesmente *curar* vocês e mandá-los de volta para o mundo? — pergunto, com amargura na voz. Os outros Perdidos vêm correndo em minha direção ao ouvirem a palavra “curar”.

— Vocês não entendem? — grito. — É isso que vocês merecem. E não é só o corpo de vocês que está apodrecendo, mas também as suas *almas*, por causa do que fizeram. Todos vocês. Eu não os libertaria nem que me torturassem, nem que me esparteljassem membro por membro.

— Podemos dar um jeito nisso — a mulher responde com um ar sombrio.

Eu me preparo para o ataque, mas eles não vêm em minha direção. Em vez disso, os Perdidos se lançam sobre o pessoal da Resistência, derrubando Emmet, Sasha e os outros no chão.

Sasha empurra as criaturas com raiva, seu cabelo chicoteia o rosto; ele se mantém um revolucionário até a morte. Mas Emmet, que geralmente é um cara bonzinho, me lança um olhar metálico, o maxilar fixo, determinado. Ele faz que não com a cabeça uma vez, como se dissesse: “Chega de tratos. Não desista nunca. Não importa o que aconteça”.

— Whit! — Janine berra quando as criaturas a agarram.

— Janine! — dizer o nome dela me arrebenta por dentro.

Ela balança a cabeça.

— Tudo bem. Você vai sobreviver e a Resistência vai continuar com você. — Ela está tentando ser tão, tão forte, mas levanta os braços em protesto e o terror dança em seus olhos. Não posso fingir que essa história vai acabar bem.

Os Perdidos arrastam o grupo para um cercado à minha frente, desamarrando a corda dos pulsos deles. Na verdade, eles querem que suas presas se mexam — dizem que a carne fica mais macia —, mas não dá para fugir com aquela rede de metal pontiagudo que rodeia o cercado.

Os Perdidos escolhem a primeira vítima — um menino de uns 12 anos, com cabelo claro e sujo — e a arrastam para a fogueira. Ele luta com todas as forças, mas eles o prendem no chão com facilidade e amarram o garoto no espeto que eu tinha visto antes.

Todo mundo entra em pânico e o pessoal no cercado fica histérico, se joga contra a gaiola, grita por liberdade e estende o braço para o amigo no espeto, cujo destino impensável aguarda cada um de nós. Mas os Perdidos apenas uivam como resposta, uma cacofonia de estourar os tímpanos, que causa uma dor horrível e me perturba.

Se eu não curar os Perdidos, eles vão me forçar a ouvir cada grito, a cheirar o fedor de enxofre, a *sentir* esse acontecimento macabro como um todo, enquanto cada um dos meus amigos morre queimado. Vou assistir à Resistência sendo totalmente extinta em um holocausto terrível.

Meu corpo dói de culpa e meu coração se parte de derrota.

— Não! — grito. Não vou deixar que isso aconteça. Eu me debato contra as cordas, e elas se aprofundam em meus pulsos. Reúno todas as minhas forças e dou um pinote, mas nada de a corda afrouxar. Vou assistir a esse show de horror de camarote.

Minha cabeça fica dependurada, o desespero toma conta de mim e, justo quando tudo parece não ter mais volta, a Menina Perdida, que estava falando comigo antes, aparece de novo, segurando um balde. E então, com um sorriso horroroso no rosto esquelético, ela joga molho e ervas em todos os meus amigos queridos.

Ela está *temperando* o pessoal.

Whit

A neblina vermelha cai de maneira claustrofóbica e, além dela, os ossos da floresta se esticam para cima, como braços que querem fugir desse inferno. Os Perdidos se reúnem ao nosso redor, e o cheiro de pelo queimado me faz querer vomitar quando eles jogam restos de pele de animais nas chamas. Imploro por um feitiço, por uma saída, mas pelo jeito a magia não funciona nos mortos. A fogueira fica cada vez mais quente e a esperança é um sonho distante.

— Whit? — Janine sussurra do cercado, a um metro e meio de mim, e paro de olhar para os preparativos macabros para ver seu rosto lindo e estranhamente calmo.

— Oi? — respondo baixo.

— Tudo bem. — Ela agarra a cerca de metal do cercado com força. Ela precisa acreditar que está tudo bem mesmo. Mas eu não consigo. Vejo a fogueira daqui, estão amarrando o coitado do moleque cada vez mais apertado naquele espeto.

— Como assim? — pergunto, o desespero evidente em minha voz. — Janine, olhe só onde estamos. Não está *nada* bem.

— Mas vai ficar, viu? Mesmo se não sobrevivermos — ela diz, com aquele olhar forte e determinado que conheço tão bem. — Teremos vencido mesmo assim. Porque nunca vamos nos tornar *isso aqui*. — Ela olha ao redor.

— Você tem razão. — Faço que sim com a cabeça. — Nunca vamos ser como eles.

— Mas, antes que eles... nos levem — ela soluça —, tem uma coisa que eu quero dizer. — Ela respira fundo. — Você é idiota. E louco. Um louco idiota. — Sei que ela está tentando encontrar um jeito de me fazer sorrir, como se fosse a última imagem que tivesse de mim antes desse fim tão trágico. — E eu nunca vou perdoar você por ter voltado para cá depois de ter me prometido, há um milhão de anos, que ficaria bem longe deste lugar horrível. Que tipo de imbecil tenta enfrentar não só o chefe corrupto da Superfície, mas também todo o mal da Terra das Sombras?

Dou uma risadinha. É isso que ela quer que eu faça.

— Mas eu também devo ser uma louca idiota — ela continua —, porque na verdade eu acho que você vai conseguir. Porque você sempre me fez acreditar em você, mesmo sob as piores circunstâncias. — Ela olha para mim através do cercado, com o rosto sincero.

A confissão fica pendurada entre nós enquanto a voz rouca de Sasha, que está xingando os Perdidos lá do outro lado do cercado, preenche o ar.

— Você não é idiota. Nem louca. Você é incrível, e você...

— E você vai sair daqui, sabe? — ela me interrompe. — E, quando sair, é melhor não fugir da luta, porque isso aqui *não é* o fim, e...

— *Nós dois* vamos sair daqui — respondo, teimoso, apesar de estar na cara que é mentira. — E, não importa o que aconteça, não é hora de agir como se você fosse uma peça qualquer nessa história. Você é essa causa, Janine. Você é o cérebro e também a paixão por trás dela, e, sem você, O Único teria acabado com a Resistência há muito tempo.

Janine olha para o chão; eu engulo em seco.

— E você é tão, mas tão linda — digo, antes de me dar conta do que estou falando, e tento memorizar as feições dela.

— Linda, aham, falou. — Janine ri, tirando uma da própria cara, olhando para seu corpo. — Esses coturnos imundos, esse cabelo nojento e, para finalizar, coberta de tempero. Que maravilha de última imagem você vai ter de mim!

— Você está linda — sussurro, e estou falando a verdade. Ela não diz nada, então procuro usar o tom mais leve que ela está esperando. — Em quem mais esse estilo apocalíptico cairia tão bem?

— Whit... — uma lágrima rola pelo seu rosto. — Acho que eu amo você — ela sussurra, seus olhos verdes olhando diretamente para os meus. Meu coração dá um capote.

— Janine, eu...

Antes que eu possa responder, os olhos dela se estreitam, tentando enxergar algo atrás de mim.

“Ah, não! Não pode ter chegado a hora. Ainda não.”

Whit

— O que foi? — pergunto. — Janine? — Olho por cima do meu ombro e vejo um Perdido se aproximando de mim em meio à neblina vermelha. É uma menina com uma auréola de cachos pretos, uma menina que é até bonita e que, quando estava viva, deveria ter sido linda.

Ou talvez ela não seja uma Perdida...?

Tá. Agora eu entendi. A menina deve ser um Anjo da Morte que veio nos levar para longe deste lugar horrível e nos ajudar a atravessar para o outro lado. Acho que faz sentido. Como é que conseguiríamos fugir deste labirinto?

Sinto um gosto amargo na boca quando percebo que não tenho mais forças para lutar. Era para eu ser parte dessa Profecia, mas acho que era tudo uma bela mentira. Como tudo mais neste mundo esquecido por Deus. Não sou diferente nem mais especial que qualquer outra pessoa.

A angústia me invade e penso em minha família. Como Wisty vai ficar sabendo do que aconteceu? Será que ela vai achar que eu a abandonei? E o que vai ser de meus pais, agora que os deixei na mão?

Se morrer fizesse parte dos planos, se a Profecia fosse uma bobagem, eu preferiria ter ido com meus pais quando eles foram executados. Como um herói. Como um homem. E não como um dos elementos ridículos deste ato miserável, bárbaro e *patético* de bestialidade.

Fecho os olhos e o anjo sussurra meu nome. Estremeço. A verdade é que ainda não estou pronto. Não, não estou pronto mesmo.

Mas a voz é doce e me acalma. Parece familiar, como se fosse algo pelo qual eu esperei a vida inteira. Então, percebo o que está rolando, e é como se tivesse levado uma marretada no peito.

Sou um idiota mesmo. “É claro que ela veio.”

— Célia! — berro. Vejo a dor tomar conta do rosto de Janine e fico desesperado.

Então, olho de relance para os Perdidos, mas eles estão ocupados demais para notar a presença de Célia ou meus gritos.

Bom, pode ser isso ou pode ser que ela não esteja aqui de verdade e que tudo não passe de uma alucinação.

Emmet está num canto do cercado mais além, mais distante de Janine, e vejo os olhos dele se arregalarem ao notarem essa aparição brilhante. Bom, pelo menos não fiquei doido de vez.

Célia está mais pálida que antes e sua luz oscila. Ela parece mais um fantasma que um anjo, para falar a verdade.

— Você não... você não virou uma *Perdida*, virou? — sussurro.

Ela se afasta de mim, com uma expressão de nojo.

— Nem pensar, Whit. Não sou uma assassina; eu fui assassinada.

Suspiro de alívio e percebo que esse pode ser o bilhete para sairmos daqui.

— Estou tão feliz que você esteja aqui. Mas não temos muito tempo e...

— Eu também não tenho, Whit — ela me interrompe. — Sinto muito, mas não posso ajudar você desta vez. Minha luz está se apagando.

Olho de relance para um Perdido, as órbitas oculares vazias e sem emoção. Ele lambe a carne crua no lugar em que seus lábios deveriam estar, e o pânico aumenta em meu peito. Ela não vai nos largar aqui. Será?

Célia faz um carinho em meu rosto e seu toque é mais leve que o ar. Eu queria tanto poder senti-lo. Mas, de repente, a mão dela cai.

— Tenho certeza de que vão ficar bem, Whit — ela olha para Janine. — Você e sua namorada. — A voz dela não tem mais emoção nem a doçura de sempre, e suas palavras cortam meu coração.

— Célia, espere!

A luz se apaga completamente e Célia desaparece de novo. E ela leva embora toda a minha esperança.

Wisty

Escova de dentes na mão, acompanho meus colegas da Juventude da Nova Ordem na esfregação de cada centímetro do quartel. Apesar de o chão já estar um brinco. Apesar de termos esfregado tudo durante quatro horas ontem, e anteontem também.

Minhas camaradas, em seus uniformes impecáveis e com fitas no cabelo, são muito mais sociáveis que eu esperava. Ao contrário dos ideais da Nova Ordem, elas não param de falar enquanto estamos limpando o quartel. Várias meninas se aproximaram de mim, agora que sou uma delas (tipo uma irmã mais velha), e estou começando a aprender que dentro de cada máquina programada para matar da Juventude da Nova Ordem há uma criança assustada, manipulada e que passou por lavagem cerebral para ficar submissa.

Kathy está falando sobre o comentário cheio de segundas intenções que Joseph fez para Naomi depois do treinamento de ontem, e todo mundo cai na risada. De repente, sem aviso algum, a porta do quartel se abre com tudo e a madeira bate na parede, fazendo o maior barulhão.

Todos prendem a respiração quando Pearce entra pela porta, seu cabelo branco de tão louro penteado para trás com todo o cuidado, e sua expressão mais sinistra que nunca.

— Ora, ora! — Pearce fala alto, batendo palmas como um monitor empolgadinho de acampamento de férias. A menina ao meu lado treme com o som. — Chegou o dia favorito de todo mundo. É dia de avaliação! Como anda a limpeza, hein, turma? — O sorriso dele é totalmente *psycho* enquanto inspeciona os cantos do quarto e atrás das camas à procura da sujeira tão ofensiva.

Uma das crianças mais novas choraminga, mas o restante da galera não dá um pio, olha para a frente sem piscar, os ombros ficam tensos... Eles fazem qualquer negócio para não chamar a atenção.

Fico tensa, um ruído de estática invade meus ouvidos e os pelos dos meus braços se arrepiam. Mantenho a cabeça baixa e fico só esperando. Está na cara que alguém me denunciou.

Mas, pelo jeito, não é por mim que ele está aqui. Pearce fica um bom tempo inspecionando os cantos, e então se agacha ao lado de um dos meninos, de olho em seu trabalho.

— Você não limpou este pedaço. — Ele aponta com um sorriso, e o menino parece tremer da cabeça aos pés. Ele esfrega furiosamente o quadradinho esquecido com sua escova de dentes, mas vejo uma mancha amarela se formar na calça do uniforme impecavelmente branco dele.

— Pronto, pronto — Pearce fala baixinho. — Não precisa fazer drama. Isso é o que chamamos de servir de exemplo. E o que você está fazendo é muito honroso, você sabe disso.

O menino sabe o que vem em seguida. Todos nós sabemos. Os lábios do menino tremem, e ele ameaça soluçar. Quando Pearce se inclina até o moleque, me lembro da maneira como a pele descolou da cabeça daquele cara gigante e...

— Não! — grito sem querer, e me endireito.

Kathy faz que não com a cabeça para mim, em aviso, com os olhos arregalados, mas não consigo me conter.

— Deixe o menino em paz. Por favor...

Pearce se vira rapidamente para olhar para mim, poupando o menino. A raiva se espalha pelo rosto dele, mas é rapidamente substituída por satisfação, como a de uma aranha que encontra uma mosca enroscada na teia.

Uma aranha faminta.

— Mas o que temos aqui? — Pearce pergunta todo bonzinho em minha direção. — Uma nova recruta? — Seus olhos frios me encaram e me desafiam, e fico chocada mais uma vez ao ver como ele seria gatinho se não irradiasse tanto mal naquele sorriso brilhante.

Olho para o chão enquanto ele atravessa o quartel a passos largos. Minhas bochechas esquentam sob meu disfarce louro. Será que ele sabe que sou eu? Esse é o feitiço de disfarce mais duradouro que já fiz, mas tenho medo de estar mostrando um pouquinho de Wisty.

Ele me rodeia como um falcão sobrevoando a presa e para trás de mim. Eu me preparo para o golpe, meus dentes começam a bater.

Mas quase dou um pulo ao sentir as mãos dele sobre os meus ombros, passando de maneira ameaçadora sobre minha garganta e meus braços. Nunca senti nada tão anormal, tão *errado*.

— Temos algumas regras que os novos recrutas precisam seguir, certas... iniciações — ele diz, cheio de tédio.

Meu corpo inteiro treme de medo e de ódio do toque dele; a adrenalina vai lá para o alto.

“Eu poderia acabar com você”, penso. “Vou jogar uma bola de fogo em você e queimá-lo até virar cinza se você não tirar essas patas nojentas de cima de mim.”

Mas ele não tira e eu não faço nada. Não posso acabar com meu disfarce. Não posso gastar minha M e, embora não queira me sentir assim, estou com medo desse monstro, medo de verdade.

Então, as mãos dele ficam ali, sobre meus braços, declarando uma vitória silenciosa, e minha pele se arrepia.

— Deve ser um desafio se adaptar à vida no quartel, não é? — ele sussurra bem baixinho, quase com carinho. — Posso imaginar como deve ser difícil quando as pessoas estão de olho em você o tempo todo, catalogando todos os seus movimentos. — Os dedos dele fazem círculos ao redor de minhas sardas e eu me encolho. — O Único insiste que eu entregue qualquer fanfarrão imediatamente. É muito importante para ele que mantenhamos a ordem. Mas você não vai arranjar confusão, né? — ele sussurra na minha orelha, e sinto a bile subir até minha garganta.

Eu me viro para olhá-lo nos olhos.

— Você me enoja! — cuspo, e minha voz nem treme.

Seus olhos de cobra, azuis e gelados, brilham.

— *Eu* te enoja, queridinha? Qual de nós dois está esfregando o chão?

Então ele se lança para a frente, com a boca entortada num sorrisinho imbecil, e... me beija.

Não, o que ele faz não é tão educado. Pearce planta os lábios dele nos meus, agarra a parte de trás de minha cabeça com tudo e enfia a língua na minha boca. É a coisa mais nojenta que já experimentei.

Pearce dá uma risadinha, e se afasta com um sorriso repugnante no rosto.

— E isso não foi, tipo... *sexy*? — Estou sem fala e chocada, de tanto nojo. — Não, acho que você não vai se meter em nenhuma confusão. — Ele sorri, satisfeito.

Quero lavar minha boca com detergente. Ou, melhor ainda, transformar esse cara numa esponja. Uma esponja suja, imunda, cheia de bactérias. Mesmo assim, eu me lembro de como meu irmão ficou acabado ao tentar controlar a magia do Pearce e, no momento, não tenho tanta energia assim para gastar.

Então, cuspo no chão e volto a esfregar o piso com minha escova de dentes enquanto a galera olha para a frente, de queixo caído. Pearce sai marchando, seus coturnos brilhantes marcando nosso chão tão limpinho.

“Neste momento, tenho de me preocupar com alguém mais importante. Mas a sua hora vai chegar, Pearce. Eu prometo.”

Wisty

Estou me sentindo totalmente violada, e o gosto dos lábios nojentos de Pearce não sai da minha boca, mas tento tirar isso da cabeça ao ir de fininho até o pátio. Não há tempo a perder. Preciso chegar até O Único e logo, antes que Pearce se torne um problema maior ainda.

Preciso de ajuda. Infelizmente, isso quer dizer que preciso de Byron-Trofêu-Irritação-Swain, para quem não quero ficar devendo nada, já que o cara é capaz de tirar leite de pedra se puder ganhar alguma coisa com isso.

Depois que Byron termina seus treinamentos diários, sigo-o até o prédio atrás dos quartéis, prestando atenção para ver se não tem ninguém de olho. Queria encontrar um lugar mais reservado, mas acho que é a melhor opção nesse complexo infestado de guardas armados. E pode ser a única oportunidade de eu ficar sozinha com ele.

Enquanto passo de fininho pela porta, vejo que Byron está apoiado contra uma prateleira, tentando parecer relaxado. Ele está mais oficial que nunca, com seu uniforme impecável da Nova Ordem e sua cara de puxa-saco. Será que ele estava... me esperando?

— Wisty. — Ele faz que sim com a cabeça para mim e não revela nada. Penso de novo: o que Byron quer de verdade? Eu sabia que ele tinha me reconhecido quando me trouxeram para cá, mas ele nem tentou entrar em contato comigo desde então. E aqui está ele, parecendo totalmente *não* surpreso em me ver vindo atrás dele, em um lugar onde poderiam matar nós dois.

Olho para trás. Talvez Byron tenha seus próprios espões.

— Você deseja falar comigo? — ele insiste.

Byron não vai mudar nunca, né? Já tentei tratar o cara como uma pessoa normal, quando ele era membro da Resistência, mas pelo jeito não adiantou nada.

Desde que começou sua carreira de espião da Nova Ordem, nunca sei de que lado ele está, mas, desta vez, vou ser obrigada a me arriscar. Se ele não cooperar, sempre posso apelar para o controle da mente. Entretanto, como ele já passou um tempão tentando sair comigo, acho que vai dar certo.

— E aí, B., beleza? — digo da maneira mais casual possível. — O negócio é o seguinte: agora que você é das internas de novo, preciso que me dê uns detalhes sobre o palácio. Estou fora de forma demais para ficar participando desses treinamentos todos e, sinceramente, prefiro esfregar privada a machucar cachorrinhos. — Acho que é melhor não entregar meus verdadeiros motivos desta vez. Vai saber se o Swain voltou para valer para a N.O. — Então, preciso que você mexa uns pauzinhos, tá? — já percebi que Byron reage melhor quando não deixo muito espaço para discussão.

— Estou ciente de que sua rotina de treinamentos está por um fio. Você quer chegar perto do Único Que É O Único e do regime de elite, não é? E você acha mesmo que vai sobreviver a isso?

Fico desconfortável no meu canto. Será que sou um livro tão aberto assim?

— Você vai me ajudar a entrar lá ou não?

Ele me lança um olhar demorado e sério, e então dá uma risadinha. Fico com vontade de enfiar uma meia na boca dele, para variar.

— Mas será possível que Vossa Majestade, A Escolhida, está vindo novamente pedir ajuda a esse mero súdito? — ele tira uma da minha cara. — Imagine a minha surpresa. Que tal pedir *por favor*, hein, Wisty, e se lembrar de todos os favores que já fiz a você no passado?

Mordo a língua e estudo o cara. Uma única lâmpada fica dependurada no teto, e não é à toa que estou me sentindo numa sala de interrogatório. Ele pode ter escutas neste lugar. Quem sabe para quem ele está trabalhando de verdade? Isso aqui poderia ser uma armadilha...

Respire fundo. Você tem que acreditar em *alguém*, Wisty. Pode ser sua última chance.

— Veja bem, Byron — digo, com calma e racionalmente. — Sei que nem sempre nos demos bem, mas isso aqui é um assunto sério. Sério mesmo. Tudo pelo que passamos antes foi só um treino para este momento. Vou encarar o tirano mais ganancioso e corrupto que este mundo já conheceu. — Ponho a mão sobre a de Byron e convoco minha voz de revolucionária. — Você não quer fazer parte disso?

Ele se apoia na mesa no canto e cruza os braços, nem um pouco preocupado. Aperta os lábios, como se estivesse à espera de uma oferta melhor. E minha paciência? Já era.

Hora de experimentar uma abordagem diferente.

— Quer ser roedor de novo, Swain? — pergunto. — Porque faz tempo que destransformei você e, para falar a verdade, acho que ser uma fuinha tinha tudo a ver com a sua personalidade.

Byron pega um aparelhinho tecnológico e o mostra para mim, me ameaçando.

— E *você*, gostaria que *eu* ligasse agora mesmo para os oficiais da Nova Ordem e te jogasse atrás das grades? É só apertar um botão. Você está se esquecendo de quem tem o poder aqui, Wisty. É por isso que *você* está pedindo a *minha* ajuda.

Reviro os olhos.

— Ainda estamos nesse joguinho? Olha só: estou tentando me *aproximar* do Único. O Único, que ia fritar você assim que não fosse mais útil a ele. E você vai fazer... o quê? Voltar para o lado traidor e chamar as tropas?

Byron dá de ombros, vago como de sempre.

— Um homem tem que fazer o que tem que fazer.

Tem alguma coisa errada, mesmo Byron sendo sempre sendo tão puxa-saco.

— Por que você está tão estranho? — exijo saber. — Você parecia, tipo, quase normal na última vez que o vi, e agora voltou para esse lance passivo-agressivo. O que está rolando? Você está bem?

Byron dá de ombros, ainda quieto. Tem alguma coisa séria acontecendo: o fuinha não tem uma resposta na ponta da língua.

— Byron?

— Até parece que você está preocupada com meu bem-estar.

Suspiro. É tão fácil esquecer que o fuinha tem emoções humanas.

— Me desculpe. Mas é que não tenho muito tempo. Olhe, me desculpe se não estou sendo boazinha como de sempre... — reviro os olhos para reforçar a ironia.

Silêncio.

— Ah, B.! Já passamos por tanta coisa juntos! Você sabe que eu me importo com você.

Uma nuvem passa pelo rosto dele.

— Fiquei sabendo de seu momento desentupidor de pia com Pearce — Byron resmunga.

— Você está falando da vez em que aquela serpente deu o *bote* em mim? — Mal posso acreditar. — É, Swain, estou babando por aquele assassino de bebês e suas mãos geladas. Ele me *atacou*, mas dá para ver que essa parte da fofoca não chegou até você. — Byron não responde, o que me deixa louca da vida. — E por que você se importa, hein? — desafio o cara.

— É que eu pensei que tivéssemos alguma coisa, Wisty — ele diz em voz baixa, com o orgulho visivelmente ferido.

Ah. *Isso*.

— Estamos falando de uma questão de *vida e morte* aqui, Byron, e você vem me dizer que está com *ciúmes*?

O rosto de Byron se fecha por completo e ele vai a passos largos até as prateleiras, pegando um monte de armas paralisantes, cordas e um megafone para a próxima rodada de treinamento.

Mantenho a distância, e fico do outro lado da salinha só assistindo aos movimentos agitados dele. Não quero machucar Byron, mas também não quero gostar dele. Aquela conexão intensa entre nós, quando tocamos juntos no palco em Stockwood, ainda me deixa nervosa. Na real.

— Byron, não leve para o lado pessoal, eu só...

— Tá, tá bom! — ele diz, de volta ao seu comportamento tosco da Nova Ordem. Ele se vira para ir embora.

— Ei — ainda tento chamar o cara —, dá um jeito de eu entrar no palácio, tá?

— Vou ver o que posso fazer — ele diz, como quem não promete nada. Então, ele se vira para mim. — Wisty? — O rosto de Byron fica sério de repente, um mal-estar se aloja na boca de meu estômago.

— O quê? — minha voz sai alta e fininha.

Ele morde o lábio como se estivesse decidindo alguma coisa, e tenho vontade de sacudi-lo.

— Você precisa agir rápido. Minhas fontes me informaram que Whit está em perigo na Terra das Sombras. Você não tem muito tempo para lidar com O Único se quiser salvar seu irmão.

Whit

As tochas se mexem para lá e para cá, embaçadas na minha visão periférica. Uma fogueira vomita à luz avermelhada do crepúsculo. O fogo está por toda a parte, ao nosso redor, lambendo nossa pele e iluminando nossas expressões de terror. O fedor dos Perdidos reunidos, de sua carne apodrecida e das intenções mais que macabras, é realmente insuportável.

A intensidade de seu canto sombrio acompanha as batidas do meu coração acelerado.

Meus braços estão doendo com o peso do meu corpo, e escapo das mãos da morte que se estendem para me tocar. Estou preso em uma roda enorme, um instrumento de tortura antigo que mantém meus braços e minhas pernas bem afastados, e meu corpo exposto, para que essas criaturas possam me girar, me tocar e ser curadas.

Abaixo de mim, o palco está arrumado para um Banquete de Feriado horrível, e o pessoal da Resistência está amarrado em um círculo de espetos. Sasha entoa hinos de luta e grita obscenidades para os Perdidos, sem parar de protestar; Emmet está tão triste que é de cortar o coração, mas também está determinado a não fazer escândalo. Para ele, se esse é o fim da Resistência, então todo mundo vai morrer com honra. A maioria das outras crianças está soluçando descontroladamente, mas Janine se mostra resignada e seu rosto forte é uma máscara.

Ela não me olha nos olhos.

Mãos me cobrem e a roda antiga gira, me rodando para a esquerda, e depois para a direita, tenho que esticar o pescoço para ver o que está acontecendo. Meu coração está a fim de uma briga e quer continuar lutando até meu último suspiro, mas estou tão fraco e zozno, e há tantos deles, enlouquecidos e carentes.

Como é que isso pode ser o fim de tudo? Que belo menino da Profecia acabei me tornando!

Os Perdidos batem os pés no chão, impacientes. A cantoria horrível atinge o ápice e os uivos famintos cortam a noite; mas os gritos do menino mais novinho se fazem ouvir por cima de tudo isso, enquanto eles o arrastam para a fogueira para ser queimado vivo.

Já era.

Wisty

Bom, tenho de admitir: eu pedi e Byron me atendeu. Recebi exatamente o que queria: uma vaga para limpar os apartamentos do complexo do palácio. Mas, por alguma razão, não estou tão feliz esfregando privadas quanto achava que ficaria.

O complexo é um prédio sólido de tijolos, meio fortaleza, meio palácio, e levo dois dias para passar pelos portões altamente vigiados, pelos detectores de metais, e tenho de esperar em uma cela de aço antes que um colega de trabalho me empreste uma chave para poder me infiltrar na entrada lateral, que leva direto ao complexo de elite.

Os corredores de pé direito alto, que ecoam bastante, são exatamente o que se esperaria da Nova Ordem. Os pisos de azulejo são superlimpos e as outras superfícies, mega-higiênicas. Os apartamentos particulares, por outro lado, são uma história à parte.

Os membros do alto escalão de nossa sociedade podem parecer um bando de metidos, mas não são os mais limpinhos do mundo em seus aposentos pessoais — acredite em mim.

No fim, todo o esforço vale a pena, porque, depois de esfregar, esterilizar e polir meu 15º vaso sanitário, sou escalada para o suprassumo das faxineiras: o banheiro *dele*.

Fico de pé na entrada por pelo menos dez minutos. Essa é a minha chance de tentar descobrir alguma fraqueza, alguma vulnerabilidade, e de ver os itens mais pessoais e ocultos do Único, mas não consigo nem me mexer de tanto medo de ser pega no pulo.

Para meu choque, o apartamento do Único é muito simples, quase estéril. Há poucos móveis, e são todos pretos e pesados. A tinta vermelha e claustrofóbica que vibra na parede é tão carmesim quanto uma cena de crime ou uma ferida aberta. O que há de mais notável são os espelhos: com moldura dourada, um em cada parede. Acho que ficam dispostos assim para que Sua Carequidade possa se admirar de qualquer ponto do quarto, mas acabam dando a impressão de que *ele* está observando o que se passa *do outro lado*, em vez de adorar a própria imagem.

Uma cama estreita é o único item no quarto sem janela. Estendo a mão para tocá-la com todo o cuidado, como se fosse um monstro dormindo, pronto para o ataque. Apesar de parecer dura, é surpreendentemente macia e afunda com meu toque. Os lençóis estão quentes ou é imaginação minha? É impossível imaginar o cara dormindo aqui. Ou imaginá-lo dormindo, e ponto.

O chão range sob meus pés e meu coração vai parar na boca. Eu me esforço para escutar algum sinal de aproximação, mas só ouço o sangue pulsando em meus ouvidos. Procuo, pelos cantos, câmeras escondidas, e espero tropeçar em uma armadilha a qualquer momento. Nunca fiquei tão nervosa na vida.

Sei que tenho de me acalmar e fazer o que vim aqui para fazer, mas só consigo pensar nisso: O Único tortura crianças por infrações mínimas e amaldiçoa milhares de pessoas com feridas abertas e sangrentas. Que tipo de horrores um membro da equipe de limpeza pode esperar se for pego fuçando em seus itens mais pessoais?

No espelho do banheiro (gigante e com moldura dourada), uma menina assustada e com cara de perda me encara e ameaça sair correndo, mas, então, vejo os rostos dos meus pais ali também, implorando, esperançosos. Lavo o rosto com a água gelada da pia de aço inoxidável, engulo meu medo e abro o armário com todo o cuidado.

É estranho, nunca imaginamos que as pessoas malvadas têm coisas pessoais, e é impossível imaginar o que O Único possa ter guardado nessas gavetas do banheiro, que lembrancinhas horrorosas de uma vida de crueldade se escondem ali. Mas os itens que encontro — incluindo dentaduras e lentes de contato *Technicolor* — são bizarramente mundanos, e quase engraçados, pois sugerem que ele tem vergonha de alguma coisa.

Estou fuçando nessas coisas comuns, fascinada, quando uma tábua range no corredor. Não me atrevo nem a respirar. Os passos se aproximam cada vez mais, e mais, quase me alcançam... e então seguem pelo corredor em direção aos outros apartamentos. Suspiro e volto ao trabalho.

Olhando dentro do armário de novo, noto uma caixinha que ainda não tinha visto, não sei por quê, e, dentro dela, há uma chave prateada. Conseguir localizar a porta ou o cofre que essa chavinha destranca parece impossível, mas me lembro de uma escrivaninha na entrada e, quando vou até o outro lado do apartamento e coloco a chave na fechadura da gaveta, ela se vira com um clique bem satisfatório.

Se existe alguma coisa no mundo que seja *fácil demais*, posso dizer que é isso aqui.

Dentro da gaveta há uma coleção curiosa de recordações, nenhuma delas incrível, mas todas aparentemente importantes para O Único. Elas são especiais. Pessoais. *Humanas*, por incrível que pareça.

Vejo um prêmio por habilidades extraordinárias em uma competição de ciências, uma foto do Único pequenininho, sorrindo ao lado de uma menina (sua irmã?), e um certificado de apreciação artística que reconhece jovens talentos. Mais no fundo da gaveta, encontro um relatório sobre dificuldade de desenvolvimento social, um bilhete escrito a mão por um professor sobre “demonstrações perturbadoras” que assustaram outros alunos e uma carta de expulsão.

Quero continuar fuçando, quero descobrir mais sobre esse menino que cresceria para se tornar o ser mais ganancioso e poderoso da Superfície, mas o tempo está acabando e ainda nem limpei nada.

Coloco todos os documentos de volta na gaveta com o maior cuidado, mas, quando começo a fechá-la, vejo a ponta amarelada de uma foto que ficou presa na lateral. Mordo o lábio e checo meu relógio. É arriscado, mas dá para dar uma olhadinha.

A mão do homem está sobre o ombro do menino, perto do pescoço dele, segurando a roupa do moleque e o empurrando para posar para a foto. Com força.

O menino na foto — O Único, e ainda é muito estranho pensar nisso — não está sorrindo. Não mesmo. Os olhos dele também são diferentes daqueles que vi na outra foto em que ele está com a menina. É como se eles entendessem mais. Aqueles olhos já viram coisas terríveis.

E, então, vem a parte mais assustadora de todas: os olhos e o nariz do homem mais velho foram rabiscados com uma caneta preta, e parece que um esqueleto, que esconde todos os seus segredos em seu sorriso macabro, está olhando para mim.

Com as mãos tremendo, enfio a foto de volta na fresta e vou limpar o banheiro, que já estava brilhando. Depois, saio do apartamento de fininho, e minha mente vai longe agora que sei que O Único já foi criança, já teve amigos e família, já sorriu, já sentiu dor e outras coisas, entre elas, rejeição.

E já teve um pai cujo sorriso não era sorriso coisa nenhuma.

Fico tão distraída em meus pensamentos que não vejo Sua Frieza vindo pelo corredor, e quase tropeço nele.

Wisty

O carpete no complexo de elite é vermelho-sangue, com uma estampa em forma de “O” que se repete e está me deixando tonta e enjoada. Meus sapatos de trabalho, que já foram brancos como leite, estão sujos e nojentos. Fico ali de pé, com os dedões virados para dentro, algo que nunca me irritou — até agora.

Sei que não deveria me preocupar tanto com esses detalhes ridículos sobre meus pés. Vim aqui para lidar com Ele, para usar meu poder, para livrar o mundo desse mal, mas a verdade é que estou morrendo de medo de olhar para O Único.

Será que o ar ao redor dele sempre foi tão congelante assim? Será que ele sempre foi tão alto e ameaçador? Ele sempre usa esses ternos escuros, passados à perfeição? Será que ele sempre conseguiu sugar o ar dos meus pulmões?

Ele é tão *frio*, tão mal e está me aguardando em silêncio, sua silhueta alta e imóvel. Fico achando que essa lenga-lenga não vai acabar nunca, até que ele finalmente quebra o feitiço com sua voz calma e paternalista.

— Não tenha medo, criança. Você deveria estar orgulhosa por ter alcançado um posto tão importante sendo tão nova. Muitos membros da Juventude da Nova Ordem jamais experimentarão a grande honra de entrar em meus aposentos privados, e muito menos em meu banheiro.

Não acredito no que estou ouvindo. Alcançar um posto importante? Para limpar privada? Por que é que ele não está falando nada sobre me destruir, ou sobre usar meu Dom, ou sobre eu ser uma grande decepção?

Antes que eu consiga pensar em uma resposta, O Único se vira e vai embora a passos largos, sem preocupações, assobiando o hino nacional da N.O. enquanto entra em seu apartamento.

Solto um suspiro longo e nervoso. Eu nem tinha percebido que estava segurando a respiração.

Será que eu deveria ficar aliviada por ele não ter me reconhecido ou...

Será que é tão fácil assim me esquecer?

Wisty

Bato as portas do quartel com tudo, morrendo de ódio de mim mesma. Estou parecendo um elástico muito esticado, pronta para arrebentar.

Ando pra lá e pra cá, me repreendendo por ser a menina que cada professor idiota, incluindo O Único, sempre rotulou: fogo de palha, que nunca vai até o fim em nada. Se tem uma coisa que preciso levar até o fim na minha vida, é isso. Ele estava ali, bem na minha frente, exatamente onde eu queria que ele estivesse — era a minha chance! E o que foi que eu fiz?

Fiquei analisando meus pés.

Que beleza de menina da Profecia que eu acabei me tornando! Estou prestes a pegar fogo, sinto isso, e, para gastar minha raiva, me viro com tudo, chuto um dos beliches de madeira maciça e caio no chão, engolindo um grito de dor.

Minha vida só melhora, né?

Rolo para o lado, ainda nervosa, e começo a respirar devagar para me acalmar. O rosto do Único aparece diante de mim e meu medo vai embora como água. Vejo, através de sua máscara, da dentadura e das lentes de contato dele, que é apenas um rosto humano, que está envelhecendo e não pode fazer o tempo parar. Um borrão minúsculo e insignificante na humanidade, que vai murchar e morrer sem o *meu* poder nem a *minha* M — jamais darei isso a ele.

Tomo seu rosto entre as mãos, quase com carinho, e o terror brilha nos olhos dele. Ele vê a mudança em mim, o controle. Um *flash* de energia ilumina o quarto inteiro.

Entro como um raio laser nos pensamentos dele, mas não preciso gastar energia para distorcê-los. Ele sabe que eu venci e que não há outra feiticeira tão poderosa no mundo; e que, para viver, ele precisa consertar os erros que cometeu.

Ele segura a cabeça entre as mãos, esmagado pela culpa. Ele até chora. “Vocês vão me perdoar um dia?”, ele pergunta. Ele precisava apenas de um tapinha nas costas, e agora tudo pode voltar a ser como antes...

Um soluço interrompe minha fantasia; pisco para me livrar da imagem do Único derrotado. Outro grito corta o ar, o berro desesperado de uma criança que perdeu toda a esperança. Eu me levanto rapidamente, meio que mancando por causa do meu dedão machucado, e olho pelas barras da janela do quartel, para ver a confusão lá embaixo no pátio. Não consigo ver direito por causa da torre de vigilância, mas, mesmo assim, estou enxergando.

Pearce. Seguro nas barras com tanta força que os nós dos meus dedos ficam brancos, fervendo de ódio.

Aquela serpente insuportável está ao lado do menino e segura um livro pela lombada, como se estivesse com nojo. O menino olha para o chão, obviamente já esperando pelo pior, e o resto do pessoal está reunido, congelado e de olhos arregalados, como durante aquela visita de Pearce ao quartel.

Fico morrendo de dó. Como posso culpar essa Juventude da N.O. por seus atos de maldade e por seguir as ordens do Único quando o ambiente de terror obviamente mantém todo mundo

sempre na linha?

— Mas o que temos aqui? — Pearce pergunta, em um tom de voz animadinho, alto o bastante para o complexo inteiro ouvir. — *Nova Ordem, 1, 2, 3: O Caminho do Soldado*. Mas que escolha interessante de material de leitura. É uma pena que qualquer material de leitura para recrutas do primeiro nível seja estritamente *banido* — ele diz, agora com um tom de ameaça na voz.

— Ma-ma-mas é para *você*! — o menino gagueja em protesto. — Para você e para O Único! Eu só estava estudando. Eu só... só queria ser o jovem mais exemplar da Nova Ordem que sou capaz de ser, senhor!

Pearce tira uma da cara do moleque, e sai do meu campo de visão.

— A instrução apodrece o cérebro, sinto dizer. E uma mente podre não serve de nada para a Nova Ordem. É triste, mas as consequências são necessárias. Vamos ter que demonstrar para esses outros jovens, que sempre vivem de acordo com as regras, as desvantagens da desobediência.

Tento enfiar o pescoço por entre as barras, bem a tempo de ver Pearce dar um passo à frente e pegar o menino pelas têmporas.

— Não! — eu berro, e lanço fogo das pontas dos dedos, mas somente o bastante para derreter as barras.

Pearce olha ao redor, preocupado, mas é tarde demais. Os olhos do menino viram para trás e, em menos de um segundo, o rosto dele se reduz a cinzas. O restante da Juventude da Nova Ordem fica de boca aberta. Está na cara que os recrutas ainda não tinham testemunhado esse excesso de crueldade tão de perto.

Aposto que nenhum deles vai se esquecer da lição.

Nem eu. Um menino. Ele era só um menino.

Dou um passo para trás e me afasto, anestesiada, da janela queimada. Meu estômago dá um nó quando percebo do que O Único e seus capangas são capazes. É tão diferente da minha fantasia, mas, ao mesmo tempo, aumenta minha convicção.

Tenho que encarar O Único porque crimes como esse, assassinatos como esse, acontecem todos os dias neste mundo novo e covarde, e, se o que dizem for verdade, se sou A Única Que Tem O Dom, A Única Que Pode Impedir O Único, então quem sou eu para continuar fingindo que tudo vai melhorar? Enquanto crianças morrem, que direito tenho eu de sentir medo?

Desta vez *eu vou pegar este cara*.

Wisty

Acordo de repente e uma sensação de urgência faz minha mente zunir.

“Esqueci de devolver as chaves do palácio depois de limpar os apartamentos da elite à tarde.

E ninguém percebeu.”

Ao meu redor, meus camaradas da N.O. ressonam em seus beliches, e parecem pessoas impossivelmente inocentes. Já é bem tarde, tipo duas ou três da manhã. Sei que eu deveria deitar de novo e sonhar com mais um dia cheio de privadas para limpar, e também deveria descansar antes do castigo que vai rolar logo cedo, quando perceberem que ainda estou com as chaves.

Mas estou muito agitada e não consigo. As pontas dos meus dedos formigam e sinto minha M *aumentando*. Uma energia forte passa pelo meu corpo, tenho que fazer alguma coisa com ela. Finalmente estou pronta para enfrentar O Único, e não há momento melhor que Agora. Mesmo. Neste. Minuto.

Eu me troco no escuro e passo pelos meus companheiros de quarto nas pontas dos pés. Saio de fininho do quartel para a noite sem estrelas e me escondo junto aos prédios de tijolos aparentes. Fico imóvel como uma estátua e me espremo contra a parede quando a luz de uma lanterna passa por mim.

Tem um grupinho de guardas da N.O. fazendo barulho no pátio. O bom humor e os tombos sugerem álcool e atividades banidas. Um empurra o outro enquanto assisto a tudo das sombras, e os soldados caem na risada. Se sou pega nesse terreno proibido, sou punida com expulsão, e acho que pegar no flagra guardas quebrando as regras seria muito pior para mim.

“Eu poderia matar todos eles”, penso, e fico chocada ao perceber que seria capaz de *qualquer coisa* para pegar O Único. Mais do que isso, fico chocada porque eu tenho o poder para atingir esse objetivo.

Eles se distraem novamente e eu chego ao portão lateral. Não há nem espaço para eu sentir medo. Pego as chaves do palácio do meu cinto com todo o cuidado e destranco a porta. A adrenalina e a fantasia de acabar com O Único me empurram para a frente.

Vou tateando pelas escadas até a suíte imperial, ensaiando sem parar, na minha cabeça, o que vou dizer, como vou abrir as portas sem fazer barulho e como não vou hesitar em mandar um raio tão poderoso no Único que ele vai cair mortinho da silva naquele chão trincando de limpo.

No entanto, fico totalmente sem saber o que fazer quando chego à porta do Único e o vejo ali, calmo como nunca, apoiado no batente da porta.

Ele está me esperando.

Ele faz uma reverência cheia de cerimônia, com um sorriso animadinho nos lábios, e diz:

— Estou muito orgulhoso de você e de como você limpa bem privadas, Wisteria Allgood. Bom, pelo menos é mais um passo na direção certa. E esse uniforme da Nova Ordem fica incrível em você. De verdade.

— Mas... — gaguejo. — Você sabia... que eu era?

O Único dá uma risadinha e consegue parecer furioso e satisfeito ao mesmo tempo.

— É claro que eu sabia. Mas não quis forçar a situação, pois você ainda não estava pronta para se juntar a mim.

Ele estuda suas unhas feitas e assustadoramente compridas, distraído.

— Eu não ia esperar muito mais que isso, e estou muito satisfeito por você ter vindo me encontrar. Até que enfim! Então, agora você está pronta? Pronta para se juntar a mim, Wisteria?

Whit

Meus olhos estão fechados. Não quero ver a cena terrível que está prestes a se desenrolar. Mas, quando a cantoria dos Perdidos para de repente, eu me forço a abri-los.

Sasha e Emmet estão de queixo caído, de olho em alguma coisa ao longe, e sigo o olhar dos dois com uma mistura de esperança e medo.

O que vejo me deixa sem ar.

Uma luz incrível cresce no horizonte, quebrando a neblina sombria. Tenho de estreitar os olhos diante daquela luz tão brilhante. É Célia em toda a sua glória, correndo pelas montanhas e vindo em nossa direção com um exército de Meias-Luzes atrás dela.

Rola um silêncio longo e os Perdidos ficam paralisados no lugar, seus rostos distorcidos de terror. Nenhuma alma se mexe enquanto a luz avança.

E, então, é um verdadeiro pandemônio.

Os Perdidos vão capengando para a frente, confusos, atraídos por esses inimigos como mariposas atrás de uma tocha. Os Meias-Luzes vêm com tudo para encontrá-los, e as forças da luz e da escuridão colidem em uma massa turva que deixa todo mundo cego. Uma explosão de energia estoura como o sol emergindo depois de um eclipse, brilhante de doer os olhos.

Tudo acaba num instante.

Então, os Perdidos saem correndo, gritando em desespero, e deixam um rastro de destruição na floresta de ossos. Derrotados.

Os Meias-Luzes tomam conta do acampamento, começam a desamarrar todo mundo dos espetos e a apagar as fogueiras ensandecidas. Sasha já está entoando canções de vitória e reunindo a Resistência, e vejo que seu rosto está molhado de lágrimas.

E Célia, a minha Célia, vem correndo para o meu lado. Ela passa seus dedos hábeis pelo meu corpo e, apesar de eu não conseguir senti-los direito, desamarra as cordas e me solta. Ela ainda é uma Meia-Luz, não muito sólida, mas na Terra das Sombras parece que o toque dela tem mais peso; ela consegue mover esses objetos construídos por outras criaturas do Submundo.

— Cé, como é que você...? Por que eles...?

Mal consigo falar, de tanto alívio, e sou incapaz de dizer algo que faça sentido.

— O equilíbrio tinha ficado abalado — ela sussurra, ainda me soltando, a boca torta de tanta concentração. Ela olha para mim. — Na Terra das Sombras, o que é bom se torna mais puro com o tempo, e o que é ruim apodrece de tanta maldade.

— Então vocês ficam mais fortes quando eles ficam mais fracos?

Célia faz que sim com a cabeça.

— Quando estamos todos juntos assim — ela faz um gesto apontando os Meias-Luzes —, a luz vence.

Logo estou de pé, cara a cara com ela, e me sinto... *completo* de novo. Finalmente consigo entender uma coisa.

— Daquela vez foi você, não foi? Quando nossos pais foram executados e Wisty e eu estávamos prestes a ser enforcados. Aquela luz que cegava de tão brilhante, e O Único de joelhos, gritando. Wisty e eu caímos. E parecia que estávamos caindo para a morte, mas a luz nos salvou. Era você. Você e os outros Meias-Luzes.

— Mais ou menos. É um pouquinho mais complicado do que isso, mas... agora não importa. — Ela coloca a mão sobre os meus lábios e abre aquele sorriso lindo e doce que ilumina seu rosto inteiro. — Ei, você não vai falar como é bom me ver?

Olho nos olhos cheios de provocação dela, e seguro seu rosto entre as mãos.

— Célia, é *tão*, tão bom ver você! — estou derretendo nos olhos dela.

— Me desculpe por ter abandonado você antes, Whit...

— Esqueça isso. Eu sei que há uma razão para tudo neste mundo maluco, mesmo quando não entendo o que está rolando. O que importa é que eu... eu estou *sentindo* você de novo.

— Oooh! Que lindo! — Sasha vem por trás de mim e grita com uma voz imbecil. Ele me dá um soquinho na costela. Emmet também vem nos encontrar, meio com vergonha, mas ergue as sobrancelhas como quem aprova tudo.

Janine aparece atrás deles, sorrindo, mas não com os olhos.

Olho ao redor do acampamento: os restos da fogueira, os ossos dos bichos e a floresta ameaçadora além. A cena ainda é macabra sob a neblina vermelha do céu do Submundo, mas o brilho de todos os Meias-Luzes se mexendo pra lá e pra cá, para verificar se todas as crianças estão bem, faz tudo parecer quase... seguro. Tipo quando você acende a luz e descobre que aquele monstro no seu quarto só existe na sua imaginação.

É quase como se não estivéssemos na terra dos mortos.

Whit

Com a desculpa de abrir uma trilha, Célia e eu nos afastamos do grupo e seguimos de mãos dadas. Com ela ao meu lado, quase me esqueço de que tenho de encontrar meus pais; da Wisty arriscando sua vida para acabar com O Único; de quase ter sido assado vivo; e da Janine. Quase consigo me convencer de que o mundo se resume a nós, dois adolescentes apaixonados e sem maiores preocupações, curtindo a natureza.

Paramos no limite da floresta e Célia olha para mim, os olhos brilhando. Tenho tanta coisa para falar para ela, mas ela me olha de um jeito que parece já saber de tudo que estou sentindo, de tudo que passei. Por isso, agora, só quero saborear o momento.

Célia levanta o queixo e sinto o perfume dela. Fico zozzo de amor e de tanto querer essa menina. Pouso meus lábios sobre os dela com todo o cuidado, mas não consigo senti-la; ela é puro ar. Então, Célia se aconchega comigo e fazemos uma coisa na qual venho pensando e com a qual venho sonhando desde a última vez que a vi — nós nos *juntamos* em uma única alma, em um único ser.

E isso me deixa sem ar. Nunca me senti tão próximo de alguém, tão *inteiro*. É como se meu coração estivesse aumentando de tamanho e sendo amassado ao mesmo tempo.

Eu a *sinto*.

Com todo o meu ser.

Whit

Quero ficar assim para sempre, envolto no calor de Célia e seguro em seu casulo de luz. Porém, bastam alguns segundos para que eu comece a senti-la se afastando de novo, nossas células se realinhando em corpos separados.

— Cara... isso foi... incrível... — expiro no cabelo desarrumado dela quando nos separamos.

— A melhor coisa do mundo — ela concorda. — Os vivos não sabem o que estão perdendo. — Ela ri, mas então se lembra de que não é tão engraçado assim quando pensa de que lado eu estou. — Você acha que de repente... — Os olhos dela encaram os meus, indecisos. — Você não acha que chegou a hora de seguir em frente?

— Em frente para onde? — pergunto, tentando não soar magoado. — Célia, você não pode sair daqui, certo? Não quero voltar sem você. Quero ficar com você... para sempre.

Ao dizer isso, noto que Janine está por perto, nos vendo voltar para o acampamento. Ela entendeu o que está rolando.

Célia fica tensa e enrosca os dedos nos meus. Ela não fala nada, está pensando nas possibilidades. Aperto a mão dela, e ela se solta e se vira para mim.

— Você não acha que é isso que eu quero também? Não é algo que eu possa *escolher*, Whit. Você não pode sobreviver aqui!

— Mas você pode destruir os Perdidos, certo? — imploro. — Podemos viver aqui em segurança. Juntos.

Célia faz que não com a cabeça.

— Não é assim que funciona, gatinho. Sem a escuridão, a Terra das Sombras perde o equilíbrio. O bem não existe sem o mal... tudo passa por aqui. Sem eles, as passagens entre os mundos vão começar a se fechar. Elas já estão se fechando.

— Cé, não estou entendendo nada. Por que...

— Pensa assim, Whit: precisamos que eles continuem existindo para que nossa luz não se apague completamente.

Perco o fôlego.

— Ela nunca vai se apagar, Célia. — Engulo em seco. — Eu não aguentaria.

Ela sorri um sorriso triste, cheio de desejo e segredos.

— Vamos lidar com isso quando chegar a hora — ela sussurra. — Mas, agora, há coisas que você precisa ver na Terra das Sombras. Coisas que todos vocês precisam ver — ela diz ao nos aproximarmos do pessoal da Resistência. — Os outros também podem vir. Você também, Janine — ela completa, depois de pensar um pouco.

Janine concorda com a cabeça e olha em outra direção. Minhas orelhas queimam de vergonha. Quero pegar a mão dela e explicar o que está acontecendo, mas não posso.

Wisty

Ando em direção a ele, de cabeça erguida, e o tempo para por um segundo: O Único e eu nos olhamos, a menina determinada e despenhada e o ditador demoníaco, bem mais alto que ela.

A luz fluorescente pisca, projetando sombras cinza-esverdeadas no rosto dele. Ele parece possuído.

Mau.

Minha autoconfiança fica abalada com aquele olhar frio e cruel. “Não vou conseguir fazer isso.” Dou um passo para trás, estou com o coração na boca.

Eu me viro, mas O Único agarra meu pulso e quase quebra meus ossos.

— Chegou a hora, menina. Estou dando a você a chance, a oportunidade de ser minha aprendiz. — Ele torce meu braço, pelo jeito não vai me largar tão cedo. — Diga que sim, Wisteria. Estou perdendo...

— Ai! — faço uma careta de dor.

— ... a paciência.

Engulo em seco e me concentro o máximo que posso em minha fantasia, aquela em que consigo arrancar todo o poder do Único. Ela me pareceu tão real, tão palpável. Eu tenho o Dom, certo? Eu sou A Escolhida.

Então, por que me sinto tão pequena? Por que me sinto como se estivesse encolhendo, pronta para pedir desculpas?

E então, num *flash*, vejo a pele daquele moleque descolar de sua cabeça. Vejo aquela satisfação cruel no rosto anguloso do Único, embriagado de poder, e percebo que não há tempo a perder, tem que ser *agora*.

O fogo está brotando dentro de mim, pronto para explodir, e mando um raio estilo laser nele, igualzinho ao que tinha fantasiado. Destilo cada grama de M que venho guardando e jogo tudo naquele tirano patético.

Os olhos do Único se arregalam quando ele olha para o meu braço e as chamas lambem sua mão; ele ainda está me segurando. O calor está ali, o fogo também, mas é *mais* que isso. É *controle*.

Ele faz um barulho de quem está sendo sufocado, e sinto um poder elétrico puro pulsando das pontas de meus dedos e se conectando com ele. O Único voa para trás e bate na parede com tudo. Ele fica voando a alguns metros do chão, segurando os dedos com unhas feitas e se contorcendo de dor.

É horrível assistir a isso. Quero parar, me afastar — não estou me conectando com os pensamentos dele, não me lembro de como fazer isso —, mas ao mesmo tempo não consigo tirar os olhos da cena. Foi isso que eu vim fazer aqui.

Mando uma carga final, e os membros dele entram em convulsão, como se tivessem sido atingidos por um raio. Ele cai com tudo no chão do corredor.

Estou assustada demais para me mexer, fraca demais para ver o que fiz. Não sei do que sou capaz.

“Será que ele está... morto?”

Assim que esse pensamento passa por minha cabeça, O Único se levanta. Seus olhos têm um brilho insano e ele dá uma risadinha fraca, a pele esticada no maxilar tenso; o cara mais parece um fantoche horroroso.

— Você está fazendo tudo errado, Wisty. Ao contrário. Mas como isso *dói* em mim.

Então, como se tivesse decidido me aliviar de um grande fardo, ele diz:

— Parece que sou o único que sabe *exercitar propriamente* o seu poder. Quase não aguento essa injustiça. Talvez possamos fazer um acordo — ele oferece, com boa vontade falsa. — Quero mostrar uma coisa para você. Quero que saiba o meu segredo. Quero compartilhá-lo.

Wisty

O Único me leva até seus aposentos, reconheço a entrada. Ele bate a porta com tudo e eu me encolho, morrendo de claustrofobia, com a sensação de que nunca mais vou sair dali.

Olho de relance para a escrivaninha do outro lado da sala, me lembro das fotos, e, de repente, fico gelada até os ossos, como se tivesse acabado de entrar num freezer. “Será que ele sabe?”

Ele me guia para o outro lado sala, me manobrando com a mão na minha lombar, e sinto nojo. Ele estava na palma da minha mão, mas a curiosidade quase matou a gata aqui e baixei a guarda. Eu me forço a olhar para a frente, em linha reta, e vejo apenas as paredes peladas e a pequena sala principal. Não sei o que ele está planejando.

Esse lugar tem muito mais coisas do que eu pensava. Ele me leva para o outro lado da sala, para um ponto da parede que parece meio inconsistente. Ergo uma sobrancelha, em dúvida, mas O Único não fala nada. Ele levanta uma das mãos e uma porta se abre do nada.

Quase não acredito no que vejo além dela.

Parece uma sala de espelhos. O Único me empurra para a frente e me coloca no meio dela, para que eu enfrente meu reflexo. Eu meio que espero que todos os espelhos se quebrem de uma vez, uma chuva de vidro caindo sobre mim num final bem dramático, mas nada se mexe.

Dou uma olhada de leve nos espelhos; minha imagem ecoa infinitamente, um exército de Wistys pequenas, assustadas e perdidas, como me vi no espelho do banheiro dele. Fraca. E, então, me lembro das coisas que encontrei ali, da vulnerabilidade exposta, e fico com o maxilar tenso, determinada a não deixar esse cara me dominar.

Quando mudo a expressão do meu rosto, algo acontece.

Milhares de Wistys copiam esse movimento enquanto olham para mim e ficam ali confiantes, fortes e tão, tão poderosas. Sinto a magia passando por mim, sinto a verdade das Profecias, e eu sei. Poderia mandar nesse universo inteiro se quisesse. Tudo poderia ser meu.

Tremo, fico meio zozza.

— Sabe — O Único sussurra atrás de mim como um professor paciente para uma aluna teimosa —, *you* não importa nessa história, Wisteria, e com certeza *we* não importamos nessa história. Quem importa aqui é o *eu*... A força criativa mais poderosa, e também a mais perigosa, é o ego humano. Agora você entende?

Sim. Agora eu entendo.

O que a Sra. Highsmith estava tentando nos dizer sobre poder e brincar de Deus faz sentido agora. O que importa aqui não é usar o Dom; é não usá-lo. E impedir que outros se apoderem dele. Cada um de nós possui aquele narcisismo exclusivo dos humanos, aquela vaidade que pode ir longe demais, e a chave da sobrevivência, para toda a espécie humana, é manter tudo sobre controle.

— O poder corrompe — sussurro. — Não se esqueça.

Agora entendi quem é o meu inimigo. Não é apenas ele, O Único. Sou *eu*, meu *ego*, e não posso deixar que ele se apodere de tudo, como esse homem malvado fez.

Wisty

— Já que estamos falando sobre ego... — sussurro para mim mesma.

Eu me viro para O Único, treino para meu olhar ficar fixo nele e ignorar esses espelhos deformados.

— Agora eu entendo. Mas, antes que eu... me junte a você... quero saber mais sobre quem você é e como chegou aqui. — Fico pensando no prêmio do concurso de ciências, no bilhete estranho do professor... Ferramentas para partir para cima dele, para fazê-lo se sentir vulnerável. — Me conte como é que você se tornou tão... — engulo em seco. “Fale como se fosse verdade, Wisty.” — Ótimo.

O Único até fica mais retinho. Ele adora uma puxada de saco.

— Ah, Wisteria, eu falei que contaria tudo para você, só precisava perguntar! É natural que você queira saber como consegui tudo o que tenho, para então *cobiçar* esse poder. — Os olhos dele brilham, me testando, mas faço que sim com a cabeça com o máximo de sinceridade que consigo fingir, e ele continua. — Era uma vez um menino que era... diferente. Não, diferente apenas, não. Brilhante. — Ele fala alto e sua voz ecoa no túnel de espelhos. — As pessoas em posição de autoridade desencorajaram o menino de usar seus imensos talentos, rotulando-o de vadio, facinora, jovem terrorista. — Os olhos do Único ficam vidrados enquanto ele vê as lembranças à sua frente. — Na verdade, a avaliação deles foi astuta, pois enfrentariam mesmo o verdadeiro terror — ele resmunga e levanta a voz de novo. — Em vez de o ajudarem e o encorajarem, o acusaram de mentiras!

— Demonstrações perturbadoras? — digo antes de pensar, me lembrando do papel que achei na escrivaninha, mas O Único não faz a associação. Ele só faz que sim com a cabeça e me olha atentamente.

— Souo familiar? Somos farinha do mesmo saco, Wisteria.

Será que existe algum pinga de verdade nisso? Fico pensando em minha matação de aula, nos olhares decepcionados à mesa do jantar, em todo mundo esperando que eu falhasse por causa do jeito como me vestia, ou porque eu era inteligente, mas de um jeito diferente das outras crianças. E aquilo me machucava. Mesmo assim, nada me fez *querer* acabar com o mundo inteiro, né?

— Como assim, farinha do mesmo saco? — a raiva transparece em minha voz. — Eu *nunca* faria o que você faz.

Desvio o olhar do Único e vejo a imagem dele refletida por todos os lados. Ele se aproxima de mim e sua voz vibra em meus ouvidos, me assombrando.

— Professores, diretores, seus pais. Eles *falharam* com você. Eles nunca amaram você, nunca reconheceram o talento que você possuía, nunca a ajudaram a aprimorá-lo. Pelo contrário! Eles só quiseram acabar com tudo, matar seu talento e destruir você.

Penso em minha mãe passando os dedos pelo meu cabelo; em meu pai curtindo um rock comigo quando tocava uma música no rádio, me dando bronca por causa das minhas notas, mas ainda assim me dando espaço para que eu pudesse ser criativa. Eu me lembro de como meus pais me amavam e me deixaram ser uma criança normal, em vez de colocarem o peso de

“profetiza” em minhas costas. Tentaram me proteger dessa vida de ganância. Como é que O Único conseguiu todo esse poder? Ego. Persuasão. Doutrinação. E um ódio animal da humanidade.

— Não. — Faça que não com a cabeça e me salvo da lavagem cerebral do Único. — É você quem vem tentando me destruir. *Você*.

— Você não percebe, criança? — ele pergunta, um carinho falso encharca sua voz. — Eu só queria ser um bom pai para você, lhe dar o encorajamento que eu nunca tive. Estou convidando você para se sentar ao meu lado. Tudo o que tenho — ele abre os braços e milhares de braços nos espelhos parecem se estender para mim — pode ser seu. Só estou tentando *ajudar* o mundo, Wisty, e fazer com que todos enxerguem isso. Nós temos apenas que limpar este mundo dos inúteis e dos deploráveis, e, então, poderemos começar tudo de novo. Venha, vou mostrar o que você pode ter.

Nem consigo responder. Em um minuto, ele está falando sobre tentar ajudar o mundo, e no mesmo minuto propõe uma “limpeza” no melhor estilo genocídio? Sociopata!

O Único vai andando até o final do corredor, sua figura magra me guia ao longo dos espelhos e eu o sigo. Agora que já estou nessa até o pescoço, é tarde demais para desistir.

Seguro a respiração e, quando ele vira a maçaneta e segue em frente, o corredor se enche de uma luz morna e brilhante.

Minha cabeça quase explode quando vejo o que tem lá dentro daquela sala.

Wisty

— Não... Acredito — sussurro. Meus olhos saltam para fora das órbitas e eu fico tão zonha que até você poderia acabar comigo com um simples sopro, mesmo não sendo O Único.

Neste palácio de tijolos e cimento, não sei como há uma porta para uma sala que é infinita. É muito maior que um salão de festas, que um campo de futebol, que um shopping. Não consigo ver o lado de lá e, ao tocar nas paredes douradas para ver se este lugar é mesmo de verdade (e é), minhas sinapses ficam sobrecarregadas e meu cérebro só consegue processar um pensamento: *Beleza*.

Nas paredes e sobre o chão, empilhado e apoiado nos cantos, está *tudo* o que tiraram de nós. Ando tropeçando para a frente e fico sem ar ao passar os dedos por harpas, violões, pinturas centenárias criadas por gênios. A luz parece emanar destes objetos e me chama. Toda a arte mais incrível do mundo, os livros mais incríveis, os filmes mais incríveis, a música mais incrível — está aqui. Está tudo aqui!

Quer dizer, quase tudo.

A coleção que vimos no apartamento da Sra. Highsmith era apenas uma migalha do que há nesta sala. Deve ser o que ela conseguiu esconder dele, o que ela agarrou e não largou mais. Ela precisava guardar aquelas coisas para o restante do mundo quando a mão de ferro da Nova Ordem desse uma amolecida.

O Único chega ao meu lado e coloca a mão em meu ombro, interrompendo meus pensamentos.

— Esta é a boa vida, criança, a única vida que vale a pena ser vivida. — Ele me vira em sua direção, segura meu rosto entre as mãos; sinto um arrepio. — Você é superior. Você deveria viver uma vida superior. Veja só o que você pode compartilhar comigo.

Olho para cima para admirar as pilhas de música, os amplificadores e a guitarra mais animal que já vi.

Ele aperta os polegares com mais força, e seu olhar fica selvagem, desesperado.

— Basta me dar o seu Dom. Dê o seu Dom para mim.

Wisty

Enquanto os olhos *Technicolor* dele encaram os meus, enfim vejo do que ele é capaz. Isso nunca vai acabar, nunca vai ser o bastante. O ego de um homem vai dominar toda a vida e toda a beleza do mundo.

Penso no que ele me prometeu, em cada mentira, mas minha mente se concentra na fala que ele teve em seu momento mais fraco: “Você está fazendo tudo errado, Wisty. Ao contrário”, ele disse antes, quando tentei pulverizá-lo. Mas o que ele quis dizer com aquilo?

— Dê o seu Dom para mim! — ele berra sem parar e me aperta. Tento me soltar, mas ele segura minhas têmporas com mais força. Eu faria qualquer coisa para ele parar.

E então... eu entendo.

Se controlo os impulsos elétricos do cérebro... será que consigo fazer com que eles parem? Será que consigo desligar tudo? Será que consigo... matar alguém se apenas me concentrar nisso?

A Sra. Highsmith disse na lata que eu teria que “lidar” com O Único.

Ela estava falando de assassinato. Uma culpa horrorosa e sufocante me asfixia, mas, naquele momento, com os olhos psicopatas do Único me encarando, um raio cai entre nós. E o raio faz meus pés levantarem do chão.

Não sei como cheguei aqui, nem sei o que fazer.

Mas também não sei como fazer isso parar.

— Não, Wisteria... — ele diz, sem ar. — Assim não.

Ele me solta e cai no chão com tudo. Em pânico, fico ali, olhando para o rosto inconsciente dele, e o ruído de estática me deixa surda.

Eu me ajoelho, coloco o ouvido sobre seu peito com cuidado e escuto.

Estou tremendo. Estou tremendo e me sinto emotiva e volátil. Aquele calor familiar começa a se manifestar em meus dedos. Eu me levanto de repente. Não posso ficar aqui. Depois de lançar um último olhar para este paraíso, saio correndo, passando pelos quadros, violões e esculturas com braços e narizes faltando, a menina pegando fogo correndo pelo corredor comprido, cheio de espelhos e acusações.

Wisty

Não sei para onde estou indo, estou soluçando e chorando tanto que mal enxergo. Passo a toda a velocidade pelo corredor, desço as escadas, entro em outro corredor de quartos, nem sinto minhas pernas me carregando.

E, então, sou atropelada por um ônibus.

Bom, pelo menos é o que parece.

Pearce voou para cima de mim e caímos rolando no chão. Eu me odeio por achar esse cara tão gato toda vez que o vejo. Ainda bem que cada palavra que Pearce emite e cada criança que ele tortura acabam com essa resposta hormonal à estrutura óssea dele bem rapidinho.

— Ele *morreu*? — Pearce grita para mim, seus olhos queimando. Encaro o rosto dele, sem saber se está querendo ouvir *sim* ou *não*. Ele me sacode pelos ombros, me empurra para o chão.
— Fala, bruxa! Ele está...?

— Não! — grito de volta. — Ele está vivo. Ele ainda está vivo. — Noto que ele usa a palavra “bruxa”. — Então você sabe que eu sou uma...

Pearce ri como se eu fosse a pessoa mais idiota da Superfície.

— Ah, mas é claro, a abominável Wisteria Allgood, fugitiva procurada. — Ele puxa meu cabelo e me viro, para ele não encostar em mim. — Mesmo sem seu precioso cabelo ruivo, eu estava ligado em você. Foi a tentativa de disfarce mais ridícula que já vi. Deveria ter te matado quando tive a oportunidade, deveria ter esquartejado você como um porco naquele chão sujo.

— E por que não fez isso? — eu o desafio, e minha raiva cresce quando me lembro daquele dia de humilhação no quartel. — Você estava com medo de mim, admita.

— Achei que não valia a pena. Mas não se preocupe. — O rosto dele está a centímetros do meu, suas palavras saem pingando de ódio. — Desta vez não vou perder a chance. E pode acreditar em mim quando digo que quero você morta até mais do que O Único quer o seu Dom.

— O sentimento é mútuo, Pearce — digo, e ele dá uma risadinha.

— Que bom que pelo menos tivemos nossas preliminares. Você ficou excitada, Srta. Allgood? Ficou com calor, foi?

— Pior que não... até *agora*! — Chamas saem do meu corpo como se eu tivesse tomado um banho de gasolina. Queimo com um brilho radiante, consumida pelo ódio por esse lixo de ser humano.

Empurro o cara e me esforço para segurá-lo no chão; meu fogo lambe o rosto dele, mas ele não está se queimando! Ele não está nem suando. Tento de novo, Pearce rola para o lado e fica de pé num pulo. Vou correndo atrás dele para tentar brigar, mas ele é fisicamente mais forte do que eu e me joga longe.

E nesse momento de puro estranhamento, percebo que meu fogo não tem efeito nenhum sobre ele. Ele é *imune*. Ele voa para cima de mim e segura minha testa, pronto para derreter meu crânio.

Esse breve momento de contato era o que eu precisava.

A energia explode entre nós e, na mesma hora, consigo sentir as sinapses de Pearce começando a desligar. Os olhos dele viram para trás e uma espuma começa a se formar em sua boca.

Estou matando o cara. Lágrimas escorrem pelo meu rosto. “Ele é mau”, tento me lembrar. “Ele é um sádico que quer ver você morta.”

A porta para a escada da saída se abre com tudo, e, como se fosse em câmera lenta, vejo Byron correndo pelo corredor, a boca congelada em um “O” gigante. A mão de Pearce ainda está em minha cabeça. Byron já viu esse cara derreter os rostos de centenas de crianças.

Ele acha que Pearce está me matando.

Levanto a mão para dar sinal de vida, mas é tarde demais. Byron cai com tudo em cima de Pearce, e é o fim da conexão.

Saio do meu transe e vou para cima de Byron. Ele ainda está gritando, furioso, e não deixa Pearce se levantar, como eu esperava, e soca a cara de Pearce sem parar. Toco o ombro dele, seu punho para no ar.

— Acabou, B. Ele não vai se levantar por um tempo.

Ele olha para mim, confuso e emocionado como uma criancinha. Ele olha para os dedos cheios de sangue e parece não entender como ficaram daquele jeito.

— Vamos — digo, com calma. — Temos que ir.

Ele faz que sim com a cabeça e saímos correndo de novo, deixando Pearce machucado, mas ainda respirando, jogado num canto.

— Me desculpe, Wisty — Byron diz quando saímos do complexo. — Eu não entendi o que você estava fazendo; que você ia... — ele desvia o olhar, engolindo em seco. — ... matar o Pearce. — Ele pega minha mão. — Eu não teria parado você se soubesse.

Balanço a cabeça.

— Não sei se teria ido até o fim, mesmo. Mas agora estamos ferrados, de qualquer jeito.

Byron ergue uma sobrancelha, quer saber por quê.

— Lembra o que aconteceu naquele festival de música quando eu transmiti minha energia para você?

Ele faz que sim com a cabeça. Pelo jeito, ele nunca se esqueceu.

— Bom... Acho que acabei de deixar Pearce bem mais forte.

Whit

Corremos pela floresta de ossos em fila única e nem Feffer faz barulho, nem solta um ganido, nada. Célia jura que o rio não está muito longe, porém, à medida que o ar fica mais rarefeito e difícil de respirar, não sei se vamos conseguir chegar lá. Os esqueletos rangem ao nosso redor, braços parecem ressuscitar e tentar agarrar nossos corpos, querendo absorver nossas vidas.

Até as árvores são instrumentos de morte.

Sinto o suor em minha sobranalha; acho que estou com febre. Minha respiração fica curta e rasa, e sei que a magia está escorrendo de mim, abandonando meu corpo.

De repente sai uma faísca da ponta do meu dedo, como se eu estivesse tendo um curto-circuito, sei lá. É quase como se meu poder estivesse reagindo às outras forças daqui, todas pulsando neste lugar, como se vários fios estivessem ligados na mesma tomada.

A Terra das Sombras vira uma espiral enorme enquanto alucino. Acho que vejo o rosto de um homem em minha visão turva, um homem com maçãs do rosto salientes, feições duras e olhos cruéis. Quase como O Único, só que... mais velho. Deformado. No entanto, quando pisco de novo, é apenas o esqueleto de uma árvore, rindo de mim. Estou enlouquecendo.

Como se sentisse minha fraqueza, um dos carinhos mais novos da Resistência me alcança lá na frente, a pele amareleta e os olhos marcados por olheiras escuras. Ele deve ter uns 12 anos e está acompanhado de duas crianças ainda menores.

— Estamos morrendo, né? — O menino mais velho me olha com acusação sincera, devo parecer chocado. — A Terra das Sombras é para onde os mortos vão, então nós vamos morrer.

Fecho os olhos e tento manter a compostura, o bastante para passar confiança ao menino, que já sofreu muito neste mundo, mas ainda sobrevive. Não sei bem o que dizer e não posso garantir que vamos sair daqui; nem eu tenho certeza disso.

— Como você se chama?

— Ragan — ele diz, na lata, com um tufo de cabelo cor de areia caindo sobre seus olhos. — Bennett Ragan.

— Não estamos morrendo, Ragan. — Pelo menos ainda não. — É o ar que está deixando todo mundo fraco.

— Olhe, faz um tempão que estou cuidando destes dois — ele diz, fazendo cara feia. Segura a mão do menino mais novo. — Eu só queria que vocês fossem sinceros comigo.

À medida que nos aproximamos dos limites da floresta, me sinto mais forte de novo, menos grogue. Mais otimista. Coloco a mão no ombro dele.

— Eu prometo que, se as coisas piorarem de verdade, aviso vocês.

Ragan faz que sim com a cabeça e volta para o fim da fila.

De repente, uma luz se embrenha por entre as árvores da floresta de ossos e chega capengando a um lugar pelado, cheio de pedras e desfiladeiros. Estamos em uma clareira, no topo de um morro, no meio do que parece uma grande depressão. O que vejo lá dentro me deixa sem ar.

No vale, lá embaixo, há milhares de pessoas, algumas brilhando e desaparecendo, e outras com um brilho mais fraco, como o de Célia.

Todas estão mortas.

— Aqui é o fim do mundo, Whit — Célia diz. — Literalmente. Seu mundo acaba aqui. Ali, já começa outro.

Desço o morro a toda a velocidade. Se estamos perto de tanta gente morta, o rio não pode estar longe.

Nem meus pais.

O restante da Resistência me segue e passamos pelo campo verde, rumo à nossa salvação.

— Esperem! — Célia grita, e sua voz treme. — Por aí não! — Ela se vira e aponta para a trilha atrás de nós. — Eles estão vindo — ela sussurra.

E então eu os vejo, descendo o morro também a toda a velocidade, com os dentes arreganhados. Não são cachorros, nem lobos. São *bestas*.

Chupa-almas, Perdidos não humanos. Criaturas diabólicas com corpo de bicho e alma de demônio.

Eu me viro para Ragan.

— Prometi que, se tudo piorasse de verdade, eu avisaria vocês. Chegou a hora. Pior que isso não fica. Corram!

Mas não dá tempo, já estão nos atacando.

Célia parte para cima de dois deles e sua luz brilhante explode contra o mal das criaturas, mas, apesar de não a machucarem, não a temem. Eles a atravessam como se fosse feita de ar, e um deles pega uma criança pelas costas, arreganhando os dentes e rosnando. Célia fica angustiada, tenta agarrar o pelo podre do Chupa-almas, mas chega tarde demais.

Um grito atravessa o ar. Eu me viro e vejo um lobo morder o ombro de Janine. Vou correndo até ela, mas Feffer chega lá primeiro, pulando em cima da criatura e a distraindo de sua primeira escolha para o banquete. Mas Feffer não é nada perto daquela besta e gane de dor quando o Chupa-almas morde suas pernas e, então, enfia os dentes em seu pescoço.

Wisty adorava aquela cachorra.

Pego o objeto mais próximo de mim — um osso — e vou correndo até ela com os braços erguidos. Dou uma porrada no Chupa-almas, ele larga Feffer e resolve me atacar, seus olhos amarelos frios e calculistas. Ele tenta me morder com aquela boca enorme, mas não demonstro compaixão nenhuma e bato no monstro sem parar enquanto ele ruge furiosamente para mim, até cair no chão.

Eu me ajoelho ao lado de Janine, estatelada no chão, e a viro para mim. Ela pisca. Ainda está respirando.

— Oi — eu digo, cheio de emoção na voz.

— Oi — ela responde com um sorriso fraco. — Que bom ver você.

Afasto a camisa de seu ombro direito e ela se encolhe. A mordida é um talho enorme, a carne está dilacerada, mas ela vai sobreviver.

Enquanto a guerra entre homens e bestas continua ao nosso redor, tento me acalmar para dar um jeito na situação. Ponho as mãos sobre o ombro sangrento de Janine e fico esperando que meu poder passe por mim. Entretanto, minha magia não passa de uma faísca — não tenho mais a energia que já curou tantas pessoas.

Coloco o braço de Janine em volta de meu pescoço e olho ao redor, desesperado, em busca de ajuda, mas a maior parte do pessoal da Resistência ainda está envolvida nesse combate mortal, e aqueles que conseguiram matar um Chupa-almas ou fugir dali estão fracos demais para me ajudar a canalizar meu poder. Que desespero!

“Estamos mesmo no inferno.”

Wisty

As ruas estão assustadoramente silenciosas e livres de guardas quando Byron e eu saímos correndo do palácio. Parece que essa fuga vai dar certo, e é a única coisa que está dando certo para mim desde o ano passado.

Ainda está escuro, mas as crianças de rua já estão por ali em massa, seus sacos de lixo pendurados sobre os ombros enquanto vasculham as ruas em busca de algo descartado pelos ricos. A competição é acirrada e, quando percebem que não temos nada, nos deixam em paz.

Um cachorro preto fuça no lixo à luz fraca do beco, meu coração dói pela Feffer. As orelhas esfarrapadas do cachorro ficam de pé ao ouvirmos o uivo distante de uma matilha de lobos de caça da N.O., e ele coloca o rabo entre as pernas.

Estamos quase fora do alcance dos lobos e das luzes de vigia quando Byron começa a respirar com tanta dificuldade quanto um fumante de 80 anos de idade depois de uma malhação daquelas. Também percebo, pela primeira vez, como estou exausta. A essas alturas, temos de seguir em frente ou vamos nos estatelar no chão.

— Você tem *ideia* de para onde estamos indo? — pergunto. Eu teria preferido deixar o fuinha para trás se não estivesse totalmente perdida neste labirinto de concreto da N.O. Sem ele, tenho certeza de que ainda estaria dando com a cara nos portões do complexo do palácio.

Byron tosse, as mãos apoiadas sobre os joelhos.

— É claro que eu sei para onde estamos indo — ele diz, ofendido. — Conheço um portal, uma rota de fuga muito complicada e secreta, e de que pouquíssimos membros de elite da E.P.N.O. já ouviram falar. Ele leva à parte mais sombria e assustadora da Terra das Sombras. — Byron olha sério para mim.

É claro que ir para a Terra das Sombras sempre envolve um certo risco e muita trepidação, mas esse cara é *tão* dramático.

— E suas fontes disseram que é lá que Whit está?

— Bom, a informação é menos específica do que esperávamos — a versão de Byron para “Não, eu acho que é isso e espero ter razão” —, mas há evidências que sugerem que Whit está sendo perseguido pelos mortos, e pode-se assumir que ele se sentiria atraído por essas áreas mais remotas na busca pelos seus pais — ele conta.

— Então ele está indo para o pior lugar no pior momento possível? É, isso é a cara do meu irmão.

Tento sorrir, mas Byron deve estar certo mesmo. Meu coração fica apertadinho. “Por favor, faça com que Whit fique bem.”

Byron suspira.

— E temos um prazo a cumprir. O relatório dizia “O fim está próximo”. Seja lá o que isso queira dizer, precisamos encontrar Whit o quanto antes.

Faço que sim com a cabeça. Parece que o fim está próximo há um tempão.

— E, Wisty? Tem mais uma coisa que, suspeito, não vai animar muito você.

Mais uma coisa? Tipo, pior que “o fim está próximo”? Ergo uma sobranceira e Byron fica mudo.

— O quê? Fale de uma vez.

— É que não é muito fácil atravessar o portal, porque ele fica debaixo d’água.

Debaixo d’água? Minhas mãos começam a suar e minha garganta fica seca quando me lembro do pesadelo claustrofóbico de ir embora com a descarga da privada (ainda transformada em peixe) para o esgoto, há não muito tempo. Que maravilha! Tenho certeza de que essa viagem vai ser o máximo.

— Se consigo encarar O Único, acho que vou conseguir aguentar um pouco de água — digo como quem não quer nada, mas sinto um arrepio com as palavras dele. — O sol está começando a nascer. Dá para irmos de uma vez?

Corremos mais alguns quarteirões, atravessamos o entulho pelas ruas, os prédios de cimento mais parecem abutres nos rodeando. Byron faz um sinal para a esquerda e, quando dobramos a esquina, o rio está bem à nossa frente, dividindo a Cidade do Progresso.

O amanhecer se reflete na água enquanto nos aproximamos, e o brilho cor-de-rosa faz nossa capital devastada ficar quase bonita. Se eu não esperasse tomar um tiro a qualquer momento, se eu fosse uma menina normal sob circunstâncias normais, eu me sentaria aqui na guia e assistiria ao sol se empoleirando no horizonte.

— O portal — Byron faz um gesto com a cabeça para indicar o rio, me trazendo de volta à realidade. Afinal, não sou uma menina normal. Não mais.

O que mais quero é sair correndo para o portal e encontrar meu irmão, mas algo me faz hesitar, algo além da paranoia com a água. Tem algo sombrio aqui e não sei o que é. Não tem gente por perto, as crianças de rua desapareceram. Nada de pássaros, nada de vento e o rio mal se mexe. O ar está parado.

Parado demais.

— B., você não acha que alguma coisa... está... errada?

Ele olha para as nuvens acima de nós, paralisadas, amarelas como a inveja e cheias de ameaças.

— Hum, é. Acho que sim.

Um vento forte está começando a soprar, o céu fica preto de uma hora para outra. Byron agarra minha mão e saímos correndo em direção ao portal, mas as ruas, antes tão calmas, se transformam num piscar de olhos em um pesadelo de entulho voador, as ondas do rio viram corredeiras mortais. É como se fosse um furacão se entrelaçando com um tornado.

Em meio ao caos, ondas de soldados começam a vir das ruas laterais, com o vento às suas costas. Fico paralisada. Não é possível: Pearce, correndo à frente de todo mundo, o maxilar tenso de tanta determinação, e seu cabelo louro e ondulado ao vento violento.

E, o que é ainda pior, O Único está ao lado dele, com uma expressão louca de poder, desejo e... alguma outra coisa. Fúria.

Mas como é que eles se recuperaram tão rápido? Larguei os dois ali feridos e fracos, mas agora Pearce e O Único assumem o controle dos redemoinhos nos céus. Um superpoder para

sobre nós, nunca vi nada mais forte.

Incluindo meu medo.

Byron está me puxando pelo braço, protegendo os olhos contra o entulho voador, mas eu fico ali, parada, de boca aberta, impressionada de verdade. O vento chicoteia meu cabelo comprido e a chuva castiga meu rosto, mas pelo jeito não consigo me mover nem um centímetro.

Tanto os olhos de Pearce quanto os do Único estão brancos de tão quentes, unidos pelo ódio específico e escancarado pela Menina do Fogo, A Única Que Tem O Dom.

A menina que tentou matar os dois e poderia ter conseguido.

A menina que irá pagar por todos os seus pecados.

O frio domina meu estômago, estou tremendo da cabeça aos pés. Com certeza esse é o meu pior pesadelo, e está aqui, real, bem à minha frente.

Whit

um cheiro metálico de sangue paira no ar. O morro está coberto de corpos de pessoas e de animais.

Vejo Ragan tentando ajudar os feridos, seu desespero está estampado no rosto. Ele parece estar bem, mas, ao vê-lo se ajoelhar ao lado de uma forma silenciosa e sem movimento e pegá-la no colo, entendo que as perdas não foram poucas. A criança menorzinha de quem Ragan toma conta está ao lado dele, chorando. Célia se junta a eles e abraça o menino, acalentando o coitado enquanto ele chora por seu irmão.

Sinto algo endurecer dentro de mim e as lágrimas não vêm. Já vi tudo isso — crianças inocentes e órfãs sendo arrancadas da existência enquanto tentam encontrar o caminho para casa. Fico pensando na voz de Pearl Marie quando ela falava sobre Ziggy, e a culpa atinge meu estômago como uma pedra. O que eu estava fazendo ao prometer alguma coisa para aquela menina?

Janine olha para Ragan e encosta o rosto em meu peito, não quer ver aquela cena. Seu braço fica dependurado ao lado do corpo e o vermelho brota de sua camisa.

Abraçando Janine neste morro tão verde, rodeado pela realidade macabra, eu me sinto como um personagem de uma página arrancada de um livro, onde não existe tempo, nem fim, nem maneira alguma de seguir em frente.

Olho sobre a cabeça de Janine para o vale, lá embaixo, e os seres fantasmagóricos andam de um lado para o outro, de olho em nós. Esperando... o quê? Além dos mortos andando a passos lentos, onde a neblina vermelha se dissipa de vez, vejo algo brilhando. Protejo os olhos com a mão, e acho que consigo ver uma linha cinza e fina se mexendo, refletindo a luz.

“O rio”, digo sem emitir nenhum som, quando finalmente percebo o que está à minha frente. É o mesmo rio que vimos no apartamento da Sra. Highsmith, o mesmo rio onde eu vi meus pais. Aponto o rio para o pessoal. Sei que deveria estar comemorando, afinal, conseguimos encontrá-lo. Mas, quando Ragan olha para mim, com os olhos inchados e o rosto amargurado, só consigo pensar: “A que custo?”.

Célia se junta a nós. Ela põe a mão em minhas costas e descansa a cabeça em meu ombro.

— Você acha que meus pais estão lá embaixo, Célia? — pergunto, tentando enxergar a multidão.

Ela abre um sorriso triste, ainda abalada.

— Não sei, mas vou ajudar você a procurá-los. Venha.

Célia pega minha mão e também a de Janine. Ela se vira para os outros, espalhados pela encosta do morro. Sasha e Emmet fazem que sim com a cabeça e vêm andando pelo chão cheio de buracos, os ombros pesados, mas a maioria do pessoal nem se mexe.

— Eu sei que é difícil, e sei que vocês estão tristes, mas não podemos parar agora! — grito para eles.

— *Mais uma batalha?* — Sasha pergunta, mancando. — Já não passamos por desgraça suficiente? Nada pessoal, mas estou cansado de ser arrastado de lá para cá e quase morrer por

sua causa. Eu só quero saber como saímos daqui.

Outros meninos fazem que sim com a cabeça, concordando com ele, mas Janine pede a palavra.

— Whit é um de nós — ela diz, sem ensaiar, protegendo o braço. — Estamos lutando por ele, mas estamos lutando pela Resistência também. Vocês já se esqueceram de como viemos parar aqui? Não existe lugar seguro na Superfície até encarmos as batalhas do Submundo. Vocês preferem desistir agora, depois de termos chegado tão longe?

Sasha suspira e, pelo jeito, não está curtindo a bronca em público.

Meu coração se enche de respeito por Janine. Sei que a dor no ombro dela é pior do que parece, mas ela sempre mantém o espírito de luta.

O restante do pessoal se junta ao grupo, meio sem vontade. Parece que a única maneira de sair deste pesadelo é enfrentá-lo. Juntos, olhamos para aquele rio, uma linha tão fina de esperança, que contém a promessa de nossa salvação.

Wisty

— Agora acabou para você, menina! — O Único uiva ao vento, os braços abertos feito um maestro comandando sua orquestra, enquanto levita e paira sobre o olho do furacão. — Isso eu prometo. Está pronta para se tornar não mais que uma lembrança ou até menos que isso?

Pearce mandou as tropas bloquearem todas as rotas de fuga e vem andando em minha direção a passos largos ao longo da margem, com guardas da N.O. dos dois lados, seus olhos piscando de ódio por mim.

— Acho que sim — resmungo, anestesiada. Talvez eu *esteja* mesmo pronta para acabar com tudo isso.

As nuvens passam ainda mais rápido pelo céu, formando redemoinhos gigantes acima de mim — uma menina magrela contra um céu inteiro. Abro os braços, com as palmas para cima, um cordeiro oferecido para o sacrifício, e um trovão ensurdecedor é minha resposta.

Eu me concentro nas últimas sensações que vou ter, sinto a chuva forte batendo em meu rosto e o vento gelado em minhas pálpebras, o cabelo embaraçado chicoteando meu corpo. Ouço o rugido da tempestade, que fica cada vez mais forte, e meus ouvidos se esforçam para ouvir outra coisa também.

Byron. Eu tinha me esquecido dele.

— Wisty, *venha agora!* Você vai conseguir fugir! — ele berra.

Abro meus olhos de uma vez e vejo a luz incrível de um raio caindo por perto, e, em uma dança maluca de sorte, ritmo e adrenalina pura, consigo usar toda a minha energia elétrica para manipular o raio.

O entulho gira em espiral ao nosso redor enquanto mando a supercarga para O Único e seus soldados. O raio sai das pontas de meus dedos e encontra seu alvo: o rio, com as tropas da Nova Ordem atravessando as águas rasas. A conexão faz o céu se acender, e, por um momento, centenas de homens tremem como marionetes quando a eletricidade atinge seus corpos.

Fico enjoada. Aqueles homens tinham famílias, tinham esperança. Mas também eram capazes de fazer coisas inenarráveis, tento me lembrar disso, como fizeram experiências terríveis com crianças e executaram seus pais.

Mas será que existe mesmo uma desculpa para um genocídio?

Olho de relance para o rosto do Único, distorcido de ódio e... o que mais? Admiração? Então, ouço Pearce berrando enlouquecido atrás dele, mas me viro para o outro lado e encaro o rio turbulento. Em direção à Terra das Sombras e aos meus pais.

Nesse momento, o terror finalmente toma meu coração. Mas não há tempo para pensar que posso me afogar, não para imaginar meus pulmões explodindo.

Então, respiro fundo, Byron agarra minha mão e pulamos na água funda e turbulenta. Bato os pés com força e não paro até passarmos por um portal e mergulharmos na Terra das Sombras.

Whit

O rio do para sempre não é aquela paisagem serena, límpida e reconfortante que você esperaria para receber sua alma depois de respirar pela última vez na Superfície. Na verdade, é uma massa cinzenta de ondas fortes e raivosas, ameaçadoras, rodeada pela anarquia dos mortos.

Aquela água também exerce uma atração magnética em nós; vou tropeçando até o rio como se estivesse hipnotizado. À medida que me aproximo, vejo uma ponte levadiça que parece ser muito antiga e que deve estar levantada há muito tempo. Quem sabe quanto tempo faz que a ponte está desse jeito? Há uma massa de almas se jogando naquelas águas furiosas, elas não conseguem atravessar o rio. Ficam presas no turbilhão e são jogadas de um lado para o outro, como se fossem peixes mortos, de volta para a margem. Sinto um desejo incontrolável de me jogar, e também uma vaga sensação de pânico ao pensar que não vou conseguir controlar esse desejo. Célia pouisa a mão sobre meu braço, fazendo que não com a cabeça, me alertando.

Sasha levou Ragan e os outros para longe da multidão de almas, mas alguns de nós, incluindo Janine e Célia, começamos a abrir caminho com os cotovelos por entre elas, tentando encontrar o local no rio onde me lembro de ter visto meus pais, na visão que tive no apartamento da Sra. Highsmith.

É um caos. Há fileiras de mortos vagando sem destino por essa antecâmara da vida após a morte e ninguém nos ajuda. Algumas pessoas choram, outras ainda estão chocadas, quase sem reação.

— Eles não entendem que estão mortos — Célia explica, indicando pessoas mais velhas agrupadas perto de nós, confusas e assustadas. — Eles não são como os Meias-Luzes... não são como eu. Eles não têm... assuntos pendentes. — Ela abre um sorriso triste. — Até conseguirem cruzar o Rio do Para Sempre, muitos não saberão o que está acontecendo.

— E é sempre assim? — Não posso acreditar que essa multidão enlouquecida seja sempre tão imensa e tão confusa. *Não pode* ser sempre assim.

Célia ergue a sobrancelha.

— Não sei, Whit. Você espera que eu saiba tudo sobre este lugar, mas eu *não sei*! — Fico espantado com a raiva dela. Célia nunca perde a paciência, nem comigo nem com ninguém.

Tento apertar a mão dela, quero ter certeza de que está tudo bem, de que nós estamos bem. Eu me esqueci de que não conseguiria sentir o toque dela. É como tentar tocar o ar. Agora que estamos bem próximos fisicamente, desde que ela desapareceu da Superfície, ela me parece mais distante que nunca. Como podemos nos entender se cada um de nós passou por experiências tão intensas e diferentes enquanto estávamos separados?

Ela suspira.

— Me desculpe, tá? É que tento atravessar este rio, como todos os outros, desde que cheguei aqui. Você sente o rio te chamando, né?

Concordo com a cabeça. É um esforço tentar me manter parado aqui.

— Sinto essa atração o tempo todo.

— Eu sinto muito — digo baixinho. — Deve ser difícil.

Ela aperta os lábios e olha para as ondas acinzentadas.

— Acho que não deve ser assim para todo mundo, mas só sei de uma coisa: alguns Meias-Luzes ouviram boatos de que o poder do Único se espalhou também para a Terra das Sombras e está estragando tudo; mas é só um boato. A única coisa que sei com certeza é que, até que o equilíbrio volte para cá, estamos presos deste lado e os mortos continuam chegando.

— Talvez isso queira dizer que não é o fim, então — Janine sugere. — Que os mortos... ainda não estejam mortos de verdade.

— Mas estão — Célia garante. — Olhe só para eles.

Olho de relance para os rostos confusos das pessoas ao nosso redor. Em seus olhos cheios de terror e desejo, a chama já se apagou. Não há luz ali, não há vida. O que significa que, se meus pais estiverem lá, estão como essas pessoas...

Mortos.

O pensamento me deixa sem ar e o chão parece tremer. Eu me sento subitamente, a cabeça entre as mãos.

— Whit! — Célia se agacha ao meu lado, assustada. Provavelmente ela quer me ver como o cara que eu era: o jogador de futebol americano todo orgulhoso, forte e gente boa. Mas não consigo ser aquele cara para ela. Não mais.

Não neste mundo.

— É que... — procuro o rosto dela, minha cabeça dá voltas. — Eu nunca acreditei nisso. Sempre tive a esperança de que meus pais estivessem vivos, em algum lugar, de alguma maneira. Mas, se eles estão aqui, então eles estão...

Célia faz que sim com a cabeça, massageando minhas costas, apesar de eu não conseguir sentir nada.

— Então eles estão como eu.

Fico de pé. O quer que aconteça, como quer que meus pais estejam, cheguei até aqui e tenho de encontrá-los. Olho para a multidão, desesperado para encontrar um rosto familiar.

E vejo um, mas não o que esperava.

Ele é um pouco mais novo que eu, um pouco forte, com cabelo grosso e escuro, espetado. E não tem metade do rosto.

Daniel Anderson. Conheci esse cara no ensino médio, acho que ele estava na sala da Wisty.

Fui ao enterro dele.

A escola inteira foi, as meninas todas chorando, os meninos com o rosto sério, alguns chorando um pouco também. A namorada dele — uma líder de torcida com cara de fresca, que Célia não curtia — ficou falando de como ele gostava de video game e do carro dele. Quando ela disse isso, a mãe dele ficou histérica.

Foi o carro que matou Daniel.

Ele foi a primeira pessoa que conheci que morreu *de verdade*. Todo mundo falou que foi uma

tragédia. Mas isso foi antes da Nova Ordem, antes que qualquer um de nós entendesse o que era uma tragédia de verdade.

— Daniel. — Coloco a mão no ombro dele e ele pula, assustado.

— Não estou entendendo — ele resmunga. — Já está na hora? — ele pergunta. Tento não fixar o olhar na cratera no lado esquerdo da cabeça dele. Ele arregala os olhos, como se tivesse visto o futuro em meu rosto. Ele está olhando para mim como os Perdidos, com desespero e uma esperança de dar dó.

— Me salve — ele implora. — *Por favor.*

De repente, levanto a guarda e me afasto dele, mas seus olhos cavernosos me seguem, esperando por minha resposta.

— Vou ajudar você — digo, apesar de não ter a menor ideia de como fazer isso. — Prometo... prometo que faço o que puder.

Então Janine sussurra para mim, bem de leve.

— Me salve também, Whit. — Ela está apoiada em Emmet, sua respiração está fraca. O sangue ensopou sua camisa de um marrom escuro e grudento. O rosto dela está quase translúcido, um suor gelado escorre de sua testa.

Faço que sim com a cabeça, solenemente.

Não sei como vou fazer isso, mas preciso salvar essa menina antes de qualquer outra coisa.

Wisty

É tão escuro nesta parte da Terra das Sombras que Byron e eu não conseguimos ver nada à nossa frente. Não temos a menor ideia de onde estamos, para onde vamos, nem de onde meu irmão está. Vamos seguindo nosso caminho pelo terreno irregular e cheio de pedras; enxergo mal os galhos de um conjunto de árvores à nossa frente.

Tem magia aqui, dá para sentir, tipo um coquetel de energia sombria atraindo minha M. Eu me afasto da trilha para checar bem rapidinho e de perto essas árvores que me chamam, e bato meu queixo com tudo em uma pedrona, na escuridão.

— Wisty, cuidado! — Byron grita.

Por que as pessoas sempre dizem para tomarmos cuidado *depois* que nos machucamos?

O corte fica molhado de sangue e mordo o lábio, engolindo um grito. Byron segura minha mão para me dar uma força. Um minuto depois, a dor diminui e me levanto, pronta para seguir em frente. Apesar de me sentir meio incomodada por Byron ainda estar segurando minha mão em sua mão pegajosa de peixe, estou assustada demais para me soltar.

— Pelo menos estamos seguros aqui — digo, tentando enxergar o lado bom da situação.

— Seguros? — Byron repete. — Você se recusa a levar em consideração os Perdidos comedores de carne humana e os Chupa-almas, isso para não mencionar o perigo de ficarmos presos neste labirinto para sempre e perdermos as forças... e o oxigênio.

Sempre posso contar com Byron para uma dose saudável de otimismo.

— *Relativamente* seguros, quero dizer. A salvo do Pearce e do Único. Eles são Retos e Estreitos, né? Pelo menos não temos que lidar com eles na Terra das Sombras.

Byron fica quieto, o que é muito suspeito.

Minha pele ainda está molhada da água do rio, e meu cabelo pingando me dá a impressão de que milhares de baratas estão passando com suas perninhas pelos meus braços e pelo meu pescoço. E agora, graças ao Byron, também fico pensando nos Perdidos. Depois de dez minutos cambaleando pelo breu, paranoica, fico de saco cheio da escuridão e de todas essas coisas assustadoras.

— Tá, Byron, fala alguma coisa irritante. — Já perdi as contas das vezes em que me incendiei de tanta raiva do Byron.

— O quê? Wisty, depois de tudo o que passamos juntos, eu ficaria ressentido se você sugerisse que...

— Brincadeira! A essa altura, já tenho tudo sob controle. Fique aí atrás.

Quando ele solta minha mão, solto uma faísca e, de repente, estou coberta por aquele brilho familiar, chamas saem de meu corpo.

Adoro a sensação de ser uma tocha humana.

— Uau! — Byron diz, e ainda sinto uma ponta de orgulho ao ouvir a admiração na voz dele. — Isso nunca deixa de me impressionar.

Lidero o caminho por uma trilha cheia de buracos e ao longo de ribanceiras. Insetos fazem aquele barulhinho crocante sob os nossos pés, sinto um arrepio. Será que era cabelo o que senti em meu pescoço?

— Para onde estamos indo? — Byron pergunta, minutos depois.

— Sei lá. Para o fim, eu acho. Você não falou que o fim estava próximo? É possível que você tenha razão, B.

Falo isso de brincadeira, mas sai meio sério, e Byron fica quieto.

Fico meio com dó do cara. Tudo bem que ele tem um histórico de mudar de lado várias vezes e nunca ser 100% confiável, mas desta vez é culpa minha ele estar na mira dos caras. E ele achou que estava salvando minha vida, lá com Pearce. Suspiro.

— Olhe, Byron, eu queria dizer... — dou uma tossida. Não sou boa nisso. — Eu, é... sinto muito... por, sabe, transformar você em uma fuinha. Mesmo que você tenha merecido.

Os olhos de Byron ficam cheios... de lágrimas? Tá, por essa eu *não* esperava!

— Ah, então... — resmungo, desconfortável. — Não precisa ficar emocionado. Eu só queria que você soubesse que, mesmo com todas as brigas que já tivemos, estou começando a achar que você é um cara legal. Talvez até... um amigo. — O beijo dele treme e eu levanto um dedo para avisá-lo. — Não que eu não esteja preparada para repensar tudo isso se a situação pedir.

Ele faz que sim com cabeça, com força, ainda lutando para engolir o choro. Que situação!

— Eu *nunca* mais vou decepcionar você, Wisty. Sei que disse algumas coisas no passado, mas... Eu acho você incrível, e você não sabe o quanto significa para mim ouvir... — Ele dá uma fungada. — ... poder contar com sua amizade. Juro que você pode contar com meu apoio e esperar o mais alto nível de comprometimento no futuro e...

Levanto a mão.

— Beleza, já entendi, Byron. Não precisa exagerar. Bom... vem cá.

Deixo as chamas se extinguirem por um momento e abro os braços para um abraquinho de amizade totalmente platônico e nada estranho. Byron praticamente pula para cima de mim, me aperta até quase me matar, e deve ter deixado catarro e lágrimas e Deus-sabe-mais-o-quê no meu cabelo.

Essa conversa me dá um calorzinho no coração, e me sinto um pouco aliviada.

Whit

Nós, os vivos, estamos cobertos de sangue, fracos, nos esforçando para respirar o ar deste lugar terrível. Mas, enquanto atravessamos as fileiras de gente ao longo do rio — Sasha e Emmet feridos, porém desafiadores; Ragan com a criança que sobrou; Janine e eu —, com certeza irradiamos vida contra esse pano de fundo morto.

Bem, todos nós, exceto Célia. Seguimos sua Meia-Luz através desse mar de espíritos, até um grupo de pessoas que eu conheço — ou conhecia. Gente de nossa cidade. Gente que pode nos ajudar a encontrar meus pais.

— Você viu Benjamin ou Eliza Allgood? — pergunto para qualquer pessoa, tentando atrair a atenção deles. — Por favor... alguém viu meus pais por aqui? — insisto.

— Whit! — Sasha acena para mim e aponta um espírito encurvado.

O homem é muito velho, sua pele parece papel. Ele está enrolado em um manto escuro, leve e fluido. Não o reconheço de cara, mas, sem avisar, ele se vira e me dá um abraço duro e frio. Ele tem um cheiro azedo, mas tem outro aroma nele também: um aroma fraco de canela.

As lembranças me invadem quando percebo que também conheço esse homem: é o pastor da igreja onde nossos pais nos levavam, quando éramos criancinhas, na época em que a religião não era contra a lei. Paramos de ir quando ainda éramos pequenos, mas é ele, tenho certeza.

Ele resmunga algo que não consigo entender e eu me aproximo, ansioso para receber alguma indicação.

— Você é forte o bastante para aguentar, meu filho? — ele coaxa. — Você vai aguentar testemunhar a verdade? — Então ele aponta com o dedo magro e comprido. Prendo a respiração enquanto sigo o dedo dele com os olhos, Célia segura uma das minhas mãos, que estão tremendo, e Janine, a outra.

Meus pés me carregam antes que meu cérebro consiga registrar a cena. Ao longo da margem do Rio do Para Sempre, um homem e uma mulher, tentando atravessar as multidões de pessoas, colocando todo mundo em fila, organizando-os, confortando-os.

— Mãe! Pai! — grito na metade do caminho. Os rostos deles se viram para mim e a emoção quase faz meu peito explodir.

São eles!

— Whit? — minha mãe pergunta, de queixo caído, sua voz metade esperança, metade angústia. Chego até ela primeiro e a envolvo num abraço.

— Mãe, eu achei que nunca mais... — minha voz não sai. Tenho de parar de falar ou vou ficar maluco.

Ela está tão, tão magrinha. Acabada. Seus braços me cercam, mas não consigo senti-la. É como se eu estivesse sendo abraçado por um fantasma.

Mas *consigo* senti-la, sim. Ela tem *substância*, mesmo que seja pouca, e a faísca em seus olhos brilha tanto quando ela olha nos meus.

Um soluço fica entalado em minha garganta. Meu corpo inteiro treme enquanto seguro minha

mãe em meus braços com toda a força que tenho.

Sei lá quanto tempo fico abraçado a minha mãe assim, mas, de repente, vejo um homem atrás dela que mal reconheço. Ele envelheceu uns cem anos e parece encolhido e tão leve.

— Pai? — sussurro, sem acreditar. Eu me desvencilho dos braços de minha mãe e saio correndo para encontrar o homem que sempre foi meu porto seguro. O homem que eu pensei ter perdido para sempre.

Ele me dá um abraço gigante e seus braços estão mais fortes que nunca. Fortes e sólidos.

“Eu consigo sentir meus pais.”

E isso significa que... Eles estão mortos ou vivos? Não consigo responder a essa pergunta, então vou para a próxima da lista. Solto meu pai e fico olhando para ele e para minha mãe, preciso saber as respostas.

— O que é este rio? O que vocês estão fazendo aqui?

A voz de minha mãe é leve, cheia de apoio, como quando ela me ajudava com um problema difícil de matemática da lição de casa, quando eu era criança.

— Você sabe o que é, Whit. É o rio que leva ao outro lado.

— E o que tem do lado de lá? — pergunto, teimoso.

— Cada um descobre quando chega a hora certa — meu pai responde. — Whit, *este* é o momento mais importante da sua vida e de Wisty. O mundo está em uma confusão terrível e esta multidão à beira do rio é apenas mais um sintoma disso. Nós nunca poderíamos imaginar que iria acontecer desta maneira, e tão rápido.

— Mas como assim? O que *está* acontecendo? — exijo saber. Apesar de estar aliviado por ver meus pais, também me pego com raiva deles. Eles *deveriam* ter nos preparado melhor. E ainda insistem em usar essas meias verdades.

Minha mãe segura minha mão como se nunca mais quisesse soltá-la.

— O Único Que É O Único ergueu a ponte levadiça sobre o Rio do Para Sempre e o caos começou. O fluxo natural da vida, do destino, das Profecias, tudo foi interrompido.

— Logo vamos descobrir se as Profecias serão cumpridas ou não — meu pai completa. — Mas Wisty é tão parte disso quanto você. — Ele coloca as mãos em meus ombros, e sua voz me implora: — Whit, cadê sua irmã?

— Não tenho a *menor ideia* — respondo, desesperado. — Por que vocês não perguntam para sua amiga, a Sra. Highsmith? Foi ela quem disse que Wisty tinha que encarar O Único. Foi ela quem nos mandou tomar caminhos diferentes. Mas agora esse conselho parece loucura. Eu nunca deveria ter acreditado naquela velha. Nem quero pensar no que pode ter acontecido com Wisty.

Sinto uma dor enquanto digo tudo isso e me arrependo no mesmo instante ao ver os rostos de meus pais ficarem ainda mais tristes. Até aqui, eu só tentei me concentrar no que estava bem na minha frente. Mas acontece que estou morrendo de preocupação com minha irmã caçula.

— Mãe, pai... — pouso a mão sobre o pulso de minha mãe.

— Ela está aqui — Célia entra na conversa. — Eu sinto. É como se a luz, se o fogo dela

estivesse mudando a energia deste lugar. Ela está na Terra das Sombras. Tenho certeza.

Meu pai sorri para Célia, mas minha mãe franze a sobrancelha.

— Mas não temos muito tempo.

Célia parece assustada.

— Eu sei. E não sei se ela vai conseguir chegar a tempo.

— É exatamente o que O Único queria — meu pai diz, com raiva, compreendendo as implicações. — Se ele conseguir chegar até Wisty na Terra das Sombras, e ela estiver sozinha... pode ser o fim... de tudo.

— Como assim *o fim de tudo*? — pergunto.

Meus pais e Célia trocam olhares. O que é que eles sabem?

— O que vai acontecer? — insisto, mas eles não me olham nos olhos.

Estou de saco cheio desses olhares cheios de significado, reservados apenas para os mortos-sabe-tudo. Esse negócio de segredo já encheu. Sei que minha irmã é importante nessa história, e que ela está metida num perigo absurdo, e é tudo o que preciso saber. Se ela está aqui, vou encontrá-la.

Dou as costas para todo mundo e saio correndo.

— Whit! — meu pai me chama.

— Vou encontrar Wisty — respondo sobre o ombro. — Cuidei de Wisty a vida inteira, e não é agora que vou parar.

Wisty

Byron e eu tentamos atravessar a Terra das Sombras, que mais parece um labirinto. Queríamos desesperadamente chegar até Whit e meus pais antes desse tal de fim de tudo.

Eu nunca entrei tão fundo na Terra das Sombras. Posso dizer que o céu não é um conforto quando as nuvens são vermelho-sangue e a floresta parece carnívora. As árvores, que têm galhos de... ossos? ... nos rodeiam, sussurrando coisas que não consigo decifrar. Paro por um minuto, para apurar os ouvidos.

— O que foi? — Byron pergunta, e balanço a cabeça. Não consigo explicar por quê, mas parece que escuto a voz musical de Célia ecoando pela passagem oca, e também sinto a presença de meu irmão, como se ele tivesse passado por aqui há pouco tempo.

— Nada. Acho que estamos no caminho certo.

De repente, um osso se quebra com tudo atrás de nós e eu dou um pulo gigante. Byron solta um gritinho, o que não ajuda a aliviar a tensão.

Ouçoo alguém rindo de nós. Eu me viro e vejo Pearce, calmo e mais lindo do que nunca, seu cabelo louro encostado em uma árvore, observando suas presas com fascinação.

Meu corpo inteiro fica tenso. Tento bloquear esse pensamento, mas o beijo que ele me deu volta à minha mente. Ver esse cara aqui, agora, me dá vergonha e um ódio que me queima por dentro.

— Vocês poderiam estar no caminho certo para encontrar sua família, Srta. Allgood. Mas que pena que jamais chegarão lá — ele diz, quase se desculpando.

Eu me viro para Byron.

— Pearce é um *Curva*? — sussurro, dando um cutucão na costela dele.

Byron faz cara feia e massageia as têmporas.

— Eu deveria ter contado para você, mas não tinha certeza. Ele é mais novo que a maioria dos soldados da N.O. e altamente perceptivo, então, suspeitei que pudesse ser.

Pearce sorri, todo satisfeito.

— Você não está fazendo justiça à minha pessoa, Swain. Eu não era apenas um *Curva*, mas um ex-oficial do E.P.N.O. Bom, agora isso já não faz diferença, já que O Único Que É O Único ultrapassou a fronteira final.

Minha cabeça dá voltas.

— O Único está na Terra das Sombras? — sussurro. *O fim*. Era isso que o boato queria dizer. — Mas como...?

— Ah, eu acho que você o ajudou um pouco com aquela sua explosãozinha de poder lá no palácio. — Pearce joga um osso numa árvore do outro lado da trilha com uma força incrível, e o osso se parte em dois. Acho que ele não se esqueceu da explosão de poder que dei para *ele* também.

Ele sorri; seus dentes brancos e brilhantes parecem mortais.

— Mesmo assim, O Único com certeza já alcançou o restante da família Allgood a essa altura — ele vira a cabeça para o lado. — Você se lembra de seus pais queridos virando fumaça, né, Wisty?

A dor me atinge como uma descarga elétrica. Cerro os punhos.

— É claro que eu me lembro — digo por entre os dentes.

Pearce olha para longe, gesticulando ao narrar uma cena falsa.

— Bom, então imagine seus pais indefesos e seu irmão, que não passa de uma piada, sendo vaporizados de verdade desta vez, da Terra das Sombras para as profundezas do inferno. — Ele olha para o pulso, como se estivesse checando as horas. — E isso deve estar acontecendo... bem agora.

Não me seguro e voou para cima dele.

Byron entra em pânico e tenta me segurar, mas minha boca está quase espumando.

— Wisty, você não pode! — ele tenta agarrar meus braços. — Não faça com que ele fique mais forte! Deixe que eu luto!

Lanço um olhar para aquele moleque magrelo, tão cheio de esperança e sem um pingote de noção: um amigo e tanto.

— Não, B. Vamos lutar juntos — digo a ele.

— Ah, mas isso vai ser demais — Pearce ri. — A princesa e o sapo juntando forças. Então, beleza. Aqui vamos nós!

Pearce anda sobre a árvore na vertical, como se a gravidade não fosse um problema, e então pega impulso para se jogar sobre nós, como um gato. Eu me agacho, mas ele manipula o vento para me levantar e me pega no ar com um tapa na cara. Isso machuca, mas sei que não passa de uma fração do que ele é capaz de fazer.

Ele está brincando conosco.

Tento me concentrar em meu poder, e ele simplesmente... desaparece.

O ar se mexe atrás de nós e eu saio do caminho ao ver Pearce se materializando. Ele dá uma rasteira em Byron e manda o menino com tudo para o chão.

— É claro que eu poderia matar os dois agora mesmo, mas vocês são tão *divertidos*! — ele ri, vendo Byron tentando se levantar do chão.

Pego a mão de Byron e canalizo todo o meu poder para nossa conexão. Uma bola de energia mortal, cheia de raiva, circula por entre as pontas de nossos dedos e vai direto na direção de Pearce.

— Você *ainda* não entendeu como isso funciona, não é mesmo? — Pearce sobrevoa nossas cabeças, numa boa. — Diga para mim, como é possível a Profecia depender de alguém tão imbecil? Você deixou O Único mais forte e *me* deixou mais forte também. Toda vez que você usa o seu “Dom” — ele desenha aspas com os dedos no ar — em nós, absorvemos um pouco mais de poder e você só fica mais fraco. Você. Já. Perdeu.

Minha raiva canaliza mais uma explosão incrível de energia através de Byron e mim, e Pearce se encolhe. A luz emerge ao nosso redor e sinto uma corrente elétrica poderosa,

sobrenaturalmente poderosa, surgindo, ardendo, queimando.

Mas, apesar de estar dez vezes mais forte do que jamais fui, apesar de estarmos lançando um raio muito mais potente sobre Pearce do que aquele que quase o matou no palácio, ele está... de boa.

Ele é mais forte do que nós. Ainda.

Eu me dou conta disso quando Pearce reflete um de nossos raios de energia e o lança de volta em nossa direção. O raio vem com tudo e Byron voa para trás, soltando minha mão. Ele está a uns seis metros de mim e seu corpo está torcido em ângulos horríveis. Imóvel.

Sem a conexão com ele, fico fraca e não consigo mais lutar contra esse monstro. Tento fugir, mas ele me pega pelo cabelo com uma das mãos, me segura por trás e me levanta do chão.

Pearce coloca as garras ao redor de minha cabeça e eu me encolho, me preparando para o fim.

Whit

Chego na hora certa. Vejo Wisty presa na manobra mortal de Pearce, e alarmes soam com tudo em minha cabeça. Fico com sangue nos olhos.

Vou para cima deles no meio da floresta e uso o peso do meu corpo para atingir Pearce com a força de um milhão de Chupa-almas raivosos, levando o cara para o chão. Ele é muito forte, mas naquele momento não é nada perto da vontade de salvar minha irmã.

Ele está caído, mas não por muito tempo.

Vou correndo até Wisty, que está encolhida no chão da floresta. O alívio me invade quando vejo que ela está viva. Ela está tossindo e quase sem ar ali no chão, com um vergão bem forte na bochecha, mas está viva.

— Oi — Wisty me olha e vejo a dor no rosto dela. — Eu estava pensando quando é que você ia aparecer. Não que eu não tenha — ela tem um acesso de tosse — a situação sob controle.

— Shhh — digo a ela. — Calma, maninha.

No entanto, ao massagear as costas de minha irmã, fico tomado pela fúria. Dou uma olhada na situação e vejo o corpo pálido e ensanguentando de Byron Swain encolhido, imóvel, perto de um toco.

Sinto a cor abandonar meu rosto. Ninguém merece morrer assim.

— Não. Se. Mexa — rosno quando Pearce começa a se levantar, com a voz seca. — Vou matar você aí mesmo.

Pearce sorri, jovial como sempre por trás daqueles olhos gelados.

— Deixe eu ver se entendi bem: *você* está dizendo para *eu* não me mexer? Acho que ainda não entendeu quem é que manda aqui, moleque. — Os olhos dele brilham, me ameaçando. — Ou quem é que vai morrer.

Eu me levanto, me afasto de Wisty e me preparo para o embate.

— Você esquece que não precisamos ter medo de você, Pearce. Você não pode nos matar. O Único quer nós dois vivos, caso contrário, não pode roubar nossa magia. Você é a peça vulnerável neste jogo. — Tento não olhar para o corpo acabado de Byron ao meu lado.

Pearce ri.

— Ah, Whit! Inocente, sensível e idiota Whit Allgood. Você vai ficar surpreso ao saber que descobri uma maneira de absorver sua magia. E a única coisa que esse processo requer é... sua morte. O negócio é o seguinte: se eu matar você, vou ficar ainda mais forte. E então tudo o que tenho a fazer, e sinto muito por você ter que perder essa parte, é levar sua adorada irmãzinha de volta para O Único fazer as honras do sacrifício.

O rosto dele muda e eu sei que ele tem seus próprios planos por trás daquela máscara de lealdade.

— Quer dizer, se eu estiver a fim. Na verdade, não preciso mais da ajuda dele.

Whit

Meus punhos estão cerrados e o suor escorre pelas palmas de minhas mãos enquanto nos rodeamos. Começa o balé.

Quando pulo para não pisar no corpo imóvel de Byron — com um braço largado sobre a cabeça, para se proteger, e o outro tentando alcançar minha irmã —, sinto um ódio tão grande por Pearce que fico surpreso de não pegar fogo também.

“Ele vai me pagar.”

Estou com raiva, mas não sou burro. Para começar, tento manter distância dele, me esquivando e me movendo devagar sob a luz vermelha e sombria, tentando antecipar o primeiro movimento dele. Ele está quieto, o que é estranho, e isso me deixa ainda mais nervoso.

Considerando nosso último encontro, eu esperava que Pearce tivesse medo de mim ou pelo menos mostrasse um pouco de respeito. Mas, ao contrário, ele está confiante como nunca, com aquele sorrisinho insultante na cara. Ele fica na ofensiva e seus passos compridos me empurram para o meio da floresta, onde o volume de magia é cada vez mais opressor.

Fico tonto antes de a briga começar.

Logo a trilha fica mais estreita e as árvores de ossos esticam seus braços como demônios famintos. Ele me encurrala num canto. Já acabei com Pearce antes, mas, para falar a verdade, se esse cara colocar as mãos na minha cabeça de novo, não vou aguentar. Se fecho os olhos, quase sinto a dor quente ardendo em minhas têmporas.

Olha para o cara com aquele olhar de sociopata, e minhas mãos ficam geladas; sinto o pulsar de meu sangue nos ouvidos. Tenho de enfrentar meu maior inimigo: o Medo.

Então, me lembro de minha irmã ferida e de meu amigo morto largado no chão entre ossos e baratas, e vou para cima da cobra com o coração cheio de vingança.

Sou muito mais forte e encorpado que ele, mas ele se mexe tão rápido, como um gato, e parece não fazer esforço nenhum para se esquivar de meus socos. Ele deve ter levado meu desafio do “mano a mano” a sério, porque estou pagando por isso agora, e com juros. Logo fico encharcado de suor e respiro com dificuldade, está na cara que ele teve um bom treinamento de combate militar.

A magia deste lugar está me deixando mais fraco, e meus socos ficam desajeitados. Como fui tão idiota a ponto de não lembrar como esta floresta me afetou da última vez?

Pearce me atinge na lateral e eu caio perto de uma árvore. Fico cara a cara com um crânio podre e sorridente que está a fim de me morder. Quando me viro para o outro lado, horrorizado, Pearce já está vindo para cima de mim de novo, com o passo todo alegre, como se estivesse brincando. Começo a me ligar de que esta situação não está muito a meu favor.

Ele está bem mais forte agora. Este cara pode ser um idiota arrogante, com ilusões de grandiosidade, mas, quando ele diz que não precisa mais da ajuda do Único, acredito nele.

O que quer dizer que, para mim, já era.

Dou sorte e consigo dar um gancho na mandíbula dele, que deveria tê-lo jogado no chão, mas

ele continua de pé.

Pearce tira vantagem com um *jab* em meu estômago, rápido e mortal. Eu me dobro em dois e, quando consigo respirar de novo o ar azedo, ele já prendeu meu pescoço em uma chave de braço.

Tenho um pensamento constante: “Você é um atleta que já ganhou várias medalhas, Whit. Como isso foi acontecer?”

Vou morrer hoje. Aqui.

E então ele vai matar minha irmã caçula antes que ela reveja nossos pais”.

Chuto e me sacudo, enfio os cotovelos nele e meu rosto fica inchado de tanto fazer força, mas não consigo me soltar.

— Calma, *calma aí*, Whitford. Isso vai doer por um segundinho só — ele ri, cruelmente. — Hum, tá, não é verdade.

Estou quase inconsciente. Primeiro, acho que ele vai derreter meu rosto, mas isso não parece estar em seus planos.

De repente, ele agarra minhas pernas, *apertando-as contra* minha barriga — não, *para dentro* da minha barriga. Meus órgãos estão sendo amassados. Imagine ser estripado com os próprios membros, a agonia vindo dos dois lados, e então você vai ter uma ideia do que estou passando nesse momento.

Pelo jeito Pearce vem praticando outro truque mortal.

“Que informação posso dar a ele para fazer com que pare?”, minha mente grita. Mas é claro que não tenho nada, e ele não pararia de qualquer jeito.

Minha situação só piora.

Não sei o que está acontecendo, mas em cada célula de meu corpo sinto a dor mais terrível do mundo, como se ele estivesse enfiando meus membros e meu tronco dentro do meu crânio, fazendo uma *bola* humana comigo. Enxergo as mãos dele, e só. Não consigo pensar em mais nada. Só consigo assistir, horrorizado, quando Pearce aponta para o mato, a distância, a Terra das Sombras.

— Corre para lá — ele grita para Wisty. Não a vejo, mas consigo ouvir minha irmã implorando e chorando. — Não quer brincar? Não tem problema. Tenho certeza de que uma das árvores vai pegar seu irmão.

Meu corpo comprimido cai das mãos dele e, em um chute maldito, seu coturno com ponta de metal me manda voando pelo ar. Faço de tudo para não gritar de dor. Tento me concentrar para absorver o golpe, ou reverter o feitiço, ou... qualquer coisa que não seja o inevitável.

O mundo vira de dentro para fora enquanto giro pelo ar, me aproximando cada vez mais de uma daquelas árvores gigantes a uma velocidade incrível, como se fosse um carro a caminho de uma colisão. “Ah, não.”

Não, não, não...

Meu crânio bate com tudo numa árvore de ossos, com a força de um trem, mas não me espatifo. Eu não morro.

Eu *quico*.

Enquanto voou pelo ar, meu corpo deixa de ser uma bola e volta ao normal, aparentemente sem ossos quebrados ou outros problemas.

Estou vivo, mas nunca fiquei tão doido da vida quanto agora.

Eu me arremesso para a frente, a raiva distorce minhas feições e minha visão. Tenho tempo apenas para ver a expressão de surpresa na cara idiota de Pearce antes de cair com tudo sobre o peito dele, socando-o e chutando-o a 120 quilômetros por hora.

Agora posso dizer que ganhei esse *round*.

Wisty

— Deveríamos ter checado — resmungo para meu irmão. — Deveríamos ter confirmado se terminamos mesmo o trabalho.

Whit e eu estamos carregando Byron Swain — inconsciente, ferido, mas decididamente *vivo* — pelo terreno difícil, e a cada passo ouço Pearce vindo atrás de nós.

— Esquece isso, Wist. Falei para você. *Ele já era*. Agora vamos nos concentrar em levar Byron para o rio. Estamos quase lá.

— Estamos?

Meu irmão faz que sim com a cabeça, puxando Byron, e minha mente vai longe. A única coisa na minha linha de visão é um morro íngreme que estamos tentando subir, nossas sombras se juntando sobre a grama seca. Atrás de nós, paira a presença sombria da floresta de ossos. Mas o que tem atrás do morro?

Aperto o passo, lutando para aguentar o peso de Byron. Estou com tontura. Não achava que chegaríamos até aqui, que eu veria meus pais de novo. Sei que Whit já viu os dois e prefiro não pensar nisso. Se eu acreditar na possibilidade de vê-los e tudo não passar de uma miragem, como nas outras vezes em que os vi, acho que não vou aguentar.

Mordo o lábio. “Não, Wisty. Não é real. Ainda não.”

Mas me pego prendendo a respiração mesmo assim, e, quando chegamos ao topo do morro e o vale se abre lá embaixo, à nossa frente, a esperança floresce em meu coração. Vejo a água serpenteando, uma linha cinza e grossa dividindo o *aqui do para sempre*.

E ali, ao lado do rio, como em todos os sonhos que venho tendo há meses, estão meus pais. Multidões cercam os dois, gente e mais gente andando a esmo, sem ter para onde ir, frustrada por causa de uma ponte levadiça erguida que não os deixa atravessar o rio e os condena a ficar nessa sala de espera da morte. Mas não tenho dúvida ao ver meus pais, lado a lado, de mãos dadas, um pouco afastados dos outros, com as cabeças viradas para o topo do morro. Esperando. Por mim.

O ar está tão carregado de magia que mal consigo respirar, mas deixo Byron com Whit e saio correndo na direção deles a toda a velocidade, tropeçando. Meu coração está batendo tão rápido que está apertando meu peito.

— Não é de verdade, não é de verdade, não é de verdade — sussurro para mim mesma. Vai saber!

Então, abraço meu pai com força e ele está tão fraquinho que quase caímos no chão. Ele é *real*. Isso está acontecendo mesmo.

— Oi, foguinho! — meu pai diz, os olhos brilhantes, e não consigo mais me segurar.

Agarro a mão de minha mãe, que parece feita de papel, e tento dizer alguma coisa para ela — *eu a amo, senti tanta saudade*, qualquer coisa —, mas os soluços engolem minhas palavras e eu não consigo respirar.

— Shhh, shhh, querida... — minha mãe tenta me acalmar e segura meu rosto entre as mãos,

secando minhas lágrimas com seus polegares.

Ela também começa a chorar, alisa meu cabelo embaraçado e me olha, colocando a mão sobre a boca. Pela primeira vez, em muito tempo, me lembro dos machucados na minha pele, dos cortes que ainda não sararam, do estado nojento de minhas roupas.

Ela me abraça e me embala.

— Minha filhinha, o que aconteceu com você? — a voz dela treme.

— Tudo bem, mãe. Eu estou bem — digo, mas não devo soar muito convincente porque ainda estou chorando, muito confusa.

Eu me afasto de minha mãe.

— Por que você disse para não irmos atrás de vocês? — Olho para os dois. Eles não me respondem, mas, agora que perguntei, e agora que estou aqui, não importa mais. Enterro meu rosto nos braços de meu pai e seguro a cintura de minha mãe. Nunca, nunca mais vou deixar meus pais irem embora.

— Posso participar dessa reunião? — Whit diz, olhando para nossos olhos inchados e nossas expressões tristes. Dou uma risadinha fraca e estendo a mão para meu irmão. Ele a aperta e entra no círculo, baixando a cabeça para esconder sua emoção. As lágrimas escorrem pelas bochechas magras de meu pai.

Nós quatro ficamos assim, abraçados e embalados uns pelos outros, até eu sentir minha mãe começar a tremer e perceber que também estou ficando arrepiada. Um vento gelado está vindo a toda a velocidade.

— Ah, não! — uma voz familiar geme lá perto. *Célia!* É sempre tão bom vê-la e eu quero dar um abraço nela, mas sua expressão me faz ficar parada ali mesmo.

— O q... — ia perguntar, mas me ligo.

À medida que a temperatura despenca, meus dentes começam a bater e sinto um frio horrível me invadindo. O frio mais profundo que já senti na Terra das Sombras.

É O Único.

Wisty

O vento chicoteia meu cabelo ruivo no rosto enquanto ele anda calmamente pelo vale, os olhos claros e a atitude decidida. Ele parece vir flutuando até nós, com o ar se dobrando ao seu redor, se deformando como se o calor estivesse passando pela atmosfera. Até o céu vermelho fica mais escuro em resposta à presença indesejável dele. Apesar do vento, o rio simplesmente *para*, a água paralisa como gelo.

Está tudo *errado*.

Os milhares de espíritos ficam em silêncio quando O Único Que É O Único passa por eles, e dão um passo para trás, com os olhos baixos em reverência ou por medo. Não faz mais diferença.

Ele se move em meio à multidão com uma vagarosidade deliberada, sem tirar os olhos de mim.

Fico mais perto de minha família, segurando o braço delicado de minha mãe. Meu pai está na minha frente, com o queixo tenso, e meu irmão aperta meu ombro. Célia fica decidida ao lado dele, com sua Meia-Luz piscando. Estamos unidos, pelo menos é isso que parece. Mas O Único continua vindo. E todos nós sabemos que ele está vindo por *mim*.

— Então nos encontramos novamente, Allgood — O Único diz cordialmente, parando à nossa frente sobre o cascalho molhado. Ele está sozinho. — Vocês encontraram o Rio do Para Sempre, e isso é perfeito. Eu não poderia ter planejado melhor.

Ninguém fala nada por um minuto e o ar fica tão pesado que estou quase sufocando. Meus pais ficam pequenos à sombra da altura dele. Não posso deixar que ele os machuque de novo. Não agora, porque ele veio por minha causa.

— Talvez você não tenha planejado isso. Talvez *nós* tenhamos planejado tudo — respondo, saindo de trás do meu pai. Meu estômago dói como se eu estivesse comendo pedras.

Whit cerra os punhos, na defensiva.

— O que você quer? — ele cospe para O Único; faço que não com a cabeça.

“Whit, não. Não é a mesma coisa que brigar com Pearce.”

O Único balança a cabeça, como se estivesse decepcionado.

— Você sabe o que eu quero. Eu quero a menina com o cabelo ruivo em chamas. Eu quero seu fogo, sua energia, seu *Dom*.

— Nunca! — Nego com a cabeça, amargurada, e meu humor me esquento o corpo. — Você vai ter que me matar primeiro. — Percebo que essa possibilidade pode ser bem real.

— Acho que você não me ouviu direito, criança. Chegou a hora. Com os quatro elementos sob meu poder — terra, vento, água e fogo, e, até que enfim, o doce fogo —, serei eterno; um *deus*.

Eu me lembro do que a Sra. Highsmith nos disse em seu apartamento: nossa missão é garantir que O Único jamais brinque de ser Deus. E penso na vizinha de Pearl. Talvez ela tenha razão; talvez ele já tenha chegado lá.

— Quando eu obtiver essa última exigência — os olhos do Único brilham —, minha jornada estará completa. Tenho sido paciente, Wisteria, mas acho que já esperei demais por você.

Engulo em seco. A hora chegou *mesmo*, mas isso não quer dizer que eu vá desistir sem lutar primeiro... certo?

— E a jornada dos Allgood também está prestes a se completar! — meu pai grita do nada. Encaro-o, surpresa. Será que ele quer dizer *se completar*, tipo, *com as nossas mortes*?

O Único está pensando a mesma coisa.

— Que bom que concordamos em alguma coisa, Allgood. — Ele tira uma da cara do meu pai. — Este é o fim mesmo. Vamos acabar logo com isso? Wisteria?

Ele ergue uma sobancelha e eu começo a sentir uma dorzinha em minha têmpora esquerda enquanto o vento assobia. Ele está provocando a dor, tenho certeza. Tremo e não consigo responder para ele. Não tenho nenhum plano. Nada.

Então, minha mãe dá um passo à frente com o rosto sério, desafiador.

— Nossos filhos — ela coloca os braços ao redor da minha cintura e da do Whit, nos abraçando — já passaram pelos Cinco Domínios. Você sabe o que isso significa?

Eu não tenho a menor ideia, mas todo mundo parece saber. De suas posições tímidas, agachados ao longo da margem do rio, as hordas de almas mortas discutem em voz baixa a possibilidade do que ela está sugerindo, e seus sussurros invadem o ar como o bater de asas de mariposas. Milhares de olhos se viram para O Único, esperando. Esperando.

É claro que O Único abre um sorrisoão, parece se divertir.

— Ora, Eliza, eu esperava mais de você. Você não acredita mesmo nesse conto de fadas, né?

O vento uiva mais alto, como uma prova do poder dele.

O rosto de minha mãe fica vermelho com esse insulto. Ela está a centímetros de distância dele e, apesar de ele ser muito maior que o corpinho minúsculo e esfomeado dela, a expressão no rosto de minha mãe poderia reduzir montanhas a pó.

— As Profecias, que, como você se lembra, predisseram corretamente os Dons de meus filhos, se cumpriram — ela insiste, com a voz ácida. — Meus filhos já experimentaram os Cinco Domínios da realidade humana: o verdadeiro amor, a verdadeira dor, o verdadeiro medo, a verdadeira compaixão e, agora, a verdadeira coragem. Eles têm em suas mãos o poder de governar.

Espere aí... *o quê?* Meu queixo cai, olho para Whit. O rosto dele é uma máscara de pedra, mas seus olhos parecem vacilar por um momento. Cinco Domínios? Governo? Parece que é a primeira vez que estamos ouvindo essas coisas. Já não é bem impossível tirar O Único do trono para que tudo volte ao normal? Estamos num tipo de caça profética ao tesouro, que termina com uma quantidade maluca de responsabilidade, e ninguém se importou em nos informar o verdadeiro objetivo dela?

Minha cabeça está latejando por causa da atração do Único pelo meu poder, os olhos dele brilham para mim. Estremeço. Sua expressão serena me faz duvidar de tudo de novo. Ele tem *tanta certeza* de que vai vencer, de que vamos todos morrer. Como é que meus pais podem ter tanta confiança diante da manipulação dele?

— Ah, sim, as Profecias! — O Único considera. — Mas, como vocês mesmos destacaram, Benjamin e Eliza, eles não passam de crianças. Nada preparados pelos pais para fazer qualquer coisa no mundo. E, com certeza, nada preparados para governar alguém ou até para controlar os Dons extraordinários que receberam. Como vocês se sentem ao ter falhado?

Whit e eu damos um passo à frente e começamos a protestar, para a alegria do Único, mas minha mãe faz um sinal para ficarmos quietos.

— Se tivéssemos revelado a Whit e Wisty seus papéis mais cedo — ela explica —, eles jamais teriam aberto seus corações ao espectro completo da experiência humana. Eles se sentiriam *diferentes*. Eles precisavam vir aqui, eles precisavam vir até nós e nos ver lutando contra todas as dificuldades, até mesmo contra a própria morte, para passar pelo nível final da experiência humana: a coragem.

Agora eu estou entendendo. Foi por isso que nossos pais nos disseram para não vir aqui: tínhamos de tomar nossa própria decisão, apesar dos riscos, para sermos realmente corajosos. Ficamos tão chateados por não terem nos contado antes, mas eles tinham razão.

— Eles alcançaram algo que você nunca alcançará — meu pai diz. Não entendemos a maior parte do que estão discutindo, mas queria que parassem de falar de nós como se não estivéssemos ali. Meu pai continua enfrentando O Único: — Você sabotou a si mesmo e matou qualquer migalha de compaixão que já teve na vida, então jamais poderá experimentar o verdadeiro amor.

— Aquele que controla todos os elementos será o governante supremo. — O Único gira o pulso como quem não quer nada e o vento rugue. Parece que o ar está entrando pelo meu crânio, e minha dor de cabeça piora. — Sabemos como isso vai acabar e eu estou perdendo a paciência. — Ele se aproxima de mim. — Wisteria, dê O Dom para mim... *agora!*

Como se eu soubesse como dar esse tal de Dom para ele! Whit e eu não passamos de pedões nessa história e não entendemos as regras do jogo. Eu não sei nem que jogo é esse.

— Tá bom! — berro, num ataque de desespero. O fogo sai das pontas de meus dedos e vai direto para cima do terno chique do Único. As chamas se extinguem imediatamente, e ele parece doido da vida pela primeira vez. Dou um passo para trás, instintivamente.

— Você esqueceu o que Byron te ensinou, minha querida? Cometeu um erro grave naquele dia. Pode ter me paralisado por um momento, mas sua magia só me faz ficar mais forte.

Tento não me encolher enquanto O Único me encara com aqueles olhos hipnóticos. Ele está sorrindo como um avô prestes a dar um conselho muito importante. Aquele sorriso faria um bebê chorar.

As nuvens da tempestade chicoteiam ao nosso redor, mas a chuva não vem. Ainda não. A multidão, horrorizada, se inclina à frente, e o momento se enche de possibilidade.

O Único dá um passo em minha direção.

— Você não é *nada!* — ele grita bem na minha cara, parecendo um maluco, e uma enxaqueca de cegar me atinge por trás dos olhos.

“Como um raio”, penso, e finalmente começo a entender o que está acontecendo.

Wisty

O único ergue os braços e os elementos respondem, todos de uma vez, ao seu chamado...

A terra treme e uma linha abre o chão em dois, derrubando meus pais enquanto eles tentam se afastar do desfiladeiro que se forma. Partículas de pó dançam no ar à medida que o chão se vira para dentro, camadas de nuvens vermelhas escurecem e se multiplicam enquanto o vento fica cada vez mais forte, fazendo o rio, antes tão quieto, se agitar e espumar. O morro, que se ergue ao lado da floresta de ossos, parece crescer diante de meus olhos, e vomita e resmunga enquanto a lava borbulha por sua superfície.

É um pandemônio. Todo mundo sai correndo e tenta fugir da enchente vinda do rio e das pedras que caem por tudo quanto é canto. Meu pai me puxa para perto dele, e Whit e Célia nos guiam ao longo da margem. As multidões se amontoam e gritam no meio desse ataque. A maioria das pessoas já está morta, mas pelo jeito a morte não mata o medo.

A única pessoa que não tem medo, aparentemente, é minha mãe. Minha mãe pode estar fraca, cambaleando, meio morta, mas ainda é uma força a ser considerada quando entra no caminho do Único de novo. Os olhos dela se estreitam.

— Você diz defender a ordem, defender o que é certo, mas interrompeu a ordem natural das coisas, o ritmo e o fluxo de tudo o que nos torna humanos, na vida e na morte. — Minha mãe nasceu para falar em público e a voz dela ecoa pela plateia de mortos. — Até aqui, neste rio sagrado, ninguém pode cruzá-lo por causa do que você fez. — Minha mãe levanta a voz, cheia de convicção e coragem. — Você não é *nada*! — ela grita para O Único Que É O Único, soberano de toda a Superfície, e agora, pelo jeito, do Submundo também. Mesmo que morramos agora, nunca tivemos tanto orgulho dela.

— Como você se atreve... — a voz do Único é baixa, mas mortal. Quase não ouço o que ele está dizendo. Minha mãe não se encolhe; fica com a postura ereta e orgulhosa ao lado das outras almas oscilantes às margens do rio. — Você já teve tanto potencial, Eliza. E agora, olhe só para você: mais parece um saco de ossos. Eu já não a matei uma vez?

Minha mãe tenta agarrar o braço de meu pai, mas não consegue alcançá-lo. De repente, ela é arrancada com violência da terra, como se estivesse sendo carregada por uma mão invisível, e é jogada ao ar por entre as nuvens ameaçadoras. Ela se contorce, sua expressão é de dor, e seu corpo é sacudido e jogado contra uma parede invisível. Enquanto ela se contorce em agonia acima de nossas cabeças, nenhuma alma consegue tirar os olhos daquela cena grotesca.

O que ele quer exatamente? Ele quer nos desencorajar.

— Ele vai quebrar o pescoço dela! — meu pai grita.

Entro em pânico, fico descontrolada enquanto O Único chicoteia minha mãe de lá para cá no céu, como uma estrela cadente. Eu disse que jamais perderia minha mãe de novo...

“Pense, Wisty. Use seu poder, seu Dom”, minha mente não para.

Fogo, uma estrela cadente...

“É isso!”

Agarro a mão de meu irmão e puxo toda a M possível de Whit. Sinto a magia se acumulando,

se transformando, crescendo dentro de mim, luz e calor e eletricidade se expandindo até meu poder entrar em erupção, saindo das pontas de meus dedos. Fico olhando para a cena, sem fôlego.

Juntos, criamos uma massa incandescente gigante de pedras que voam pelo céu.

A multidão fica de boca aberta enquanto uma chuva de pedrinhas brilhantes vem atrás do meteoro. É assustador e lindo ao mesmo tempo — os fogos de artifício mais espetaculares que alguém já viu.

Nunca tentei fazer algo dessa escala antes, e quase me assusto ao saber que funciona. Eu me encolho e me esforço para me concentrar. É tipo tentar segurar um guarda-chuva gigante no meio de um furacão — quase impossível. Essa coisa está vindo em nossa direção a toda a velocidade e não sei bem se vou conseguir fazer o meteoro virar para onde ele tem de ir. É tão difícil que acabo soltando um gritinho por entre meus lábios apertados.

Whit manda outra descarga poderosa de M para mim e, no último segundo, consigo desviar a bola de fogo para longe da multidão, mandando-a direto para onde O Único está.

Acontece que ele não está mais ali.

Assim, a bola de fogo vai direto para a rachadura no chão, aberta pelo terremoto do Único. A terra treme e as pessoas são jogadas para todo canto. O impacto não pega O Único nem de leve, mas pelo menos essa distração quebra a conexão dele com minha mãe.

O que significa que seu corpo, frágil como o de uma boneca de pano, está caindo rapidamente.

— Mãe! — grito.

Enquanto fico de olho, ela começa a descer devagar e flutua até o chão como se estivesse debaixo d'água. Whit apanha seu corpo leve como uma pluma nos braços e a abraça com força. Ele acena com a cabeça para mim, e meus olhos ficam cheios d'água de tanto alívio. A M dele é forte. Bem que eu sabia que meu irmão não me deixaria na mão, ainda mais com nossa mãe em perigo.

— Ah, mas que truquezinho barato! — grita O Único. Pelo menos eu acho que é ele. É a voz dele, mas de alguma maneira soa mais profunda, maior. E está vindo de tudo quanto é canto.

“Cadê ele?”

É como se... ele estivesse em todos os lugares. Ele é o próprio clima, todo tipo de fenômeno natural violento combinado em um Único. Trovão, vento, terremoto, vulcão... e agora, com as nuvens explodindo, um temporal de chuva bem pesada.

Estou tonta, fraca depois de ter gastado toda aquela M com o meteoro, e minha cabeça dói tanto que mal posso aguentar.

Alguma coisa está mudando.

Olho para Whit em busca de apoio, mas não consigo vê-lo. Não consigo ver nada além de luz, mas sinto o golpe dos elementos dentro da minha cabeça, todos querendo uma coisa, uma carga de estática, uma faísca frenética...

Um raio — fogo. *Meu* fogo.

Ao usar todos os elementos para forçar o raio a cair, ele consegue sugar o Dom de dentro de mim.

Sinto algo dentro de mim se abrindo, escorrendo.

“Está acontecendo. Está acontecendo”, penso em meio à dor e à confusão.

E então...

Whit

Tudo acontece em questão de segundos.

As nuvens grávidas pairam sobre nós, gordas e ameaçadoras, e sombras escuras se projetam sobre nossos rostos. Começa a chover.

Em seguida, minha irmã não é mais minha irmã.

Os olhos dela se viram para trás e uma espuma se acumula nos cantos de seus lábios.

Raios de eletricidade acendem o céu vermelho, e o corpo de Wisty treme e chacoalha. O raio está vindo dela — do Dom dela —, mas ela não está controlando nada.

Ele é quem está.

— Wisty, *não!* — berro, me lançando para a frente. Os braços fortes de meu pai me seguram.

— Não toque na Wisty, Whit! — minha mãe chora. — Não posso perder você também!

Não há nada que possamos fazer, a não ser assistir enquanto o poder de minha irmã é levado para o céu — e ela também.

Mas não consigo assistir àquela cena inerte. Tenho de descobrir o que fazer, como parar essa... coisa. Eu me viro para o outro lado, tropeçando, e tudo está acontecendo tão rápido e de maneira tão poderosa. Tudo o que *posso* fazer é reagir.

A chuva cai com tudo sobre nós, em pingos grossos e com a areia e o cascalho trazidos pelo vento.

As ondas cheias de espuma no rio se contorcem como um bando de cobras, e a espuma fica cada vez mais alta antes de ultrapassar as margens e inundar o vale, levando as pessoas embora ou afogando-as, apesar de eu tentar salvá-las. A água bate sem dó na ponte e finalmente quebra as vigas de suporte, arrastando-a para suas profundezas enlameadas.

— Não! — Célia grita por sobre o uivo do vento, se esforçando para seguir em frente, com a mão esticada. É tarde demais. Os gritos de outras almas se juntam aos dela. Sem aquela ponte, ninguém vai poder cruzar o rio.

Eu me viro para o outro lado; não posso ajudar Célia. Se eu não me concentrar na rachadura aberta no chão, que está ficando a cada segundo mais funda, larga e comprida, correndo como um bicho atrás de nossos pés, vou ser engolido.

Meus pais avançam tropeçando, seguindo as multidões para um terreno mais elevado. Pelo menos neste lugar terrível não tem prédios para desabarem sobre nós.

Tudo o que posso fazer é travar meus joelhos contra o vento e fechar meus olhos contra a água enquanto o rio borbulha e começa a fazer uma espiral para cima, se encontrando com o olho do furacão.

E, nesse tempo todo, minha irmã ainda está tremendo como um zumbi eletrocutado, à mercê de um louco.

“Faça alguma coisa, Whit.”

Não sei para onde ir. Só há morte para onde quer que eu olhe. Não sei nem contra o quê estou lutando. Como você pode ter como alvo o ar, a água, a terra, tudo ao mesmo tempo, sem conseguir ver a pessoa responsável por tudo isso?

Faça *alguma coisa*.

Acho que o negócio é me concentrar na magia.

Fecho os olhos e os aperto com força contra o pesadelo, tentando me concentrar em dar um jeito nos danos causados por ele, em curar os feridos. Em consertar a ponte. Na ferida do chão se fechando como um zíper, nas rochas mudando de lugar. No Único virando fumaça, esperando que o reinado dele termine da mesma maneira que ele vaporizou tanta gente inocente.

Mas não funciona, não sem Wisty, e, quando abro os olhos, está ficando pior: uma mão invisível e gelada está passando por tudo.

O ar gelado vem com tudo às margens do rio, e fico olhando enquanto a água congela, centímetro por centímetro. Granizo voa pelo céu, caindo em estalactites que cortam minha pele. Minha respiração congela à minha frente, e sinto o gelo em meu cabelo molhado.

O vale é uma obra-prima luminosa, um mundo de gelo brilhando sob as nuvens vermelhas. É de tirar o fôlego.

Mas as implicações do poder do Único são devastadoras. *Esse foi o dia em que o inferno congelou.*

Whit

Então, como em toda situação em que acho que a esperança já era, Célia aparece ao meu lado.

— Whit, acho que posso ajudar — ela diz, e seu brilho parece mais forte diante da escuridão caótica. Eu me sinto melhor com ela aqui, abraçada a mim contra o vento indomável.

E então me lembro do poder dos Meias-Luzes.

— Você pode trazê-los para cá? Eles podem vencer a escuridão como fizeram antes? — grito por sobre a tempestade e a multidão.

— Não — ela responde. — Não é assim que funciona, não contra um mal tão completo.

— Então, o que você pode fazer? — quase choro. Estou congelando, encharcado até os ossos na terra dos mortos, e minha irmã ainda está sobrevoando o rio, o poder saindo dela enquanto O Único a mantém sob seu controle com aquelas garras de ferro.

Essa é a definição de *desespero*.

— Não posso explicar — Célia diz. — É uma questão pessoal, Whit. Você não entende. Ele... ele veio até minha cela tarde da noite. Ele veio à minha cama.

— Como assim? Ele...? — fico com enjoo.

— Não, Whit. Foi ele quem me matou! — ela grita. — Ele me estrangulou com as próprias mãos. Ele me matou para chegar até vocês dois.

Fico mudo. E morrendo de ódio. Minhas mãos tremem com o esforço de conter a fúria. Agora entendo por que Célia precisa dessa vingança.

Antes de eu perguntar o que ela vai fazer, ela sai correndo. Para longe de mim. Em direção a ele. Aquela *coisa*.

— Não, Célia, assim não! — berro. Ela não me escuta.

Ela se joga no olho da tempestade. *Para o meio do Único*.

E então ela desaparece nessa massa espiral de maldade e, em segundos, a tempestade a absorve como um grão de areia qualquer.

Eu me lanço para a frente, gritando o nome dela.

Mas ela desaparece. Consumida.

Wisty

Acordo deitada no chão gelado e duro. Parece que levei uma surra, mas também estou me sentindo rejuvenescida, o que é bem estranho.

A Terra das Sombras está uma confusão só, com gente morta tropeçando por todos os lados e gritando, e o granizo cortando o ar.

Vejo Whit chorando lá embaixo, às margens do rio. Vou andando até ele, ainda meio tonta, e, quando toco em seu ombro, ele dá um pulo e seus olhos quase saem das órbitas. Ele está olhando para mim como se eu fosse um monstro, e pelo jeito é o que devo estar parecendo mesmo.

— Wisty? — ele pergunta com a voz embargada, tocando meu rosto, sem acreditar. Ele me envolve em seus braços e me afasta para me olhar de novo.

— Wisty, me desculpe, mas... como... como é que você ainda está viva?

— Não sei — admito. — Você está bem? — Observo seu rosto sujo e molhado de lágrimas.

— Ele levou Célia — meu irmão diz com o rosto desfigurado pela dor. — Acho que... ela se sacrificou. Ela deve ter quebrado a conexão. Acabou... — Whit está chocado demais para continuar falando.

Sinto muito pela Célia, mas o que ele acabou de me contar me faz perceber uma coisa: ainda temos uma chance.

— Não acabou, não, Whit. Ainda tem muita coisa para acontecer. Se eu consigo sobreviver a uma sessão de eletrocussão prolongada, e você consegue sobreviver quando perde a pessoa que mais ama na vida, isso só prova que estamos ficando mais fortes. Finalmente estamos prontos, finalmente estamos fortes o bastante para acabar com ele de uma vez.

— E se não der certo? — Whit pergunta, com derrota na voz — Você está pronta para encarar nosso fim também?

— Estou — respondo. E que outra escolha eu tenho? Essa é a Profecia, é para isso que estamos aqui. Se falharmos... bom, não vai valer a pena viver essa vida mesmo. — E você? — sussurro.

— Se isso significa ficar perto da Célia de novo, então, estou — Whit diz, e meu coração se quebra em pedacinhos por causa dele.

Não temos outra opção: o negócio é seguir em frente.

— Uma última tentativa? — pergunto.

— Vamos lá, irmãzinha! — Whit faz que sim com a cabeça. Posso contar com ele até o fim; ele sempre está disposto a fazer o que for preciso.

Então, mais uma vez, Whit e eu encaramos o mundo que se desmorona à nossa frente. Encaramos nosso maior desafio, O Único Que É O Único, O Único Que Quer Brincar de Ser Deus, O Único Que Perturbou a Ordem do Mundo Inteiro, O Único Que Tem de Pagar.

Se morrermos, pelo menos morreremos em glória.

— Pronto? — pergunto para Whit.

— Mais pronto do que nunca — ele responde.

— *Vamos!*

Entro em uma erupção de chamas, a bola de fogo mais incrível que já produzi. Eu me sinto como um pequeno sol, rolando em direção ao rio de gelo, e o granizo se transforma em garoa quando meu calor invade o ar. O calor ao meu redor é o mais intenso que já gerei, e as multidões de espíritos protegem os olhos contra as chamas azuis e brancas, que têm um brilho de cegar. Minhas labaredas ficam cada vez mais altas, vaporizando o gelo do Único em nuvens de uma beleza efervescente, que começam a chiar.

É demais!

Whit usa seu poder de curar para consertar a ponte levadiça, a terra partida e os corpos mutilados ao longo da margem.

Estamos fazendo tantas coisas, e tão rápido, que quase nos sentimos invencíveis. Prevejo nosso poder se enfraquecendo quando o furacão, ainda girando, vem em nossa direção, levantando poeira e areia, e ficando cada vez mais forte. Ele se estica acima de nós, um monstro feroz nos puxando com um magnetismo poderoso para suas profundezas sombrias.

Whit e eu olhamos para cima, de queixo caído. Não consigo nem enxergar onde ele termina lá em cima.

Seguro a mão de meu irmão e encaramos nosso destino, mas Whit não acredita tanto na causa sem Célia ao seu lado, e estou com medo de que ele vá se jogar no meio daquela massa em espiral e ser consumido também. O rosto dele está se desfazendo, se desintegrando, e então ele fecha os olhos com força, como se fosse explodir de dor.

Vejo a situação saindo do controle. Sem Whit, vamos perder nossa chance de vencer. Disso eu sei.

— Continue lutando, Whit! — grito para meu irmão por sobre o barulho da tempestade. — Com todas as suas forças. Pela mãe e pelo pai. — Ele ainda não me ouve. — Vamos, Whit! Faça isso pela Célia!

Os olhos dele se abrem de repente e sua força de vontade parece renovada.

Agora, com todo mundo às margens do rio — meus pais, Janine, Emmet e Sasha, todos os espíritos e as almas perdidas e corcundas —, começo a cantar as palavras imortais da Profecia, de olhos fechados, contra o vento furioso: “Um irmão e uma irmã, para todos governar. Dois ascenderão, e um Único falhará”.

Como é que um mero poema, um cântico, uma Profecia pode competir com essa força do mal? Parece loucura.

Mas é como se eu e Whit começássemos a absorver toda a força enterrada há tanto tempo nessa gente, e toda a magia antiga de nossos ancestrais. Whit aperta minha mão com força, e lançamos cada grama de M que temos contra aquela monstruosidade. O esforço dessa concentração tão intensa faz minha cabeça latejar, e meus braços também. Dá vontade de chorar. Estamos *tão* perto.

E então, algo... mágico... acontece.

O furacão começa a se dissolver, a água, a areia e as pedras e o gelo caem no chão enquanto

a espiral fica cada vez mais fraca e o olho da tempestade é consumido por ele mesmo. Protejo meu rosto e me concentro em minha M com ainda mais intensidade. A armadura do Único cai, a chuva para e o vento desiste de uivar.

O Único Que É O Único está de pé à nossa frente de novo, e não passa de um homem. Ele estremece, com os olhos opacos e cegos.

— *O Único falhará!* — a multidão grita em uníssono. — *O Único falhará!*

O latejar em minhas têmporas fica quase insuportável, e a dor se aloja de novo na parte de trás de meus olhos enquanto concentro cada grama de energia elétrica nele. Eu me sinto como um micro-ondas na potência alta, as cores vibram ao meu redor como ondas alucinógenas. Estou quase tendo um blecaute.

— *O! ÚNICO! FALHARÁ!*

As pupilas do Único ficam dilatadas, seus olhos se tornam dois buracos pretos e, como se estivesse possuído, ele fala com a voz rouca:

— Uma única faísca!

E então ele simplesmente... *se dissolve* diante de nossos olhos.

O céu carmesim se acende com uma explosão, como se fosse uma bomba estourando, e a pressão diminui e vai embora, o poder vai parando aos pouquinhos de verter das pontas de meus dedos e eu me sinto, pela primeira vez em muito tempo, livre.

De verdade.

Não sobrou nada do Nosso Nobre Líder, nada além de uma mancha escura que mais parece uma sombra na margem cheia de pedrinhas. E, um minuto depois, até a mancha desaparece.

Fico olhando para aquele pedaço de chão por um bom tempo. Não sobrou nada.

Meus pais vêm correndo até nós. Seguramos as lágrimas e nos abraçamos com força, felizes por estarmos vivos. Whit se separa de nós.

Com tempo para sentir sua dor, meu irmão cai de joelhos sobre o cascalho.

— Célia! — Whit grita. — Célia, não! Célia, *por favor!* — Os soluços tomam conta do pobre do meu irmão de coração partido, e parece que é o fim de tudo.

Derrotamos O Único, como a Profecia disse. O equilíbrio voltou. Mas isso não quer dizer que a vida vá voltar a ser o que era antes. O Único já era, mas muitas coisas também já eram. Como os pais de tantas crianças. Como as nossas casas. Como a nossa inocência. Como as pessoas que amamos.

— Volte! — Whit grita, e eu seguro um soluço.

Não era para ser assim.

Whit

Vários segundos depois, ninguém diz nada e o silêncio berra em meus ouvidos como um milhão de sirenes de ambulância.

Mas então, como se estivesse vindo à superfície para pegar ar, Célia emerge de um punhado de neblina, brilhante, incrível. E começa a respirar de novo.

Eu me levanto com as pernas trêmulas e tento abraçá-la. Sua luz é tão intensa que quase me cega.

Ainda estou chorando. Com toda aquela dor, toda aquela emoção finalmente libertada, nem sei se um dia vou conseguir parar de chorar. Em frente aos meus pais, em frente à minha irmã caçula e aos milhares de pessoas que assistiram a esse espetáculo e acham que eu sou um herói, tento engolir meus soluços como se fosse uma criança.

Mas não estou nem aí. Só consigo *enxergá-la*.

— Tudo bem, gatinho — Célia sussurra com a voz leve e o rosto bem perto do meu. — Tudo bem.

Quase não sinto o corpo dela e ela não está me olhando como olhava antes. É como se ela estivesse distante, menos *presente*. É como se, a cada vez que eu olhasse para ela, ela se tornasse menos *real*.

O Único já era, então por que tudo ainda está tão errado? Não quero perguntar por que ela está diferente, por que está olhando para mim como se já tivesse deixado tudo para trás, meu coração não aguenta não ter essas respostas agora. Então, pergunto o que todo mundo está querendo saber: *como é que ela pode estar de volta depois de se jogar naquela massa em espiral que era O Único?*

— O que você *fez*? — é o que consigo dizer.

Célia se afasta de mim, escorrendo por entre meus dedos.

— Não sei bem. Acho que todos os nossos poderes estavam trabalhando ao contrário. A magia funciona de um jeito diferente na Terra das Sombras. Achamos que ela passa daqui para a Superfície e para os outros níveis de realidade, então...

— Fale comigo como se eu não fosse louco, Cé — digo, dando um jeito de segurar o rosto dela entre as mãos. — Mesmo depois de tudo o que aconteceu, ainda é difícil entender.

— Você tem o poder de curar, então, também consegue ferir — ela continua. — Wisty consegue criar impulsos elétricos, então, também consegue desligá-los. E eu... — ela faz uma pausa, tentando pôr tudo isso em palavras. — Você trouxe a morte para o corpo dele; Wisty, para a mente dele. E... bom, eu sou uma Meia-Luz, então sou metade vida, metade morte. Acho que eu trouxe a morte para a alma dele.

Ainda estou tentando processar essas informações.

— Achei que você tivesse virado *parte* daquele... monstro. — Minha voz falha, e os soluços ameaçam voltar.

Célia faz que sim com a cabeça, devagar.

— De certa maneira, foi o que aconteceu. — Isso eu já não consigo entender. — E eu precisava fazer isso, Whit. Eu precisava me vingar. Por ele ter roubado minha vida. Por ter roubado nossa vida juntos.

Wisty

Graças aos superfeitiços de cura de meu irmão, a ponte levadiça sobre o Rio do Para Sempre está consertada, baixada e funcionando normalmente, como se nunca tivesse enfrentado a fúria dos elementos. Sem a influência do Único, a multidão começa a formar uma fila de novo, lentamente.

A Resistência — Emmet, Janine, Sasha e os outros — está lá embaixo, à margem do rio, de mãos dadas e sorrindo para nós. Sasha grita um “Uhu!” empolgado e Emmet está segurando um Byron meio acabado, mas ainda vivo, que me faz um joinha fraquinho. Respondo com um sinal de joinha também e, por um minuto, parece que a ordem natural das coisas foi restaurada, com as almas seguindo em frente, em direção ao fim de suas jornadas.

Fico com a minha família e Feffer vem correndo lambendo minha mão. Depois de tudo por que essa cachorrinha passou, ela está pronta para ir para casa. Todos nós estamos.

Alguém começa a cantar baixinho um dos hinos proibidos e não demora muito para centenas de pessoas se juntarem ao coro. A música fica cada vez mais forte e as vozes são tão lindas que poderíamos quase esquecer que estamos na terra dos mortos. Ouvir minha mãe cantando de novo é quase indescritível.

Meu pai faz um sinal para Whit se aproximar e lhe dá um abraço.

— Tome conta de sua irmãzinha, campeão — meu pai diz solenemente. — Como sempre. — Ele se vira para mim com um brilho nos olhos. — E você, veja se não vai arrumar confusão, né, Wisty? Deixe seu pai orgulhoso. Como sempre.

Todos os alarmes dispararam na minha cabeça. Acabamos de reencontrar nossos pais. Por que estamos se despedindo?

— Pai? — choramingo, meus olhos se enchem de lágrimas, mas ele não olha para mim. — Mãe? — olho para ela, exigindo uma resposta.

Ela acaricia meu cabelo.

— Chegou nossa hora, meus amores. Estávamos aqui esperando, como todo mundo. Finalmente chegou a hora de ver o que está do outro lado do rio.

Eles dão um passo à frente para se juntar à fila de almas.

— Hora de atravessar — meu pai confirma.

Wisty

O pânico aperta meu peito, a adrenalina entope meus ouvidos. Puxo meu cabelo embaraçado e lágrimas de raiva rolam pelo meu rosto.

Meus pais estão indo em direção à ponte, de mãos dadas, corajosos, prontos, como estavam no dia da execução, para encarar seus destinos. E, como naquele dia, eu me sinto totalmente desamparada. Como naquele dia, vou deixar meus pais escaparem por entre os dedos.

E O Único vence. De novo.

— Esperem! — grito, e meu pedido paira no ar.

Meus pais se viram para mim. Duas silhuetas pequeninas e anônimas contra o céu vermelho.

— Esperem... só um minuto. — Choro de mansinho, e minha mente não para. — Isso não está certo. Não era para acontecer assim.

— Eu sei, eu sei, querida — minha mãe responde baixinho, alisando meu cabelo, tentando me acalmar.

Empurro a mão dela.

— Não! O que eu quero dizer é que isso está errado *mesmo*. Chegou a hora, tá, beleza, mas e se tiver chegado a hora de irmos para casa de novo? Todos nós. *Juntos*.

Fico entre os meus pais e a multidão, que está esperando para atravessar o Rio do Para Sempre. O vento chicoteia meu cabelo.

— Por favor — repito para mim mesma. — *Por favor. Por favor.*

— Mas, querida — minha mãe argumenta —, estamos mortos. Você tem que entender que é isso que acontece depois.

— Mas está tudo errado. Eu sei que está errado — imploro, com os olhos ardendo de chorar. Aperto os braços de minha mãe: — Eu consigo *sentir* vocês. Vocês não são espíritos nem Perdidos. Vocês têm substância. Como explicam isso?

Meu pai olha para as outras almas e para o rio, através dos corpos deles.

— É verdade, Eliza. Nós nunca perdemos isso, não como... os outros.

— Mas como é que ainda somos parte... do mundo dos vivos? — minha mãe pergunta. — Eu *senti* a morte. Eu senti minha respiração deixar meu corpo.

Faço que não com a cabeça, sem saber de nada.

— Talvez isso tenha a ver com O Único. Ele usou aquele poder para... vaporizar vocês... Talvez, agora que ele já era, o feitiço tenha acabado também. Talvez vocês possam ir para casa.

Meu pai dá a mão para minha mãe.

— Talvez ela tenha razão. Talvez possamos voltar para casa. Pelo menos podemos tentar.

— Vai dar certo! — faço que sim com a cabeça, subitamente aliviada, e com mais certeza disso do que de qualquer outra coisa nesta vida: meus pais não tinham que morrer. Pelo menos

não naquele dia.

Estou sorrindo para eles, tão animada, mas tem algo errado.

Whit está olhando para Célia com a maior expressão de coração partido que já vi. Qualquer um pode ver que ele espera que isso seja verdade para ela também. Ele toca o braço dela, mas ela ainda pisca, como se estivesse suspensa entre o *aqui* e o *ali*.

Nada sólida.

Ela balança a cabeça antes que ele diga qualquer coisa, e ele entrelaça os dedos nos dela.

— Vai que funciona, Cé. Você não sabe com certeza se...

— Eu *sei* — ela sussurra, e uma única lágrima escorre de seu olho. Se estivessem sozinhos, ela poderia ter caído no choro. Mas, com minha família inteira assistindo à cena, e morrendo de culpa, ela engole o choro e respira fundo.

— Não é como com seus pais, Whit. Comigo não foi um erro nem um feitiço. Fui assassinada pelas mãos de uma pessoa gananciosa e violenta, e não posso voltar. Não tenho mais futuro. Sei que você não quer que eu vá, mas...

— Então por que você se transformou em uma Meia-Luz? Você não era como as almas à beira do rio, só esperando para atravessar. Por que você tem que atravessar agora? — Whit se recusa a desistir.

— Acho que fiquei esse tempo todo presa na Terra das Sombras para ajudar e proteger você, como você sempre me protegeu quando eu estava viva. Ter aquela chance de destruir O Único era o meu propósito. Eu sei que parece impossível, mas... estou pronta. Estou pronta para atravessar o rio e virar uma luz completa.

Whit faz que não com a cabeça, sem aceitar aquilo, e Célia segura o rosto dele entre as mãos.

— É, meu amor. Chegou a minha hora.

Whit

— Você vai me ver de novo um dia, Whit. Um dia você também vai cruzar o rio.

Não posso fazer isso. Não posso deixar Célia ir. De novo, não.

— Mas você não sabe. Você não sabe nem o que tem lá do outro lado, nem se vamos nos ver de novo. Você quer mesmo fazer isso, Célia? Deixar tudo para trás, tudo o que temos, e seguir rumo ao desconhecido?

Nós nos afastamos do grupo; Sasha está tentando organizar a viagem de volta para a Superfície. Wisty está me olhando com aquela cara de dó, e até fico com raiva dela por isso.

— Whit, não faça isso — Célia diz enquanto caminhamos. — Você sabe que eu não deveria ter ficado tanto tempo por aqui. Acho que todo mundo concorda que morte-pálida nunca foi minha cor. — Ela ri, mas dá para perceber que é uma risada forçada.

Não consigo nem sorrir em resposta, apenas a encaro. Célia está triste e frustrada. Ela sabe que, pela primeira vez na vida, não quero que ela consiga o que deseja. Bom, preciso ser totalmente egoísta pelo menos uma vez na vida.

— Ah, meu amor, você quer mesmo que eu fique presa neste limbo, sem nunca poder experimentar O Depois? Quer que eu fique cada vez mais fraca e consumida pela morte? — Não consigo nem olhar para ela. — É isso mesmo que você quer para mim? — ela insiste.

“É isso, sim!”, quero gritar. “Quero você perto de mim para sempre. A um portal de distância, presa neste inferno, se isso significar que não vou perder você.”

Mas, em vez de dizer essas coisas todas, suspiro e balanço a cabeça, sentindo culpa e um desejo insuportável ao mesmo tempo.

— Pelo menos dessa vez podemos nos despedir. Venha aqui.

Célia me puxa para bem perto, e, por um momento maravilhoso, nos juntamos em um corpo só. Sinto a luz dela me atravessando, mais quente e cheia de cura do que eu poderia imaginar. Minha cabeça gira com tanto amor e tanta beleza, e, quando nos separamos, acho que finalmente compreendo.

O que tínhamos era tão perfeito no mundo antes da Nova Ordem, mas o mundo não é mais assim e não somos mais as mesmas pessoas. Não posso manter Célia nesta prisão simplesmente para que ela seja a versão idealizada da pessoa que eu queria ter como companheira.

Estou pronto para deixá-la ir.

Sinto seu perfume doce e enterro meu rosto em seu cabelo cacheado. Fico olhando enquanto ela se afasta de mim. Sem adeus. Quando nos tornamos um só, dissemos tudo o que tínhamos para dizer.

Janine se aproxima e fica ao meu lado, a mão pousada em minhas costas, me oferecendo conforto, me apoiando enquanto Célia vai para o outro lado da ponte, a luz formando uma auréola brilhante ao seu redor.

Depois que ela atravessa a ponte, olho para o rosto de Janine, cansado e incredivelmente pálido. É como se ela só tivesse força para ficar ao meu lado; ela mal consegue me apoiar.

— Janine! — grito, preocupado.

“Tudo bem”, ela diz sem som, e então desmaia em meus braços.

EPÍLOGO

**O
Q UE
SOBROU**

Whit

Estacionamos em frente à casa antiga, meus pais nos bancos da frente e minha irmã e eu brigando para ver quem se senta à única janela que funciona nos bancos de trás, como nos velhos tempos. Era de esperar que, depois de vencer o ser mais malvado do mundo e trazer a paz e a ordem de volta para todos, seríamos um pouco menos infantis, mas, às vezes, a coisa mais reconfortante do mundo é dar uma chave de braço na sua irmã e ficar enchendo sua mãe para trocar a estação do rádio.

Ficamos sentados na van por alguns minutos — é a van dos tempos da Resistência —, observando a vizinhança. A árvore em que bati com minha bicicleta, o arbusto do vizinho onde Wisty se escondia quando fugia de casa, o balanço na varanda onde eu beijava Célia. A Sra. Tillinghamst, do outro lado da rua, tentando ressuscitar o jardim, o Sr. Hsu tirando as tábuas das portas e janelas. Ainda não dá para acreditar que estamos aqui, que tudo isto é real, que nossas antigas vidas ainda estão onde as deixamos.

Estou de queixo caído.

— Pensei que tudo tivesse desaparecido. Tivesse sido detonado pela Nova Ordem.

— É incrível o que a magia pode fazer quando o bem vence o mal — meu pai diz, falando sério. — Nunca subestime a diferença que isso pode fazer.

— Está tudo mais ou menos igual — Wisty observa.

— Aham, até os canos com vazamento, a porta emperrada da garagem, o banheiro precisando de uma demão de tinta — minha mãe diz com a voz cansada, olhando para o meu pai.

— Tá, tá, pode deixar — ele responde, e os dois estão com o maior sorriso do mundo no rosto.

Ele pega a mão dela, e eles se viram para nós no banco de trás.

— Vocês sabem que estamos muito, muito orgulhosos de vocês? — minha mãe diz, os olhos cheios de lágrimas. — Vocês são os jovens, quer dizer, quase adultos, mais corajosos e cheios de compaixão que um pai e uma mãe poderiam desejar.

Tudo soa meio brega, mas Wisty e eu estamos sorrindo com cara de bobos.

— Devemos tanto a vocês dois — meu pai continua. — Não só nossa liberdade, mas nossa casa, nossas vidas e uns aos outros. Sem vocês, estaríamos... — meus pais olham um para o outro, e meu pai engole um soluço.

— Pai, você não nos deve nada... — minha voz falha.

Meu pai faz que não com a cabeça, como se estivesse tentando controlar a emoção.

— Só estou dizendo que vocês fizeram uma coisa muito boa, crianças. — Ele aperta o meu ombro e, depois, a mão de Wisty. Lágrimas escorrem pelo rosto de minha irmã.

Ficamos ali por um minuto, agradecendo por termos uns aos outros, e então minha mãe começa a rir e a enxugar as lágrimas.

— Então, o que estamos esperando? — ela diz, tão animada que começamos a rir. — Vamos pegar nossa casa de volta.

Feffer late, concordando, no porta-malas da van, e a seguimos até a escadinha em frente à porta. Wisty olha para mim, faço que sim com a cabeça.

— Só vamos até aqui — digo aos meus pais, parando na varanda.

Minha mãe parece preocupada.

— Vocês já vão embora?

— Temos que ir, mãe — Wisty diz, abraçando-a. — Ainda temos muita coisa para fazer. O mal não morreu com O Único.

Meu pai faz cara feia.

— O mal sempre vai estar por aí, é só procurar por ele. Essa missão não tem fim. Talvez vocês deversem tirar um tempo para vocês, para serem adolescentes de verdade.

Wisty olha para mim. Hesitamos, mas sabemos o que precisa ser feito.

— Parece que deixamos de ser adolescentes há um tempão, pai — digo, de boa. — Vocês deixaram que fôssemos crianças o máximo possível, e tivemos uma infância maravilhosa. Mas agora sabemos quem somos, o que somos e que temos uma responsabilidade maior.

Meu pai olha para minha mãe, que acena com a cabeça, apertando os lábios. Posso ver a ansiedade nos rostos deles, mas eles sabem que estamos tomando a decisão certa e têm orgulho disso.

— Tudo bem, então. Mas voltem para nos visitar. Estaremos aqui. Eu sei que vocês vão cuidar um do outro e confio em seus instintos. Espero que sempre sigam seus corações.

Ele se vira para mim.

— E, gente? — Meu pai lança um olhar para nós, cheio de conflito, e olho para ele como quem não entende nada. Mas ele só faz que sim com a cabeça e dá de ombros. — Venham aqui! — Ele dá um abraço bem forte em nós dois, segura minha nuca e sussurra: — Mas tomem cuidado...

— Sempre — respondo.

Quando nos afastamos de nossos pais de novo, sei que há tanta coisa neste mundo para entender e aprender. Mas, desta vez, estou pronto.

Wisty

Whit e eu damos marcha à ré de nossa garagem a bordo da van enferrujada que conseguimos recuperar do estacionamento APENAS PARA OFICIAIS DA N.O. Podemos não saber para onde estamos indo, mas temos certeza de que vamos encontrar nossos amigos quando chegarmos lá.

As ruas estão cheias. Ainda há sinais da destruição em massa provocada pelo Único — prédios destruídos e torres de vigia abandonadas projetando sombras sobre o entulho lá embaixo —, mas, em apenas alguns dias depois do fim da Nova Ordem, já se consegue *sentir* a mudança rolando a todo vapor.

Para começar, tem *gente* por todos os lados. Não soldados em coturnos pretos exibindo seus rifles automáticos, mas cidadãos normais emergindo de trás de suas janelas pretejas e de suas varandas destruídas. Eles não olham mais para seus vizinhos através de um véu de suspeita e deixam para trás, pouco a pouco, seus mantos de medo.

Enquanto damos tchau para nossos pais, sabendo que ainda estarão aí quando voltarmos, sabendo que não estão em perigo e sabendo como têm orgulho dos dois filhos decididos, que são um mago e uma bruxa, é muito bom abrir o vidro, aumentar o volume na Rádio da Juventude Livre e respirar um ar um-pouquinho-mais-limpo, saturado com uma sensação de esperança.

Whit abaixa o volume do rádio e olha para mim, todo sério.

— E agora, Wist? As Profecias dizem que deveríamos liderar uma nova geração, que os jovens vão mandar no mundo...

Faço que sim com a cabeça, sentindo — e não pela primeira vez — a responsabilidade enorme que foi colocada sobre nossos ombros. Já lidamos com O Único e ainda temos de liderar o mundo? Whit continua.

— O que você acha que isso quer dizer? Tem esse bando de ex-zumbis da Nova Ordem andando por aí, e eles não sabem qual é o objetivo da vida sem O Único. Se não tomarmos cuidado, esses caras vão começar a apelar para a violência.

Apesar de a situação ser totalmente possível, ainda sou otimista. Pelo menos uma vez na vida, Wisty, a cínica, está vendo o lado bom das coisas.

— Você está vendo tudo do jeito errado, Whit. Ter todas essas pessoas confusas e sem direção *não* é ruim. Isso deixa as portas abertas para a Resistência se organizar, se concentrar e se fortalecer.

— Tipo tirar vantagem da situação, como O Único fez.

Viro os olhos do jeito que só uma irmã irritada consegue.

— Mas acontece que não somos O Único e não temos esses planos do mal. Essa é a chance de reabilitar esta sociedade e fazer com que cada pessoa tenha a sua *importância* reconhecida.

Whit concorda com a cabeça e fica olhando para as pessoas se reunindo nas ruas, trabalhando para ajudar seus vizinhos. Sorrio para um grupo de crianças que brinca em um beco. Nada de uniformes da N.O. Nada de armas. Quase nem sinal da Peste Sangrenta.

— Tá, mas, Wisty, precisamos de um plano se quisermos fazer as coisas acontecerem. O que esse lance de reabilitar a sociedade significa para nós *hoje*? Qual é o primeiro passo? Como vamos fazer isso?

Meu irmão, sempre aquela pessoa prática.

Dou de ombros.

— Talvez por meio da música — sugiro, aumentando o volume do rádio de novo. Whit suspira e sorri, enquanto chacoalho a cabeça à batida da música.

— Acho que Wisty tem razão — Byron fala do nada, do banco de trás. Quase tenho um troço e Whit derrapa na curva.

— Byron! Mas o que é... — dou um murrinho no braço dele e Swain continua dando sua opinião, que ninguém pediu, como se estivesse participando da conversa desde o começo.

— Historicamente, a música tem sido bem-sucedida ao unir grupos de pessoas por uma causa comum. Vocês se lembram de quantos jovens vieram apoiar a Resistência no Stockwood? Foi... incrível!

Ele fica cada vez mais empolgado, sei que está pensando naquele momento elétrico em que meu poder fluiu através dele e demos o maior show num estádio cheio de fãs gritando a plenos pulmões. Foi a melhor noite da minha vida. Fico arrepiada só de pensar.

Mas, como sempre, minha irritação com Byron Swain parece dominar qualquer outro sentimento que eu tenha por ele. Se ele está na van agora, quer dizer que também estava aqui com nossos pais.

— Você estava aí o tempo todo? — exijo saber. — Você ficou espionando nossa família naquele momento tão íntimo?

Byron faz que sim com a cabeça e, sem hesitar, transformo o cara em fuinha de novo.

— Ai, não, Wist! — A criaturinha dá um gritinho para mim, empoleirada em meu banco. — Você sabe que só fiz isso porque quero ficar perto de você e saber mais sobre o seu jeitinho de bruxa.

— Tá, falou, Byron. Espero que você goste de comer ovos de passarinho e ratos, porque você vai ser uma fuinha por um bom tempo.

O fuinha dá uns gritinhos ridículos e começo a ficar com dó dele. Seu focinho, que não para de se mexer, me deixa de coração mole. Então, o transformo em gente de novo, de uma vez.

— Obrigado — ele sussurra no meu ouvido —, e eu estava falando sério quando disse que quero ficar mais perto de você, Wisty.

E então, antes de eu me dar conta do que está acontecendo, Byron Fuinha Swain, estranho, irritante, insuportável, se aproxima de mim e me dá o beijo mais carinhoso e elétrico que eu poderia imaginar — especialmente vindo dele.

Whit assobia.

Minha cabeça gira, meu estômago dá uma cambalhota e meu coração queima. Isso não pode ser bom.

— Isso — digo, ainda tonta, quando ele finalmente me solta — não é um bom agouro para o

seu futuro.

Whit

O Único pode estar morto e a maioria da Nova Ordem, destruída, mas ainda há tanto a fazer.

Desligo o motor e Wisty, Byron, Emmet e Sasha saem da van, para esticar as pernas.

Byron está com o braço ao redor da cintura de Wisty e Sasha não está perdoando, não. Wisty já está vermelha, mas ela não tenta se livrar do braço de Byron. Parece que está... se divertindo. Ela parece mais feliz do que nunca desde que a Nova Ordem veio e virou tudo de ponta-cabeça.

Janine se vira para mim, do banco da frente.

— Olha, acho que nunca tive a chance de agradecer você por ter salvado minha vida e me curado lá na Terra das Sombras.

Abro um sorriso.

— É, íamos te largar lá no rio, mas é legal ter você por perto.

Ela ri e então olha pela janela, observando a cena que nos aguarda.

— Pronto? — ela pergunta, apertando minha mão. Respiro fundo e aperto a mão dela também.

— Como nunca na vida — respondo, e seguimos os outros lá para fora.

O prédio não é mais como eu me lembrava. A porta da frente foi trocada, os buracos foram cobertos e tem gente nos andaimes lá em cima, trabalhando para reconstruir os andares bombardeados.

Luzes do Feriado brilham na sacada e enfeites reluzentes piscam nas janelas. O globo de neve fica em um lugar de honra na varanda.

Os Neederman olham lá do batente da porta. Ninguém mais fica de olho no céu esperando pelos bombardeios. As roupas deles não são novas, mas são um pouco mais novas. A esperança deles não está totalmente recuperada, mas vai se remendando aos pouquinhos. Eles vão ficar bem. Eles vão persistir e chegarão lá. Porque é isso que sobreviventes fazem todos os dias.

Pearl Marie sai de trás de Mama May e vem correndo para nós, com um sorriso bobo no rosto. Ela pula em meu colo e joga os braços ao redor de meu pescoço.

— Você fez o que disse que ia fazer mesmo — Ela quase não acreditou. — Você nos libertou, como tinha prometido. Isso é incrível!

— E você esperava menos do que isso, menina? Eu sou uma bruxa assustadora — Wisty diz, mexendo os dedos. Ela me dá um soquinho na costela. — E Whit é um mago velho e sábio.

Não consigo parar de sorrir para minha irmã.

— Viu só, Pearl Marie? Não falei que voltaríamos? Não prometi para você?

Pearl concorda com a cabeça e me encara com seus olhos cinza enormes, olhos cansados demais para uma menina de 7 anos, mas que estão tentando acreditar no bem que ainda existe no mundo.

Nunca fiquei tão aliviado na vida ao cumprir uma promessa.

Enquanto andamos pelas ruas cheias de vida nova, eu entendo. Não há finais felizes, não há

contos de fadas. Mas as páginas continuam sendo escritas. O tempo segue em frente.

Quem sabe se os piores dias já ficaram mesmo para trás? Ou se O Único será a única pessoa que trouxe tempos difíceis para nós? Só sei que tudo, cada momento, foi muito real.

Posso fechar o livro nessa parte da história. E posso começar um capítulo novo, mas já não importa mais.

Porque agora a magia está por toda a parte.

**Trechos da
PROPAGANDA DA
NOVA ORDEM**

como Divulgada pelo
Conselho de “Artes” da N.O.

PESSOAS REPRESENTATIVAS QUE COLOCAM ALGUMA DIVINDADE ACIMA DO ÚNICO QUE É O ÚNICO

como Proibidos pelo Único Que Gerencia Tradições, Costumes, Rituais, Práticas e Crenças

Mega (substantivo próprio):

Milhões de pessoas em um grupo devoto insistem em visitar essa cidade antiga pelo menos uma vez na vida e rezar, com a cabeça no chão, cinco vezes por dia, voltadas para essa localização geográfica. A Nova Ordem subsequentemente banuiu todas as bússolas para que a posição dessa cidade, antigamente sagrada, não possa ser encontrada.

livre-arbítrio (substantivo):

Uma ideia delirante de que os humanos têm controle sobre o seu próprio destino e não estão sujeitos ao poder benevolente do Único Que É O Único. Devido à popularidade desse modo de pensamento vergonhoso entre gerações anteriores e ignorantes, os cidadãos de hoje precisam ser constantemente lembrados de que a submissão à Nova Ordem é a Única maneira de pensar.

milagres (substantivo):

Eventos advindos de coincidências e que promovem excitação e/ou crenças em falsos poderes ou divindades acima do Único Que É O Único. Todos os eventos inexplicáveis do gênero devem ser deletados das lembranças agora mesmo.

Mopus Dei (substantivo próprio):

Uma antiga tradição que pregava um estilo de vida mais sério e controlado, incluindo as vestimentas modestas e horários rígidos de seus seguidores. A Nova Ordem considerou essa adoração obstinada de uma divindade além do Único Que É O Único censurável, e o movimento foi dissolvido, mas muitas de suas tradições ascéticas foram implementadas na vida diária do Centro Admirável Mundo Novo.

rezar (verbo):

Ato curioso de reconhecer a existência de e tentar se comunicar com um ser considerado em um posto mais alto que O Único Que É O Único. Qualquer pessoa flagrada com as mãos juntas ou curvada sobre o chão, sem fazer nenhuma referência ao Único, estará sujeita à mais terrível punição.

Profecias (substantivo):

Versos cantados que afirmam predizer o futuro, muitas vezes em uma forma ilegal e sofrível de poesia. As *Profecias* são uma bobagem fabricada por adolescentes rebeldes para provocar confusão. É expressamente proibido transmitir essas elocuições de qualquer maneira, independentemente do quão ameaçadoras elas possam soar ou de sua métrica inteligente.

A Nação Reformada (substantivo próprio):

Quando Barton Ruthmer, famoso simpatizante da Resistência, pregou à porta do complexo do palácio da Nova Ordem uma lista excessiva de reclamações contra o regime, foi prontamente executado. Seus seguidores sobreviventes, se é que ainda existem, devem ser executados também.

(MAIS) LIVROS ESPECIALMENTE OFENSIVOS QUE FORAM BANIDOS

Como Ditado por O Único Que Bane Livros

AS AVENTURAS DE DINDIN

Um jovem detetive, bobo e com um corte de cabelo absurdo, que trabalha por conta própria, viaja pelo mundo com seu cachorro e se envolve em situações em que sua presença é indesejada. A narrativa desse livro, que mostra um cidadão comum tentando fazer justiça com as próprias mãos, é repugnante, e a série muitas vezes ignora os métodos minuciosos de inspeção de passaportes. O livro foi banido das prateleiras para se evitarem mais erros como esse.

HISTÓRIAS DE GLÓRIA DA ESCOLA DA RESISTÊNCIA

Vinte capítulos apresentam vinte alunos fora da lei em uma escola de traidores, que ensina estudantes a lutar contra o regime da Nova Ordem e conta fatos divertidos das missões que não deram certo. Usando esse livro pérfido como prova, os soldados da N.O. localizaram a escola e a destruíram.

A MISTERIOSA COMUNIDADE BENDITA

Um grupo de quatro crianças explora as ruínas de um antigo prédio de escritórios que pertenceu a uma corporação chamada Apfel, em busca de pistas sobre a ascensão e queda de seu império dominador e, mesmo assim, totalmente destruído. Após a publicação do livro, o autor foi gentilmente lembrado de que há razões muito razoáveis para a história ter sido apagada e que a curiosidade deve ser exterminada pela raiz.

STEVE PEREGRINO

Uma aventura sobre um jovem recruta da Nova Ordem demasiadamente emotivo e incompetente, que deve matar os ex-namorados da jovem de seus sonhos da N.O. para que possam ficar juntos. Apesar de ser uma amostra verdadeira da necessidade de treinar jovens recrutas, o enredo apela demais para o romance e cultura popular, e, portanto, esse livro está banido.

AS CRÔNICAS DE SHADOWICK

Dois meninos gêmeos se mudam para a casa vitoriana de sua tia-avó no que o autor, mal-informado, insiste em dizer que seja a Terra das Sombras (um lugar mítico que a Nova Ordem já fez de tudo para provar que não existe). NOTA: O autor das *Crônicas de Shadowick* foi

recentemente informado sobre a origem imaginária da “Terra das Sombras”.

UMA PULGA NO TEMPO

Três irmãs desenvolvem os chamados “poderes mágicos”, que as permitem brincar com o tempo. Elas utilizam esses poderes para fugir do governo e explorar mundos novos e bem inferiores. Se essas crianças não fossem fictícias, já estariam a caminho de um dos muitos reformatórios da Nova Ordem para cidadãos confusos e perigosos.

VAMPIROS DO NORTE

Uma moça de vinte e poucos anos mora em uma cidadezinha onde convive com humanos e demônios (seres imaginários, que podem muito bem ter sido criados pelos dublês de magos e bruxas que aterrorizam os respeitáveis cidadãos da Nova Ordem). Ela luta para encontrar um equilíbrio entre os “demônios” que deixaria viver para participar de sua vida social e aqueles que deve matar para garantir sua segurança. A resposta óbvia é que todas essas manifestações de seres fictícios devem ser destruídas sem demora.

SITES PROIBIDOS COMO SUBTERFÚGIO

como Proclamado por O Único Que Surfa no Ciberespaço

CUÍQUER

Um sistema quase incompreensível de mensagens curtas e secretas que ajudou a Resistência a trocar informações nocivas entre seus simpatizantes. Os esforços da Nova Ordem para eliminar esses meios altamente criminais de comunicação foram ágeis e absolutos.

FRÚGOL

Esse mecanismo de busca foi inventado por uma jovem rebelde que, narcisisticamente, acreditava que poderia criar um registro de toda informação ilegal, contrabandeada e altamente perigosa na Internet. AVISO: Essa moça ainda está à solta e tenta oferecer aos bons cidadãos da Nova Ordem os chamados “documentos do discurso livre”, que contêm propaganda falsa contra a Nova Ordem e nosso governo tão ilustre. Oferecemos uma recompensa por sua captura.

MAIESTEIQUE

Um site social onde os usuários glorificam o vício da individualidade, com base em seus gostos musicais e literários, uns para os outros, por “diversão”. A Nova Ordem percebeu rapidamente a quantidade de material banido que estava sendo distribuído no site e entrou em ação para substituir todas as formas proibidas de “conteúdo criativo” por documentos oficiais da N.O., como o novo *Código dos Cidadãos da Nova Ordem* e a autobiografia de nosso estimado líder, *Como me tornei O Único*.

FRIENDLOOK

Esse site continha o histórico completo de um período em que jovens e adultos eram livres para disseminar informação — notas culturais, opiniões políticas, fotos e outras liberdades perniciosas — por meio de uma quantidade maciça de publicações geradas pelos usuários. Todos os traços de sua existência foram deletados de todos os computadores.

PROGRAMAS INAPROPRIADOS Q UE PROMOVEM O ABSURDO E ILUSÕES DE GRANDIOSIDADE

como Desligados por O Único Que Reestrutura a Mídia Visual

FLEE

Comédia musical sobre jovens da Resistência que tentam fugir de um Centro Admirável Mundo Novo. Os jovens percebem que, ao cantarem músicas pop fúteis em cativeiro, conseguem infligir grande tortura psicológica em seus guardas. Material altamente inapropriado.

JOST

Esse drama segue um grupo de rebeldes da Resistência cujo avião — alterado com sucesso pelos valentes soldados da Nova Ordem — cai em uma ilha deserta. Os passageiros são submetidos a testes por algo que eles acreditam ser uma “ilha mágica” (na verdade, trata-se de um espaço criado por cientistas da Nova Ordem), somente para descobrir que ficarão presos por lá até que sejam executados pelos crimes que cometeram contra o governo. Trata-se de um final adequado para criminosos do Estado, mas, como o programa inspirou muitos telespectadores rebeldes, foi retirado do ar e deixou de ser produzido.

MOUSE

Um documentário de mau gosto sobre a vida diária das últimas pessoas que ainda se lembram de como a vida era antes do governo do Único Que É O Único. O gerente insuportável do hospital, o Dr. Mouse, tenta tornar seus dias mais fáceis, mas, por alguma razão, a saúde dos pacientes ainda se deteriora drasticamente sob seus cuidados.

SEI Q UE MORDEM

Um documentário que mostra o que acontece por trás das prisões da Nova Ordem por meio de câmeras escondidas em salas de interrogatório, com eventos transmitidos ao público toda semana. Embora a Resistência tenha classificado o programa como “revelação”, essas fitas já foram aceitas pelo Único como uma maneira de unir as boas pessoas da Nova Ordem contra os criminosos que nos ameaçam. Todas as câmeras foram desligadas, mas reprises das gravações originais ainda podem ser vistas nos canais da rede da Nova Ordem.

A VIDA REAL

A verdadeira história de sete adolescentes da Resistência capturados e escolhidos para viver em um belo palácio do governo e ter suas vidas gravadas para descobrir se um treinamento especializado da Nova Ordem poderia levá-los de volta ao bom caminho. Como o programa se tornou cada vez mais violento devido à natureza agressiva e mal-educada dos participantes, o experimento teve de ser abandonado.

Q UEM Q UER SER O ÚNICO Q UE É O ÚNICO?

Um programa de televisão popular, com perguntas de conhecimentos gerais para os participantes, que prometia aos vencedores a chance de se sentar no trono por um dia. Ninguém conseguiu levar o prêmio máximo antes de o programa ser retirado do ar, devido a objeções do Único Que É O Único.

Notas

[\[1\]](#) O poema é “The Mask of Anarchy”, de Percy Bysshe Shelley (N. T.).

[\[2\]](#) Tradução livre de “A Hand-Mirror”, de Walt Whitman (N.T.).